Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 131 Quinta-feira, 7 de Agosto de 1986 Preço 40$00

CNP
Factos desafiam Cavaco Silva
Pág. 8

Primeiro fogo teve origem criminosa

CHAMAS VOLTARAM A MATAS DE BELAS

Os bombeiros desencadearam uma luta cerrada contra as chamas, tendo para o efeito sido obrigados a entrar no aquartelamento dos GOE's

O incêndio em matas de Belas, voltou a reacender-se ao principio da manhã, mobilizando oito corporações de bombeiros, num total de 31 viaturas e 100 homens. O sinistro, que deflagrou ontem á tarde, teve origem criminosa, de acordo com as afirmações dos «soldados da Paz» que, durante toda a noite, combateram as chamas, evitando que algumas habitações tivessem sido destruídas. Elementos da corporação de Belas indicaram que, momentos antes das chamas irromperem, se verificaram explosões, o que reforça a convicção de que, na origem do sinistro, está um acto criminoso.

Pág. 4

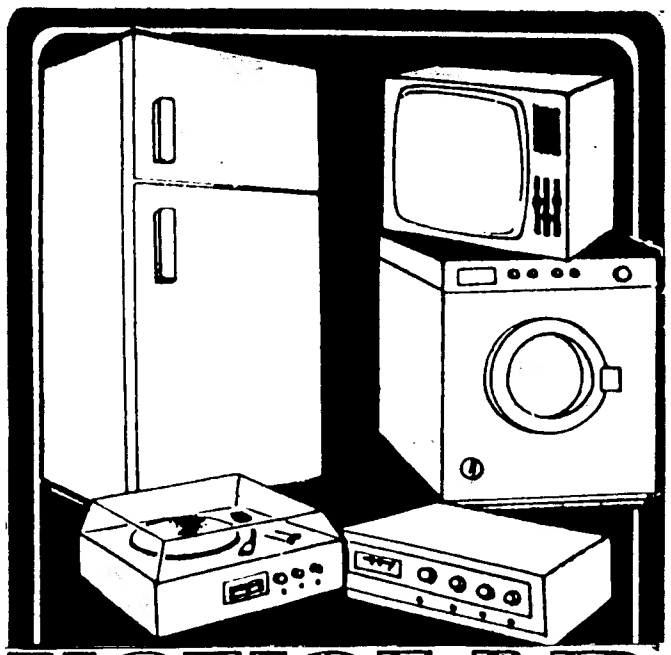
Indemnizações somam milhares de contos

Peste suína mata porcos alentejanos

Pág. 6

Estamos na Volta a Portugal com

TINTAS DYRUP



NOVOLAR
TUDO PARA O LAR
R. Ferreira Borges, 139-143 68 79 28
R. Correia Teles, 1-3 68 68 16
Campo d'Ourique LISBOA

Folhetim artístico

"L'Artiste du Mois"

José-Augusto França

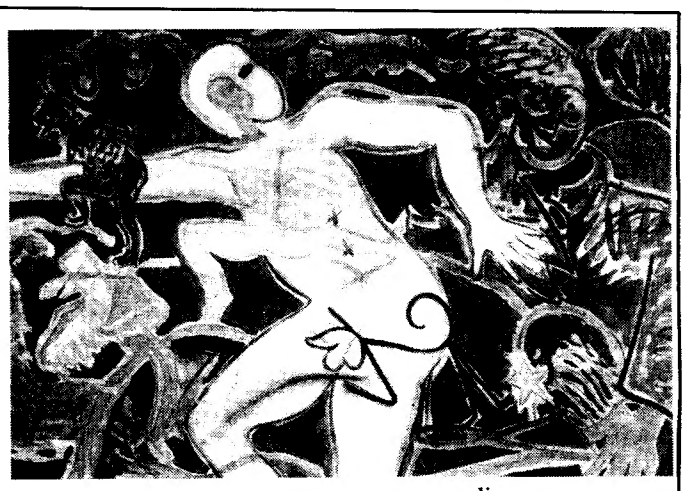
Nenhuma solenidade ou etiqueta nestas miniexposições mensais, sobre uma parede de cinco metros e meio, a mais vista por toda a gente que vem aos concertos, às conferências, aos cursos ou à biblioteca do Centro Cultural da Fundação Gulbenkian em Paris.

A ideia não vale mais que o ovo que Colombo pôs de pé, mas tem a vantagem de dar a ver regularmente artistas portugueses numa cidade onde ninguem os vê, ou só raramente, nos acasos do mercado que não se arrisca por esse lado da península. Somando as exposições assim realizadas, chegamos já a onze, ao fim desta temporada de 1985-86 — e um assunto de folhetim se desenha e justifica, agora e aqui.

Aqui e em Paris também, que lá se processa a informação, com os quadros mostrados e uma ficha ilustrada, onde se diz o essencial sobre o pintor em questão — da idade que tem e das exposições que fez, e até, se tal foi o caso, do que em Paris sobre ele se escreve.

Onze artistas foram então escolhidos, em propositado acaso, sem programa predeterminado, nem bicha de candidatos, e tudo regulado apenas pela qualidade de cada qual, e pela variedade do panorama. Ao princípio, queria a ideia que se tratasse exclusivamente de artistas residentes em Paris ou em França, mas outros apareceram em visita e foram razão de convite. Eles todos trazem o que têm em «ateliers» (ou colecções) da cidade, ou debaixo do braço, senão por outra via que a Fundação Gulbenkian ajuda. É possível, assim, fazer nove miniexposições por temporada, de Outubro a Junho, quando a sala grande não está ocupada com uma exposição que transborde para a parede reservada. Raramente tal pode acontecer, aliás numa política artística que queira basear-se em principios de bom senso e conhecimento do meio parisiense, levando isso a só realizar exposições de excepção e com interesse local assegurado — pela situação do expositor, pelo seu carácter excepcional em Paris, ou pela originalidade do tema. Foram os casos de retratos de Vieira da Silva pelo marido Arpad Szenes, ou, um ano após a morte deste, duma homenagem necessária ao pintor, na sua relação com a paisagem portuguesa vista ou sonhada. Foi o caso, também, duma exposição seguida de concerto, colóquio e publicações, sobre o tema do «Labirinto», em que, ao lado de Dubuffet, Alenchinski, Herold, Marta Pan, Corneille, Télémaque, Hayter, Peverelli, Vieira da Silva, Ubac, havia pintores portugueses como Rodrigo, Noronha, Martins ou Guimarães, em legítimo direito de qualidade. Foi sobretudo o caso duma exposição de Gorky, que jamais Paris vira, por estranho que pareça, merecendo assim, o sucesso que a descoberta provocou em toda a crítica. Também uma iconografia de Pessoa, pelo Costa-Pinheiro, fez exposição, articulada com a exposição literária de Beaubourg, em 85; e o outro caso foi, logo ao princípio, a apresentação dos admiráveis retratos dos Constituintes de 1821, desenhados por Sequeira, da colecção do Museu de Arte Antiga, e com a participação do Louvre, em êxito de estima como se diz, algo reservado a especialistas. Segue-se agora o projecto duma exposição de Rafael Bordalo Pinheiro, a integrar na grande exposição da Arte Portuguesa do século XIX no Museu do Petit Palis, em Outubro de 87, caso de colaboração com o museu municipal que, em Lisboa, conserva a obra do desenhador; e talvez outra, depois, ligada a Lisboa Pombalina, ainda, a definir. Definida, definida foi, porém, e abortada, uma exposição sem dúvida de interesse nacional, e já com trabalhos de preparação avançados em contactos franceses, sobre o surrealismo português, de 1940 a 50 — arte completamente ignorada em França, como se viu na recente grande exposição surrealista de Marselha. Portugal ali teria estado se, antes, não tivese havido impedimento por falta de cedência de meia dúzia de obras fundamentais e indispensáveis para interessar o público parisiense.

Mas as exposições do «artista do mês» vão continuando o seu caminho, insinuando, sem improfícuo barulho, uma presença portuguesa. As fichas são levadas por muita gente, as imagens ficam nos olhos de quem vem e é capaz de olhar... Isso chega ou tem que chegar, atendendo às estreitas condições dum centro Cultural estrangeiro, em Paris, por mais rico que seja — se não tiver artistas já célebres lá em casa, afeitos a circuitos internacionais reais.



Onze miniexposições se contam então: de pintores residentes em Paris, como era o malogrado Vasco Costa (e na sua ficha um extracto de G. Boudaille marca a presença parisiense que teve) e são o A. Dacosta, o J. Pomar, o Jorge Martins, o João Moniz ou o Z.L. Darocha, ainda pouco conhecido em Portugal, mas muito provavelmente o melhor de quantos andam pelas paragens da «bad painting»; e de outros de passagem, como o M. Baptista, o A. Sena, a Marta Teles, o Joaquim Rodrigo ou o Tom-Tomás de Melo — o último, em data, a expor uma colecção de serigrafias feitas sobre desenhos realizados em Paris há uns bons cinquenta anos e para os quais António Pedro escrevera um longo poema, parisiense também, de saudades de Portugal...

Outras vão seguir-se, do Alve e do Manuel Casimiro, de Paris um, de Nice o outro, da Gracinda Candeias (em excelente progresso, diga-se, porque nova ainda é, e está bolseira em Paris...), depois da Lourdes Castro, ex-parisiense onde deixou muitos quadros, do Costa-Pinheiro, do Cruz Filipe, da Maluda, ou do José Guimarães, vindos de Lisboa — etc, etc...

Programa que não o é nem quer ser, e antes se satisfaz em encontros de oportunidade, de simpatia ou de camaradagem — e de qualidade, é claro e óbvio que sempre. A verdade é que já houve onze encontros destes, e vão realizar-se muitos mais, pendura-ram-se já não sei quantas pinturas, quatro ou cinco de cada vez (ou uma só, enorme, por acertada escolha do Darocha) e sempre se compõem vitrinas com documentação útil para a identificação do artista exposto. Pouco será — mas o muito também é inimigo do bom, e a homeopatia em coisas de cultura dum país pobre em casa de ricos é preceito a seguir delicadamente...

"Um caso" do 12° ano

O que vale uma certidão? Ou os processos da burocracia escolar

Luís Reis Torgal

Há dias o **«Jornal de Notícias»** referia-se ao caso — **«Um caso» do 12.° ano.**[1].

Vale a pena falar dele outra vez, agora como quem conta uma «estória». Na 3.ª pessoa do singular, ou na 3.ª pessoa do «pessoal», para que cada leitor — estudante, encarregado de educação, professor ou simples cidadão — o encarne dramaticamente e até com uma pontinha de revolta.

Era uma vez um estudante que terminou o 12.° ano em Julho de 1985 sem uma classificação muito elevada (12,5), nota de candidatura. Embora concorrendo ao ensino superior, resolveu procurar outras alternativas no âmbito de escolas de novas profissões. Entretanto, dizem-lhe que pode repetir um cadeira na época de Setembro para melhoria da nota. Vai à sua escola e pede informação na Secretaria e no Conselho Directivo, que lhe respondem afirmativamente. Escolhe então a disciplina de História — estava melhor preparado e, além disso, no ano que ia iniciar (numa das reviravoltas já comuns da nossa orgânica escolar), o programa iria mudar quase completamente. Assim o fez, com sacrifício das suas férias e das outras alternativas em que chegara a pensar.

Obteve 15 valores. Pediu então a sua certidão, que lhe foi passada pela escola. Ali estava ela — papel passado, com selo branco e todos os condimentos legais. Atestava que havia subido para 15 na nota de «aferição» e na nota de «frequência», «nos termos da legislação em vigor». Quanto à subida da nota de «frequência», com franqueza achou um pouco estranho — então não era ela calculada pelo resultado dos períodos lectivos em sistema de avaliação contínua?! Tivera 13 e subia agora para 15! Já quanto à nota de «aferição», não teve qualquer dúvida — fizera outro exame, que logicamente eliminaria o resultado do primeiro (12), obtido no exame de Julho. Com essa certidão foi à Delegação do Gabinete de Ingresso no Ensino Superior do seu distrito, explicou que acabara de subir a nota de candidatura (para 13,7) e procurava saber se havia vagas a que pudesse concorrer. Não havia, efectivamente. Ficou, contudo, conformado e preparou-se para um novo ano de trabalho. Entretanto, como recorrera da nota de exame (considerava que uma resposta não estava bem classificada e, com franqueza, a revisão de provas do 12.° ano já se tornou uma formalidade a cumprir), verificou com agrado que lhe haviam subido a nota para 16. Nova certidão pedida, nova certidão passada — 16 em nota de «frequência», 16 em nota de «aferição». Melhor! — se lhe fosse concedido um valor de bonificação, como era costume, já tinha uma nota de candidatura de 15 valores em 1986. Como era difícil ultrapassar o 16 de História, pensou então investir só nas outras duas cadeiras, em que tinha uma classificação mais baixa.

Passaram-se meses do ano lectivo e o aluno preparava-se para realizar os dois exames em Julho. No fim do mês anterior, como ouvira falar de uma primeira fase de candidatura, resolveu, porém, ir à Delegação do Gabinete de Ingresso para saber se deveria entregar já a certidão comprovativa da melhoria da classificação obtida em Setembro. Disse-lhe o prestável e simpático funcionário, com muito pesar, que deveria alertá-lo para a hipótese do Gabinete Coordenador não lhe contar a nota de Setembro para a melhoria da classificação da «aferição». «Da aferição?! — pergunta espantado o estudante. «Quererá dizer da frequência, não é verdade?» Responde solícito o delegado: «Não, da aferição, porque o n.° 3 do Artigo 12.° da Portaria n.° 168/85, de 29 de Março, com redacção corrigida pela Portaria n.° 352-A/85, de 8 de Junho,[2] não prevê a repetição em Setembro de um exame de aferição para melhoria da nota». «Mas então eu não fiz exame?!» — retorquiu, atónito, o estudante. «Fez exame, mas, como a legislação que o permitiu diz respeito ao curso do 12.° ano,[3] a melhoria de classificação só tem efeito na nota de frequência». Estupefacto, concluía assim que o exame realizado em Setembro embora coincidente com a prova de aferição, afinal não era a prova de aferição! «Ser ou não ser, eis a questão».

Dirigiu-se então ao Conselho Directivo da sua Escola Secundária, pronto a reclamar (e até a mover-lhe um processo judicial) por ter sido deficientemente informado dos efeitos do exame que efectuara. O seu presidente, após analizar a questão, consultando portarias e despachos, concluiu que o aluno estava na posse da razão e que a escola actuara de acordo com o que pensava ser a interpretação correcta da lei. Do mesmo modo haviam, de resto, procedido muitas outras escolas.

A partir daí, no meio dos exames que tinha de fazer para melhoria da nota — aceitar a dita interpretação do Gabinete Coordenador de 15 de nota de candidatura passava para 13,7 — procurou, revoltado, fazer valer os seus direitos. Um longo processo de exposições... A poucos dias da candidatura, mantém-se o **suspense**, não como numa vulgar «estória», mas como numa novela policial. Resta apenas acrescentar que o que se passou com este estudante foi protagonizado — por certo até de forma mais dramática — por vários outros.

Relacionamento com Mota Amaral "tem sido o melhor possível"

- diz Rocha Vieira

O ministro da República para os Açores, brigadeiro Rocha Vieira, chegou a Lisboa, para assistir hoje ao Conselho de Ministros para que foi convocado.

Rocha Vieira afirmou à chegada que o seu relacionamento com o presidente do governo Regional dos Açores «tem sido o melhor possível», frisando que «a colaboração institucional entre os dois orgãos tem de existir para o regular desempenho das instituições.»

Aquele ministro da Rpública adiantou que «as relações pessoais» são essenciais para que o relacionamento institucional «se processe dentro de um clima de confiança».

Recorde-se que Mota Amaral empenhou-se activamente na oposição à nomeação de um militar para ministro da República, mas sem êxito.

Chegado a Lusaka...

Azevedo Soares já admite sanções económicas contra a África do Sul

Argumentando que a posição portuguesa é «dinâmica» e que vai sendo «afirmada em função dos acontecimentos», o secretário de Estado, Azevedo Soares, disse à sua chegada ontem a Lusaka que as sanções económicas podem acabar por se transformar no «único meio político para agir sobre a África do Sul».

O responsável português que esteve anteriormente na África do Sul, para contactos com as autoridades locais e com membros abastados da comunidade portuguesa, era aguardado no aeroporto pelo ministro de Estado Sianga. Disse ser portador de uma mensagem de Cavaco Silva para Kaunda, idêntica às que entregou também a Eduardo dos Santos (Angola) e a Samora Machel (Moçambique) e mostrou-se menos hostil às sanções económicas, acrescentando que o Governo português pode ser obrigado a aderir e a apoiá-las.

Azevedo Soares, que em Pretória se mostrou bem mais hostil à necessidade de sanções económicas contra o «apartheid», avistou-se ao fim da tarde de hoje com o presidente Kaunda e ainda com uma delegação do ANC, chefiada pelo secretário-geral adjunto, Tan Tlone.

Kaunda

Kenneth Kaunda, considerado como «o homem calmo de África», é actualmente o presidente dos Estados da Linha da Frente e chefe de um estado tido como o ferrolho na luta contra o «apartheid».

A Zâmbia — escreve Augusto Carvalho, da NP — tem sido tradicionalmente santuário dos movimentos de libertação, papel que continua agora a desempenhar em relação ao ANC.

Kaunda parece ter abandonado, por momentos, a sua atitude calma, para liderar o processo a favor das sanções contra a África do Sul.

Quem o conhece bem diz que este homem, unanimamente considerado como um dos pais da África independente, vê na aplicação das sanções o único meio de fazer evoluir o processo político sul-africano sem entrar pelos caminhos da explosão violenta.

Ainda a semana passada Kaunda ameaçava abandonar a Commonwealth devido à atitude de Margareth Thatcher contra as sanções.

IDN precisa de quadros e de verbas

- reconhece Ministro

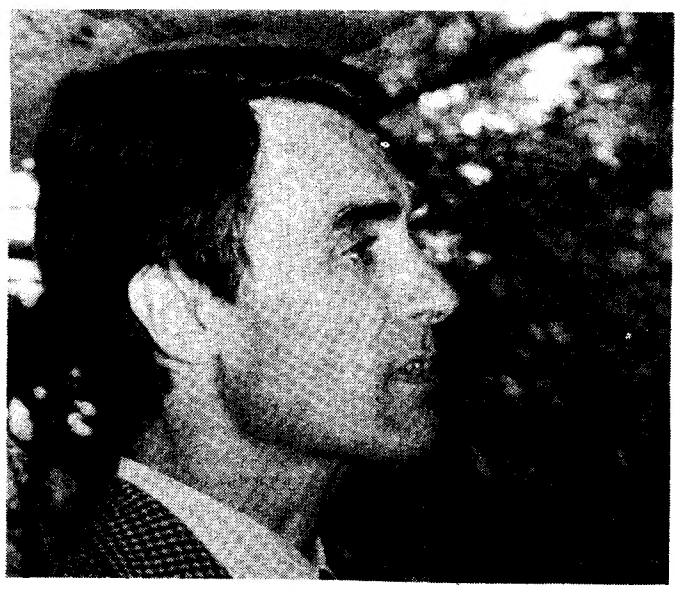
O ministro da Defesa, Ribeiro de Almeida, reconheceu ontem, na posse do novo director do Instituto de Defesa Nacional (IDN), general Pelágio Castelo Branco, que o organismo tem escassos meios («carecido de quadros, verbas insuficientes e acanhadas instalações») apesar de ter por objectivo «a tarefa de estudo e investigação ao mais alto nível dos estudos de Defesa Nacional».

Aludindo a criticas recentes a aspectos da Defesa Nacional (equipamentos? Nomeações?), o ministro disse que «na maior parte dos casos o tema é «infelizmente tratado com a mais completa ignorância ou com impudente alteração das realidades.

na cerimónia, o novo director do IDN salientou que o organismo representa a «sede adequada para a preservação dos valores inerentes da realidade histórica» do país, alertando por outro lado, para determinadas condições que pretendem «ofender a mística da Pátria».

Castelo Branco acrescentou que cabe ao IDN «estudar as vertentes fundamentais» que possam contribuir para «uma mentalidade aberta e esclarecida da sociedade portuguesa».

Durante a cerimónia, a que assistiram também os chefes dos três ramos das Forças Armadas, directores dos Institutos de Ensino Superior Militar e outros elementos ligados à actividade militar e de Defesa Nacional, o director cessante foi agraciado com a medalha de ouro de serviços distintos.



Discurso em festa PSD

Cavaco reaparece dia 17 no sítio do Pontal (Faro)

As festas de Verão do PSD, tradicionalmente realizadas no sítio do Pontal, nos arredores de Faro, têrão este ano lugar nos próximos dias 16 e 17.

No primeiro dia serão inauguradas as novas instalações da Comissão Política Distrital e do Gabinete Distrital de Estudos, em Faro, e haverá um colóquio sobre regionalização na Assembleia Distrital com a presença de Barbosa de Melo, Nuno Vitorino e Maria de Lurdes Monteiro.

Torneios de tiro aos pratos e pombos e um baile regional à moda antiga concluem o primeiro dia dos festejos.

No último dia para além de um «rally paper», das finais de diversos torneios desportivos da JSD e de um almoço de confraternização, terá lugar uma festa/comício que contará com a presença do líder do partido, Cavaco Silva.

João Jardim quer NATO na Madeira

«Ao contrário das vizinhas Canárias que votaram no referendo em Espanha contra a sua presença na Aliança Atlântica», o Governo regional da Madeira tem «uma opção claramente pró-NATO». As palavras, elucidativas, são do presidente do Executivo madeirense à saída de uma reunião com o ministro da Defesa na qual foram analisadas questões relativas à defesa e à autonomia da Madeira.

Mas para que dúvidas não subsistam João Jardim — que tinha chamado a atenção para o ênfase que os membros da Aliança Atlântica têm posto na defesa do flanco norte «dado que pretendem garantir as rotas de abastecimento entre os países ricos, isto é entre os Estados Unidos, Inglaterra e outros países da Europa do norte» — defendeu que portugal «tem todas as vantagenns em valorizar a sua posição no flanco sul». Para isso, aí está a Madeira onde «não há qualquer hostilidade à presença de marinhas aliadas».

E para além da tradicional hospitalidade das gentes lusas, Jardim referiu ainda uma outra vantagem: «A Madeira está á mesma latitude de Casablanca, mais próxima das costas de Marrocos do que do continente português».

Sobrepondo-se aos órgãos de soberania nacionais, Alberto João Jardim vai mais longe e não hesita em oferecer desta forma parcelas do território português: «a Madeira e o Porto Santo são duas ilhas de que a NATO poderá dispor privilegiadamente para poder acorrer a emergências em tudo o que se prenda a ocorrências para abastecimento ao continente europeu.»

Outros combates

Enveredando depois por outros combates, João Jardim teceu as suas habituais críticas ao sistema, que «não presta» e à falta de esstabilidade política porque «não há um Governo maioritário».

«Portugal — acrescentou — já viveu dramas demasiados desde 1974, pelo que tudo o que se fizer para desdramatizar no plano institucional é um serviço que se presta ao País».

João Jardim referiu-se ao que considera «uma campanha insidiosa em órgãos de Comunicação Social do continente no sentido de se obter do Ministério das Finanças possibilidade de a Caixa Económica do Funchal vir a cair nas mãos de capitalistas do Continente».

Sobre a questão, o presidente da Região Autónoma da Madeira disse que o Ministério das Finanças «vai ter o bom-senso de não sacrificar instituições de crédito já existentes que não têm problemas diferentes da banca nacionalizada e que se prendem com excesso de liquidez, um sistema político que não oferece confiança ao investimento e pouco recurso ao crédito devido às altas taxas de juro».

«Espero que este escolho importante, o único que pode existir entre o Governo Regional e o Governo da República, seja resolvido pelo reconhecido bom-senso do Ministério das Finanças» — acrescentou.

Relativamente à Assembleia da República, João Jardim diisse que existe «clara distância do seu Governo em relação ao que lá se passa, mesmo em relação a esse órgão de soberania».

Sobre o Tribunal Constitucional, João Jardim assumiu uma posição de total crítica, dizendo: «Chegámos a uma fase em que deixámos de lhe ligar. Todas as suas decisões são contra as autonomias. Não nos oferece o mínimo de crédito, pelo que passamos a ignorá-lo».

Chamas reacenderam-se em Belas

Reacendeu-se ao meio da manhã de hoje o incêndio que, durante a tarde e noite de ontem deflagrou em áreas arborizadas de Belas, destruindo uma vasta área de mata e culturas agrícolas, provocando ferimentos em seis bombeiros. segundo os «soldados da Paz» na origem do sinistro está uma acção de crime de fogo posto.

«O fogo reacendeu-se nalgumas frentes, e o material que voltava aos quartéis foi mandado regressar ao local», declarou ao meio da manhã de hoje ao «DL» um informador do Centro de Coordenação de Almoçageme. A mesma fonte adiantou que «estão lá oito corporações- Agualva Cacém, Almoçageme, Amadora, Belas, Colares, Ericeira, S. Pedro de Sintra e Sintra- num total de 31 viaturas, e que o fogo já está controlado, mantendo-se activo».

Explosões antes das chamas

Recorda-se que o fogo começou em duas frentes situadas na Quinta da Fronteireira e na Quinta das Águas Livres, onde se situa o centro de treino do Grupo de Operações Especiais da PSP (GOES), propagando-se, de seguida, numa só frente, devastando milhares de hectares de terra.

Mais de 250 bombeiros das corporações de Belas, Queluz, Agualva-Cacém, Amadora, Algueirão, Sintra, São Pedro de Sintra, Almoçageme, Colares, Mafra, Malveira, Ericeira, Odivelas, Barcarena e Montelavar, auxiliadas por pessoal da Cruz Vermelha e efectivos do Regimento de Comandos combateram durante as primeiras horas o sinistro, conseguindo evitar que as chamas destruíssem habitações de tijolo de alguns Casais, não impedindo, no entanto, que as chamas entrassem na área de treinos do corpo especial da PSP.

A este propósito, alguns moradores do Casal de Pelão declararam à ANOP que «em anos anteriores, antes da Quinta pertencer aos GOE's, nós fazíamos uma limpeza completa do mato num raio de 50 metros, mas agora nem sequer nos aproximamos», apontando para uma placa colocada na vedação onde se lê «Perigo de Morte».

Entretanto, «embora só os peritos o,possam confirmar», como precisou o informador fod Voluntários de Almoçageme, é convicção dos «soldados da Paz» que o incêndio é de origem criminosa, e dois bombeiros de Belas, que estavam próximos do local onde o fogo se iniciou, adiantaram que, pouco antes das chamas irromperem, ouviram dois estampidos de explosões.

Aspecto das chamas ontem à noite em Belas

Segundo um estudo da Comissão de Coordenação da Região Centro

Diferença de preços da madeira estimula os incêndios florestais

● *Vila do Rei tem 193 quilómetros quadrados. Faltam arder 17*

O diferencial do preço entre material lenhoso verde e queimado é uma das causas dos incêncios florestais de origem premeditada — admite a Comissão de Coordenação da região Centro (CCRC) em estudo recentemente publicado.

A conclusão a que chegaram os técnicos daquele organismo estatal, em estudo inserido no programa de desenvolvimento da Região Centro, entronca afinal nas acusações dirigidas a madeireiros e celuloses pelos participantes num encontro sobre fogos florestais que decorreu em Castanheira de Pêra no passado dia 4.

Na ocasião, produtores florestais, autarcas; deputados e comandantes de bombeiros da zona do pinhal da Região Centro (distritos de Coimbra, Leiria e Castelo Branco) acusaram as celuloses de terem interesses nos incêndios «para depois comprarem as terras a baixo preço» e reclamarem preços justos à produção.

«Enquanto não houver um preço justo na produção florestal, a mata vai continuar a arder, pois não compensa explorar a floresta», considerou o produtor florestal Nogueira e Silva, para acrescentar que «os incêndios florestais constituem um problema fundamentalmente económico, que passa pela decisão política de alterar, nomeadamente, os preços da madeira na produção».

Para Nogueira e Silva, dirigente da Cooperativa Agrícola da Madeira, concelho de Oleiros, a evolução dos preços da madeira a ritmo inferior dos índices da inflação não estimula os produtores florestais. «Daí que as celuloses tenham interesse nos incêndios — sublinhou — para imediatamente após comprarem as terras queimadas a baixos preços e fazerem as suas próprias plantações».

Natureza e descuidos não explicam tudo

De acordo com o estudo da Comissão de Coordenação da região Centro, «a intensidade do fenómeno dos incêndios na floresta é l que apenas causas naturais e de descuido não chegam para o explicar».

Entre as causas apontadas na análise realizada é sublinhado que «existe uma desvalorização real de recursos florestais, em particular do pinheiro; porquanto o incremento do preço do metro cúbico de madeira de pinho cresce menos. e bastante menos, que a taxa de inflação».

«Os acréscimos dos preços médios são inferiores à taxa de inflação observada, fenómeno particularmente nítido no período 198/83, em que o acréscimo do preço médio do pinheiro foi de 16,7 por cento e o do eucalipto 10 por cento, enquanto a taxa de inflação atingiu 25,5 por cento» — refere o estudo da CCRC.

O ponto de vista económico como despotelador da devastação florestal foi também sustentado pelo deputado socialista António Guterres no encontro de Castanheira de Pêra, onde afirmou que «no dia em que fosse claro que o Estado escoaria a madeira queimada deixaria de haver madeireiros interessados nos incêndios».

A acusação dirigida aos madeireiros, como intermediários dos interesses imputados por alguns dos participantes daquele encontro às empresas de celulose, foi igualmente subscrita pelo delegado do Serviço Nacional de Protecção Civil do distrito de Leiria, António Morais.

A esse propósito obervou que «os madeireiros ainda há cinco anos se passeavam de bicicleta pelos concelhos de Penacova e Vila Nova de Poiares e agora já andam em carros todo o terreno, precisamente daqueles que fazem falta a muitas corporações de bombeiros».

Celuloses são parte interessada

O comandante dos Bombeiros da Marinha Grnde, Rui Couceiro, foi um dos cerca de cem participantes do encontro que acusou as celuloses de serem parte interessada na questão dos incêndios florestais e nessa perspectiva perguntou «porque razão há universidades a fazer estudos para empresas de celulose sobre a predominância dos ventos e a sua influência na propagação dos fogos?».

No seguimento desta interrogação, Rui Couceiro sublinhou que «a Serra da Malcata, tantas vezes flagelada pelos incêndios, depois que foi comprada por uma celulose e se procedeu à sua limpeza, nunca mais foi atingida pelas chamas».

Por seu turno, o sindicalista Kalidás Barreto, que participou nos trabalhos na qualidade de presidente da Assembleia Geral dos Bombeiros de Castanheira de Pera, frisou que «é a partir do incremento da instalação da indústria de celulose em Portugal que começa a devastação da floresta pelos incêndios».

Kalidás Barreto referiu que em 1974 arderam 31 777 hectares de mata florestal e em 1985 foram consumidos 81 475, enquanto a indústria de celulose exportava 3,6 milhões de contos em 1977, para passar a 48,9 milhões em 1985.

A dimensão trágica dos incêndios como formas geradoras da desertificação nacional e da baixa do nível freático das águas no subsolo, acentuada por todos os participantes do encontro de Castanheira de Pera, foi também referida por Kalidás Barreto, que salientou terem ardido este ano, até meados de Julho, cerca de 47 mil hectares de floresta.

Vila de Rei: 16 quilómetros por arder

No mesmo sentido se pronunciou o presidente da Câmara de Castanheira de Pera, Júlio Henriques, concretizando a sua preocupação quanto à denominada zona do pinhal, área territorial das zonas circundantes e concelhos limítrofes da Sertã, Arganil, Figueiró dos Vinhos, Lousã e Coimbra, com 4161,14 quilómetros quadrados, cuja área florestal em relação a esta tem um peso na ordem dos 50,8 por cento.

Na intervenção com que abriu o encontro, subordinado ao tema «o fogo na floresta não é uma inevitabilidade», o presidente daquela autarquia da Beira Interior lembrou que no concelho de Vila de Rei, com uma superfície total de 193 quilómetros quadrados «arderam este ano 176, o que reduz a área concelhia por arder a apenas 17 quilómetros quadrados».

Júlio Henriques, que a propósito das conclusões do encontro disse aos jornalistas que «se o poder central não tiver ouvidos moucos, a partir de agora vai mudar alguma coisa no sentido de obviar a desertificação do país», adiantou igualmente que «na última década ardeu meio milhão de hectares ou seja, cerca de 40 por cento da área total florestada de pinheiro bravo».

Os participantes do encontro, entre autarcas, governadores civis, deputados, bombeiros e produtores florestais, reclamaram do Governo «a adopção imediata de um programa de emergência e de excepção» para a área florestal dos seus concelhos e decidiram voltar a reunir-se no próximo mês de Outubro, desta feita em Arganil.

Refira-se que segundo números da comissão de Coordenação da Região Centro, publicados em 1983, um terço da superfície florestal do Continente português concentra-se nos distritos da região, sendo de aproximadamente 35 por cento a importância da floresta na ocupação do solo a nível nacional.

Contrariando resultado da autópsia

Familiares de Ramalho duvidam que ele se tenha suicidado

Familiares de Augusto Ramalho, o evadido da Colónia Penal de Pinheiro da Cruz que, segundo a policia, se suicidou aquando do cerco à residência da Quarteira, duvidam que ele tenha posto termo à vida. Entretanto, de acordo com uma informação veiculada por um matutino, um dos Cavaco terá tentado ver o corpo do companheiro de fuga que foi esta manhã a enterrar. Enquanto isto, prosseguem as buscas para encontrar os quatro cadastrados ainda a monte, mas as operações policiais têm-se mostrado infrutíferas, não surpreendendo os foragidos mas dezenas de casais...

«Se tivessemos dinheiro íamos averiguar como as coisas se passaram», afirmaram familiares de Augusto Ramalho duvidando, deste modo, da versão policial segundo a qual o evadido pôs termo à vida depois de se encontrar cercado e ter sido abandonado por Fernandes Gaspar que, entretanto, se tinha rendido às forças sitiantes.

Na opinião dos familiares, uma tia e um primo, Augusto Ramalho «juntou-se aos outros com a intenção de deixar a cadeia, mas houve mortes e não teve oportunidade para voltar atrás». O culpado da morte do seu familiar, sublinharam á ANOP, «foi aquele que passou a arma dentro da cadeia».

«Ele quis trabalhar em artesanato»

O primo Rogério, pintor de construção civil em Setúbal, chorando convulsivamente, disse que o Ramalho fora para si como um irmão e que «não houve melhor do que ele». «Sempre bom para os meus filhos, dava-lhes tudo», acrescentou. Segundo os familiares, Augusto José Ramalho, de 31 anos, nascera em Évora e fora criado com uma avó, juntamente com o primo Rogério, até aos dez anos, altura em que foi internado na Casa Pia da cidade alentejana. Filho de pai incógnito e de uma mulher doente, que está internada há oito anos no Hospital Miguel Bombarda, Ramalho frequentou o curso comercial e, aos 17 anos, alistou-se como voluntário na Escola de Paraquedistas.

«Ele teve uma infância muito difícil, porque eramos pobres, mas era educado e tinha uma certa cultura, e até foi funcionário da Câmara Municipal de Évora», revelou a prima Maria de Fátima.

Durante uma fuga-Augusto Ramalho benificiou de uma saída precária da cadeia de Pinheiro da Cruz por um período de sete dias e só regressou aquele estabelecimento prisional três anos e seis meses depois-viveu com os familiares em Setúbal, onde se dedicou à construção civil, seguindo a arte do primo: a pintura.

No entanto, foi também nessa época que Augusto Ramalho participou no assalto a uma ourivesaria daquela cidade, acto que os seus familiares atribuíram «às más companhias». «Ele era habilidoso, fazia brinquedos para os meus filhos e quis trabalhar em artesanato», revelou Maria de Fátima.

Autópsia aponta para suicídio

Sob grande sigílio efectuou-se ontem, cerca das 23 horas, o transporte da urna contendo os restos mortais de Augusto Ramalho, de Loulé para Setúbal, de onde esta manhã saíu o enterro para o cemitério de Aljeruz.

No velório, encontravam-se vários familiares do evadido, à excepção da sua mãe que, por motivo de doença prolongada, se encontra internada no Hospital Miguel Bombarda.

Segundo revelaram fontes do Hospital de Loulé ao matutino «O Século», um dos evadidos de apelido Cavaco esteve ontem próximo do local onde se encontrava depositado o corpo do seu companheiro de fuga, o que causou certa agitação entre as pessoas presentes. Dado o alarme por duas funcionárias do Hospital, elementos da Guarda Nacional Republicana teriam seguido de imediato para a morgue do hospital, mas não detectaram a presença do fugitivo, presumindo-se que este, ao ser reconhecido, se tenha posto imediatamente em fuga.

Segundo a ANOP, a família de Augusto Ramalho tem sérias dificuldades para pagar o enterro, orçado em 70 contos, quando apenas dispõem, em Loulé, de 20 mil escudos.

Entretanto, os dados da autópsia feita na terça feira à tarde no hospital de Loulé, confirmam a versão policial de que, quando cercado, o evadido pôs termo à vida.

Buscas em Salir e Montijo

Durante o dia de ontem, forças da GNR e da Policia Judiciária fizeram várias buscas no Algarve, nomeadamente na área de Salir, e no Montijo que, no entanto, se revelaram infrutíferas. De acordo com fontes policiais, durante a madrugada continuaram as operações para a detecção dos fugitivos que, até ao meio da manhã, não tinham dado resultados práticos.

O optimismo dos investigadores foi reforçado ao fim da manhã de ontem quando a carrinha Toyota azul metalizada da mãe de Germano Raposinho foi avistada por uma força da brigada de Trânsito da GNR entre Ourique e Santana da Serra, numa estrada que, por ter poucos cruzamentos, se mostrava «à priori» difícil para os evadidos. No entanto, o carro desapareceu e, desde então, nunca mais foi visto, o que levou um informador da GNR a adiantar que «eles poderiam ter utilizado a estrada que parte de S. Marcos da Serra para várias direcções, nomeadamente Monchique e Santa Clara».

Os ivestigadores mostram-se também convencidos que os quatro cadastrados gozam de apoio exterior, não excluindo a hipótese do Toyota azul metalizado ter sido ontem usado por outras pessoas com o intuito de «despistar» a policia.

Entretanto, continuam as informações contraditórias, e ao principio da tarde de ontem, a GNR tentava localizar um veículo, com quatro ocupantes, um dos quais com semelhanças físicas com um dos evadidos, que teria sido visto por populares junto de Sines.

Em vez dos evadidos encontrados casais...

No entanto, os investigadores continuam a sublinhar que, neste momento, os evadidos se encontram divididos em dois grupos de fuga, um que engloba José Faustino e Vítor Clemente Cavaco, e outro com Germano Raposinho e Carlos Alberto Ferreira Pereira.

A GNR continua na estrada, o que não obsta à movimentação dos evadidos, como é exemplo a sua tentativa de visitarem o companheiro morto, em Loulé

A anunciada presença de um dos Cavacos junto à morgue do hospital de Loulé, que a PJ não confirma, será um dos indicadores de que os dois cadastrados naturais daquela localidade continuam juntos, e o facto de Carlos Alberto Ferreira Pereira ter apoios em Lisboa, e de ser conhecida a «incompatibilidade» de Germano Raposinho com os Cavacos, poderá ter determinado que estes dois evadidos pretendam entrar na capital.

Entretanto, cerca de 70 viaturas ligeiras que se encontravam fora da estrada, no Alentejo e no Algarve, ocultas por arvoredo baixo ou em zonas abrigadas por muros e vegetação, foram surpreendidas por soldados da GNR empenhados na localização dos fugitivos de Pinheiro da Cruz. Os ocupantes das viaturas surpreendidos encontravam-se a praticar actos sexuais, segundo revelou uma fonte da GNR.

É fértil, a imaginação...

"Governo quer transformar Portugal num país europeu"

- afirmou o ministro da Educação

O governo «quer transformar Portugal num país europeu» — disse ontem o ministro da Educação, João de Deus Pinheiro, ao dar posse a Clmente Nunes no cargo de director-geral do Ensino Superior.

Depois da assinatura do acto de posse, Clemente Nunes referiu as dificuldades que o ensino superior atravessa em Portugal e falou dos novos programas escolares europeus a inserir no País em 1987 (nomeadamente o «Cosmos» e o «Erasmus»). «O ensino superior encontra-se em fase de expansão e necessita de iniciativa» — disse.

O secretário de Estado do Ensino Superior reforçou as palavras do empossado, e sublinhou que «as universidades são o principal pilar na formação dos futuros dirigentes do nosso País, factores fundamentais do progresso e do desenvolvimento duma nação».

O ministro da Educação, João de Deus Pinheiro salientou, na altura, a necessidade de coordenação, planeamento e avaliação da Direcção-Geral face a crescente autonomia univesitária. O campo de acção da Direcção-Geral do Ensino Superior — disse o ministro — «precisa organizar-se por programas e projectos que garantam uma resposta activa e eficaz às questões que lhe são postas».

Molelos: uma herança asturiana na Beira Alta

«Pola-se muntinazio malheiro» é o que geralmente se pode afirmar neste período de Verão. Significa muito claramente para umas três mil pessoas: «está muito calor», mas só para quem é de Molelos.

Molelos é uma aldeia de cerca de três mil habitantes, situada no concelho de Tondela, e especialmente conhecida pelas suas produções barro negro, que praticamente só se repetem em Bizalhães, cerca de Vila Real. Por outro lado, não se desconhece que, à parte o caso especial do mirandês, que é o que sobra da antiga língua asturiana, não há dialectos na língua portuguesa. Em Minde, no Ribatejo, fala-se um calão relativamente recente, criado pelos comerciantes das famosas mantas locais para defenderem o seu negócio. Assim como no Alentejo se assinala o barranquenho. Pelo resto do País as diferenças são entre vê e um dê, entre um ou e um oi, pouco mais.

Em Molelos as coisas são bem diferentes.

À mesa comem-se, aparentemente, coisas bem diversas das usuais. Naturalmente, a refeição comea pelo gródio, pode continuar com escamujo ou escamucho acompanhado de vilas novas, orelhas de mula, os seus pecados-negros e torrepias. Isto quer dizer que se comeu sopa seguida de bacalhau com cebolas, couves, azeitonas e batatas. Mas pode-se optar pela carne, que leva o nome de bufa, ou pelas sardinhas, em Molelos denominadas singulas ou simbulas, ou pela penosa ou o lampim, evidentemente a galinha e o coelho, talvez acompanhados pelos martambúsios, os nossos simplicíssimos feijões.

Tudo aconchegado com chosque no seu conquelho, o vinho no seu copo e o seu naco de artife ou artífero, o pão de cada dia.

À sobremesa a escolha é múltipla entre os monos, as camoesas, as verdiosas ou as picarudas, ou seja, os figos, as laranjas, as maçãs e as peras, todas elas comidas com as gadochas, à mão. Filomena Oliveira, professora da Escola Secundária local, motivou os seus alunos para uma recolha das expressões idiomáticas do linguajar de Molelos da qual Eugénio Pacavira deu expressiva apresentação no último número do «Notícias de Tondela».

Este autor lembra que «se poderia perguntar de que linguagem provêm estes termos ou a que idiomas foram buscar estas configurações gráficas e sonoras». E asseverando, que «talvez lá cheguemos», acrescenta algumas fascinantes locuções locais. Como, por exemplo: «A minha lhega morea muntinásio — a minha mulher trabalha muito. Pola-se muntinasio gristo — está muito frio. Pola-se o galfarro na ventosa — ou está um rapaz à janela». Ou, para terminar este brevíssimo rol: «O simbies jangoras de polar-nos no pildro — são horas de irmos para a cama».

Só em Castro Verde, Ourique e Almodôvar

Um milhar de porcos abatidos por causa da peste suína

Mais de mil porcos foram abatidos na região de Castro Verde, Ourique e Almodôvar por causa da peste suína africana — confirmou um elemento da Su-Região Agrária de Beja.
A peste suina africana que se manifesta na região de Beja, no Baixo Alentejo, está a provocar «prejuízos incalculáveis, pois além do milhar de porcos abatidos, muitas centenas morreram vitimados pela doença» — disse Francisco Campaniço, responsável pelo Departamento de Pecuária dos Serviços do Ministério da Agricultura e Pescas de Beja.

Este técnico garantiu que tendo em conta «as situações que foram já declaradas pelos criadores de suínos, neste momento só para indemnizações são necessários cerca de dez mil contos».

Presentemente — disse Francisco Campaniço — os serviços a que pertence têm conhecimento da existência de oito focos de peste suína africana, «mas supomos existirem muitos mais, pois muitos criadores ainda não os declararam».

Muitos proprietários — lamentou este técnico — não revelam situações deste tipo «por saberem que isso implica a impossibilidade de criarem os suínos durante um longo período de vazio sanitário».

Para já, é impossível apurar o total de suínos vitimados pela doença, mas os Serviços Municipais de Almodôvar e Castro Verde confirmam que brigadas camarárias abriram valas nestas regiões para enterrarem porcos mortos pela peste.

Francisco Campaniço alertou os criadores da região para, se tal for o caso, «declararem urgentemente a doença, tendo em vista o seu eficaz combate e evitar o seu alastramento».

Indemnizações só com comunicação

«É necessário e urgente que os criadores se manifestem, pois só após a nossa visita poderão contar com as respectivas indemnizações» — disse Francisco Campaniço que anunciou estarem brigadas dos seus serviços a trabalhar nas zonas afectadas.

Essas brigadas, que diariamente trabalham nos concelhos de Castro Verde, Ourique e Almodôvar, têm como objectivo «elucidar e educar sanitariamente os criadores afectados».

Depois de referir que «a todo o custo temos que impedir que a doença alastre a outras regiões, nomeadamente o Algarve», aquele técnico adiantou que «há já cinco dias que não temos conhecimento de novos focos».

Em termos de combate à doença, os Serviços do MAP de Beja sugerem que sejam feitas batidas ao javali, raposa e cães vadios nas zonas afectadas, pois estes animais, «depois de contactarem os cadáveres ou os porcos doentes, são grandes veículos de trnasmissão da doença».

Francisco Campaniço solicitou o empenhamento das câmaras municipais e GNR na acção de enterramento dos cadáveres dos animais doentes, através do fornecimento de maquinaria adequada à abertura de valas profundas.

Recomendou que os animais devem ser enterrados profundamente, após terem sido regados com cal viva, «uma vez que se torna perigoso, mas seria o ideal, queimar todos os cadáveres» — frisou.

O primeiro sinal da existência da doença foi dado há cerca de três meses. No entanto, foi nas últimas semanas que o mal começou a alastrar de forma significativa, nomeadamente nas localidades de Santa Bárbara de Padrões, Ferragudo, Piçarras e Rosário.

Entretanto, e segundo os técnicos, a doença toca mais de perto o porco alentejano, também conhecido por porco preto, uma vez que estes animais andam em pastagem e têm mais possibilidades de contacto com o mal, através da água que bebem nos ribeiros, ou até mesmo com o contacto com os javalis e abutres.

No entanto, e apesar de tudo, a peste suína africana ataca todos os tipos de suínos, uma vez que os denominados «cocos» (bactéria) que a originam, podem permanecer durante longos períodos sem alimentação, nas paredes das malhadas, agarrando-se de seguida aos animais.

Os surtos de peste suína africana, cuja propagação é propícia nos meses de maior calor, apresentam um carácter cíclico de nove em nove ou de dez em dez anos.

Para além do surto neste região alentejana, há conhecimento de outros na Holanda, onde já foram abatidos cerca de dez mil suínos e também na província espanhola de Huelva.

As diferenças entre duas pestes

Enquanto a peste suína é uma epizootia conhecida desde há muito, a peste suína africana entrou em Portugal, não se sabe bem como, em 1957, logo atravessando a fronteira espanhola.

Parecida com a peste suína tradicional nas suas características e manifestações (situações febris e localização na pele, intestino e pulmões, com características manchas violáceas nas orelhas e ventre), a peste suína africana é uma entidade diversa, provocada por um vírus diferente.

Para a doença não existe um processo de vacinação seguro e eficaz. Pelo contrário, uma pretensa vacina criada em 1957 pelos serviços oficiais portugueses parece ter contribuído largamente para a difusão da epizootia.

O único meio de combate até hoje conseguido é o abate dos animais infectados, dos que com eles estiveram em contacto e a proibição de circulação de porcinos nas áreas atingidas. Todos estes meios têm sido utilizados em Portugal desde 1957, mas têm-se mostrado totalmente aleatórios.

A aparição da peste suína africana fez desaparecer dos montados alentejanos a habitual imagem de varas de porcos cevando-se com bolotas e obrigou à criação de uma suinicultura de portas fechadas, onde quase se poderia dizer que os animais se encontram num hospital super esterilizado do que numa pocilga. De qualquer maneira, a enfermidade instalou-se no País e após 29 anos de luta não desarma no seu combate contra os suínos que, em certos casos, quando mais gravemente atingidos, podem morrer ao cabo de três dias.

Valia 250 mil contos

Heroína apreendida pela judiciária

A Polícia Judiciária apreendeu terça-feira nos arredores de Lisboa heroína no valor de cerca de 250 mil contos - informou o gabinete de Imprensa daquela Polícia.

Este estupefaciente com elevado grau de pureza e que só poderia ser consumido após ser misturado com outros produtos, estava escondido no interior de uma mala de viagem detectada nos arredores de Lisboa.

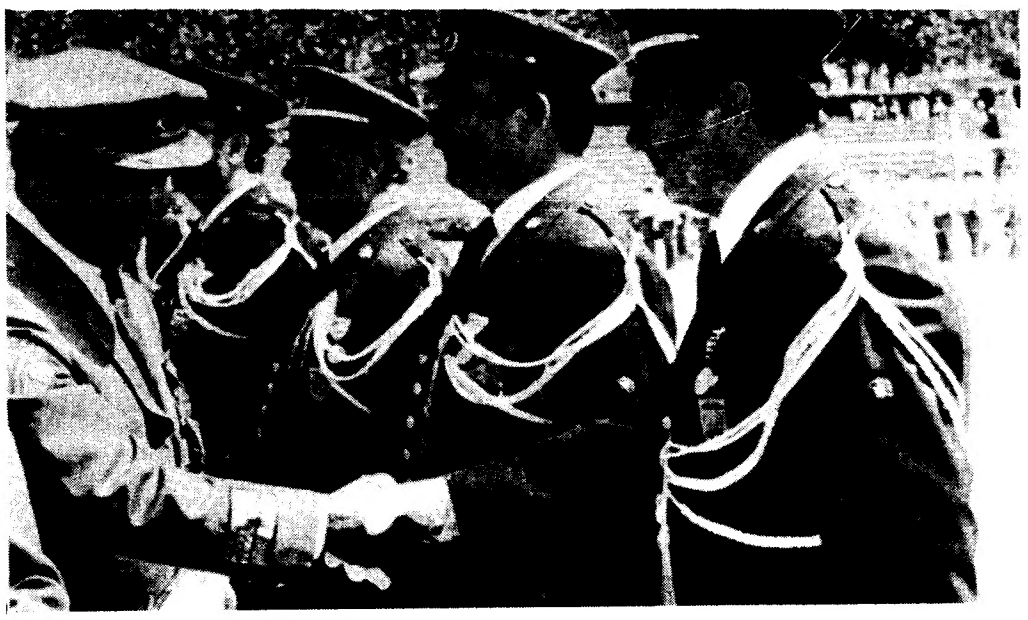
A PJ classifica esta acção como «uma das maiores apreensões de heroína já verificadas no nosso País».

Nesta operação, a PJ deteve quatro presumíveis traficantes com idades compreendidas entre os 27 e os 45 anos e apreendeu um automóvel e alguns milhares de contos em moeda portuguesa.

A PJ considera que a heroína destinar-se-ia em parte ao consumo no nosso país e a restante a ser enviada para o mercado estrangeiro.

Recorde-se que a Polícia Judiciária queimou em Julho mais de duas toneladas de droga, referente a 71 apreensões, em incinerações feitas sob a presidência de magistrados do Ministério Público.

Foram assim queimados 1.750 quilos de haxixe, quatro quilos e novecentas gramas de liamba, 14 quilos e 800 gramas de heroína e nove quilos e trezentas gramas de cocaína.



"Crime sem agravamento preocupante"

Comemorado o Dia da PSP do Porto

No Porto o comandante distrital da PSP afirmou que o «crime com o qual o distrito se defronta, não sofreu agravamento preocupante».

César Teixeira falava ontem no decorrer das cerimónias comemorativas do «Dia da PSP do Porto» que se realizou no Estádio do Inatel, com a presença do governador civil do Porto e do segundo comandante geral da PSP, brigadeiro Ventura Lopes, para além de outras individualidades civis e militares.

Para o comandante da PSP do distrito do Porto, os factores mais determinantes que têm vindo a manifestar-se como indicadores de uma certa delinquência juvenil, são «a desagregação a nível familiar, o uso de tóxicos e o reconhecido sentimento de impunidade».

«No domínio do universo cívico não terá sido possível manter os padrões de comportamento da sociedade» - acrescentou César Teixeira, sublinhando que «há indícios do aumento da prostituição, homossexualidade, falsa mendicidade e desrespeito pelas regras da condução automóvel, entre outros males que tornam a vida comunitária menos agradável».

«Há que cuidar que as ruas desta cidade não sejam mais locais de prostituição, temos que impedir que crianças sofram as inclemências ou agressões físicas de gente crescida para com a sua dor despertarem comiseração, realizando dinheiro para sustentar adultos que não querem trabalhar», disse.

«Há que denunciar - acrescentou César Teixeira - na praça púbica os traficantes de tóxicos, verdadeiros abutres da nossa generosa juventude».

Durante as comemorações do «Dia da PSP do Porto» foram ainda distinguidos com as medalhas de assiduidade e comportamento exemplar, elementos da corporação com mais de 25 e 30 anos de serviço efectivo.

Automotora colheu automóvel e população revolta-se

Três feridos, um dos quais em estado grave, foi o balanço de um acidente ocorrido pelas 15 e 45 de ontem na passagem de nível sem guarda do lugar de Areia, em Darque, Viana do Castelo, que envolveu uma automotora e um automóvel.

A automotora com destino ao Porto embateu violentamente num automóvel de matrícula francesa tendo-o arrastado cerca de 100 metros e provocado ferimentos graves numa família de emigrantes naturais de Barcelos.

Do acidente resultou um ferido grave, Manuel Ferreira, que foi transferido para o hospital de São João do Porto com traumatismo craniano e em coma, e a esposa Maria Ferreira e filha Manuela Ferreira, as quais, após terem recebido tratamento no Hospital de Viana do Castelo foram transferidas para o Hospital Barcelos.

A população da localidade reagiu ao acidente revoltando-se e impedindo a circulação de comboios durante cerca de duas horas.

Incêndio na Casa da Comédia adia estreia teatral

Um princípio de incêndio verificou-se ontem à noite na Casa da Comédia em Lisboa, durante o ensaio geral da peça «A Bela Portuguesa», de Augustina Bessa-Luís.

O incenador Filipe La Féria disse à Anop que fica adiada a estreia da peça que estava marcada para hoje à noite.

A montagem deste espectáculo custará cerca de 4.000 contos e conta com diversos subsídios - disse La Féria, segundo o qual o adiamento da estreia, para dia ainda a determinar, vai causar numerosos prejuízos à Casa da Comédia.

Aquela instituição gastara na preparação do espectáculo, durante os últimos meses, todo o dinheiro de que dispunha. E convidara para a estreia diversas personalidades, incluindo a autora da peça.

Bairro Alto: incêndio atacado a tempo

Esta manhã pelas oito horas deflagrou um incêndio na cozinha do «pub Uniko» situado na Travessa da Cara ao Bairro Alto, que não tomou mais graves proporções devido à rápida intervenção do Batalhão de Sapadores Bombeiros, que fizeram comparecer no local três viaturas e 15 homens sob o comando do chefe Alcino.

O estabelecimento nocturno funciona no rés-do-chão de um prédio de três andares, e, dado tratar-se de edifícios antigos em ruas estreitas qualquer alarme de fogo, obriga os bombeiros a cuidados redobrados.

Segundo apurámos no local, o estabelecimento esteve a funcionar até cerca das seis horas e meia da manhã. Uma hora depois retirou-se a última empregada, a cozinheira. No entanto, pelas oito horas, como saísse fumo, foi dado o alarme, sendo o fogo dominado apenas com agulhetas

Jovem morre carbonizado no automóvel que conduzia

Um jovem emigrante de 22 anos morreu ontem carbonizado depois de o automóvel que conduzia ter capotado, após despiste, perto perto da Campeã numa estrada de ligação a Vila Real.

Manuel Augusto Bento Balça deveria ser ontem julgado no tribunal de Vila Real, conjuntamente com Martinho dos Anjos Peixoto ALves, de 24 anos, por na terça-feira ter usado gás tóxico, contra o automobilista Domingos da Rocha, que circulava numa artéria de Vila Real.

Ambos emigrantes em França, deveriam responder mpelo uso de um «spray» tóxico, com que atingiram o automobilista junto de uns semáforos por, aparentemente, o condutor do veículo não lhes facilitar a passagem fora da passadeira de peões.

O corpo de Manuel Augusto Balça encontra-se na morgue do hospital de Vila Real, onde chegou reduzido ao tamanho de uma criança de cinco anos, devendo o funeral ,realizar-se quinta-feira para a freguesia da Campeã, terra da sua naturalidade.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

5.º JUÍZO

ANÚNCIO

O Doutor GUILHERME AUGUSTO DA IGREJA – Juiz de Direito do 5.º Juízo Cível de Lisboa – 2.ª Secção.

Faz saber que pelo Juízo de Direito desta Comarca e segunda secção correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado METALO-QUÍMICA, Ld.ª, com sede em Meães, Lousado, Vila Nova de Famalicão, para no prazo de DEZ DIAS, posteriores aquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução de Sentença, n.º 8077/A, movida por Companhia de Seguros Império, E.P., desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 24 de Julho de 1986

O JUIZ DE DIREITO,
Guilherme Augusto da Igreja

O ESCRIVÃO ADJUNTO
Carlos António Gomes Realista

"D.L." 7/8/86 – 1.ª Pub.

CLUBE DE FUTEBOL "OS BELENENSES"

AMÉRICA F. C. (Rio de Janeiro)

Apresentação da equipa de futebol para a época de 1986/87

10 de Agosto de 1986
às 17.30 horas
no Estádio do Restelo

PREÇO DOS BILHETES

Sócios . . . . . 200$00
Não Sócios . . . . . 300$00

DEOLINDA DA SILVA RODRIGUES

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Seu Marido, Mãe e mais Família, participam que amanhã dia 8, pelas 19 horas, na Igreja de Santos-o-Velho, será rezada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todos quantos se dignarem assistir a tão piedoso acto.

P.N. A.M.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534167

ESCOLA PRÉ-UNIVERSITÁRIA AUTÓNOMA, CRL

R. Pedro Nunes, 10 — 1000 LISBOA — Telef. 528036
METRO-PICOAS

CURSOS INTENSIVOS
12.º ANO — 2.ª ÉPOCA

PREPARAÇÃO PARA EXAMES OFICIAIS E ADMISSÕES A UNIVERSIDADES PRIVADAS

Duração: 3 semanas (25/8 a 12/9)
Carga horária: 24 a 30 horas
Professores profissionalizados

INSCRIÇÕES ABERTAS

1886 • 1986
CENTENÁRIO DO MUNÍCIPIO
CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

MUSEU DE LOURES

Avisam-se todos os interessados de que o Museu Municipal de Loures se encontra aberto ao público com as seguintes exposições:

- **ARQUEOLOGIA**
- **PATRIMÓNIO HISTÓRICO-ARTÍSTICO**
- **LOURES — 1886: Um Ambiente de Final de Século**
- **MEMÓRIA DA REPÚBLICA**

HORÁRIO:
6.as e Domingos das 10 às 17 horas

Serviço de Informação e Relações Públicas (tel. 983 00 12)

Informação

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 18 de Agosto de 1986, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a adaptação e subsequente exploração de duas dependências na estação de Torres Vedras.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 280 000$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C. P., a quantia de 46 700$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Torres Vedras

Serviço Comercial da Região Centro
LISBOA (Santa Apolónia)

Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.º 2733. 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração de duas dependências na estação de Torres Vedras.»

Caminhos de Ferro Portugueses

Garante a Comissão de Trabalhadores

Extinção da CNP é "suspeita"

A decisão de extinguir a Companhia Nacional de Petroquímica constitui «um crime contra a economia nacional, um erro histórico e uma decisão suspeita», afirma a Comissão de Trabalhadores e os sindicatos representantes dos trabalhadores da CNP, numa carta aberta, dirigida ao primeiro ministro.

O caracter «suspeito» da liquidação da CNP foi ontem reforçado pela Comissão de Trabalhadores da companhia, que se referiu à existência de empresas norte americanas, àrabes e espanholas interessadas em explorá-la, «em regime de aluguer». No decurso de uma conferência de imprensa, em Lisboa, os elementos da CT sublinharam que o artigo quinto do decreto de extinção dá poderes à comissão liquidatária para alugar a CNP, criando assim condições para que a empresa seja «oferecida de bandeja a companhias estrangeiras, enquanto fôr rentável».

Por outro lado, acrescentaram, a extinção daquela empresa pública «beneficiará as transnacionais do sector e os importadores nacionais de plástico», ao mesmo tempo que acarretará o encerramento indiscutível, a médio prazo, da EPSI (Empresa de Polímero de Sines, EP), e afectará gravemente a indústria de plásticos, que emprega cerca de 20 mil pessoas.

Desafio a Cavaco

Na carta dirigida a Cavaco Silva, os trabalhadores afirmam que o primeiro ministro «viola o seu programa de Governo (...) e parece apostado em demonstrar ser o Estado tão 'cego' que só intervém para garantir o insucesso de um dos mais importantes projectos das últimas décadas». Acusando directamente o primeiro ministro (a cujo partido pertencem muitos dos membros da CT) pela situação criada, a carta propõe-lhe que aceite o «desafio para refutar perante o país» uma série de afirmações que demonstram a viabilidade e o interesse nacional do prosseguimento da actividade da empresa.

Entre outras coisas, os trabalhadores deafiam Cavaco Silva para contestar «que a viabilidade económica da CNP, hoje indiscutível, está demonstrada logo a partir do terceiro ano do arranque industrial, bem normal para empreendimentos de envergadura comparável, sobretudo com a crise do sector petroquímico mundial dominante no período de 1979/84...

e que essa viabilidade é crescente, pois, completado o ciclo de arranque, a CNP passou já ao da optimização, tendo em curso pequenos investimentos com economias anuais da ordem do meio milhão de contos recuperáveis em oito meses e não considerando um milhão de contos que é possível poupar na aquisição de fuel óleo».

Quanto aos resultados da companhia no primeiro semestre deste ano, os trabalhadores convidam também o primeiro ministro a desmentir que o complexo petroquímico vendeu, nesse período, 5,9 milhões de contos no mercado interno e 10,2 milhões no mercado externo, enquanto que o «cash flow» operacional atingiu 2,3 milhões de contos.

No que respeita ao passivo afirmam que ele «está avalizado pelo Estado, tendo este que o pagar, em piores condições, devido às cláusulas de 'cross default' dos empréstimos, sabendo-se que parte da dívida externa denuncia a estratégia seguida pelo Governo no qual V. Exa. (Cavaco Silva) colaborou como Ministro das Finanças».

Na conferência de imprensa, a que estiveram presentes deputados do PCP e do PS e os presidentes das câmaras de Sines e Santiago do Cacém, a CT garantiu também que se se concretizar o encerramento da CNP, Portugal aumentará em 13 milhões de contos, em divisas, as suas importações anuais.

Caso a laboração normal da empresa prosseguisse até ao fim do ano, os lucros de exploração (cash flow) atingiriam os 4 a 5 milhões de contos «compensando assim os prejuizos de exploração de exercícios anteriores».

De acordo com um dirigente da federação sindical dos químicos, igualmente presente, a extinção da CNP constitui «um balão de ensaio para a desnacionalização de outras empresas do sector público».

Entretanto, perante a situação criada, os trabalhadores decidiram, anteontem, em plenário, não facultar qualquer informação verbal ou documental à Comissão Liquidatária, iniciando uma atitude «de zelo» do pessoal administrativo e de apoio, excepto nos sectores de manitenção e segurança.

O plenário decidiu também manter a presença no local de trabalho e a marcação de ponto, exigindo da Comissão Liquidatária a execução imediata da quitação de contas devida pelo despedimento colectivo resultante do decreto de extinção da empresa. Simultâmeamente foi recusada a assinatura de qualquer contrato a prazo até definição total e inequívioca do futuro dos trabalhadores da empresa.

A CT informou que a Comissão Liquidatária pretende fazer contratos a prazo por um mês com todos os trabalhadores, a fim de seleccionar nesse período aqueles que continuarão na CNP ao encerramento. O decreto de extinção, recorde-se extinguiu o vínculo legal que ligava os trabalhadores à empresa.

Afirma a CIP

Venda de andares não aumentou

A Confederação da Indústria Portuguesa criticou ontem a «demasiada concentração» do investimento público na construção de vias de comunicação, considerando-a uma das causas das dificuldades do sector da construção.

Essa concentração, diz um comunicado da CIP, decorre em detrimento «de todas as outras áreas e a acumulação de dívidas aos empreiteiros, além de atrasos no lançamento e concretização de novas obras».

Quanto ao sector da construção de habitações, a CIP diz que a «reanimação registada» na concessão de crédito à aquisição de casa própria «não fez aumentar o número de venda de andares» e foi «insuficiente» para compensar a quebra verificada na procura de fogos através do sistema poupança-crédito para emigrantes.

BEI financia estradas

O Banco Europeu de Investimentos acaba de conceder a Portugal dois empréstimos no valor de 3,7 milhões de contos para financiar a construção e melhoria de estradas no Norte do País.

Um documento do BEI ontem distribuído anuncia que se trata de dois empréstimos, um no valor de 2,2 milhões de contos destinado à Brisa — empresa concessionária das auto-estradas portuguesas — e outro no valor de 1,5 milhões de contos destinados à Junta Autónoma de Estradas.

O empréstimo de 2,2 milhões de contos subscrito pela Brisa destina-se a construir três lanços de auto-estrada com uma dimensão total de 48 quilómetros divididos entre Porto-Maia (8,5 quilómetros), Porto-Famalicão/Cruz (27,1 quilómetros) e Águas Santas-Campo (12 quilómetros).

Gerência da RN requereu passagem à conciliação

O Conselhode Gerência da Rodoviária Nacional decidiu ontem aplicar os novos valores salariais constantes da tabela, que propôs aos sindicatos, com retroactivos a 1 de Julho, e pedir a passagem do processo à fase de conciliação.

A direcção da Rodoviária, em comunicado, afirma não ver «possibilidade de concluir com êxito o processo negocial em curso», acrescentando que «a atitude das associações sindicais está a prejudicar os trabalhadores».

O comunicado anuncia que foi também apresentado aos sindicataos o pré-aviso para passagaem à fase de conciliação do processo de revisão do acordo de empresa.

O conflito laboral na Rodoviária Nacional arrasta-se há cerca de seis semanas e em causa estão essencialmente questões salariais.

De acordo com fontes sindicais, enquanto o Conselho de Gerência deseja que os acréscimos salariais na vigde um novo acordo colectivo de trabalho não ultrapassem 15 por cento, os sindicatos reivindicam aumentos salariais na ordem dos 20 por cento.

Associações sindicais afectas à CGTP, à Federação dos Transportes Urbanos (FESTRU) e à UGT (SITRA) têm participado, conjuntamente ou em separado, na direcção do movimento grevista dos trabalhadores da RN.

Hoje e amanhã das 4.30 às 9.30 horas, a FESTRU deu indicação de greve para os seus associados do sector de movimento. Entetanto, o SITRA (Sindicato dos Transportes Rodoviários e Afins) suspendeu a greve na Rodoviária Nacional, na sequência da passagem à fase de conciliação do processo de revisão do acordo de empresa — informou hoje uma fonte sindical. Por seu turno, um representante da FESTRU (Federação dos Sindicatos Rodoviários e Urbanos) disse também que «a passagem à fase de conciliação não altera em nada a decisão de prosseguir a greve até sexta-feira» e acrescentou que os sindicatos filiados na FRESTRU vão reunir-se para decidirem que medidas tomar na próxima semana.

Cepticismo quanto aos efeitos da decisão da OPEP

«Ainda é muito cedo para que seja emitida qualquer opinião relativamente ao comportamento dos preços do petróleo e às implicações em Portugal», afirmouj ontem um porta-voz do Gabinete do ministro da indústria.

A Petrogal, por sua vez, mantém-se na «pura expectativa» relativamente à evolução dos preços no mercado internacional.

«Tudo leva a supor uma alta de preços, mas nada garante, que não haja uma nova descida», disse á Anop um porta-voz da empresa

A mesma fonte salientou que «uma coisa é o acordo conseguido no seio da OPEP, outra coisa é o cumprimento desse acordo», pelo que a atitude da empresa é de «pura expectativa» quanto ao comportamento do mercado mundial, salientou.

O petróleo comprado pela Petrogal nos cinco primeiros meses deste ano custou em média ligeiramente mais que 18 dólares o barril, de acordo com informações de um deputado da comissão parlamentar de Economia e Finanças.

Segundo a mesma fonte, os preços foram de 26,3 dólares o barril em Janeiro, 25 dólares em Fevereiro, 17 dólares em Março, 14,2 dólares em Abril e 11,8 dólares em Maïo.

Preços voltam a baixar

Em Londres, o «Brent» desceu para 13 dólares o barril no mercado para entrega em Seteo, contra 15 dólares terça-feira.

De acordo com fontes do mercado, a descida de preços traduz um certo cepticismo dos operadores relativamente à aplicação concreta das resoluções da OPEP.

As companhias britânicas British Petroleum e Britoil e a empresa anglo-holandesa Royal Dutch/Shell recusaram-se a comentar as decisões da Organização dos Países Exportadores de Petróleo, mantendo uma atitude de reserva relativamente ao assunto.

As três companhias asseguram dois quintos da produção petrolífera do sector britânico do mar do Norte, as empresas norte-americanas Exxon, Mobil, Texaco e Chevron representam mais de um quinto e a parte restante é assegurada por pequenos produtores britânicos.

O governo britânico tem defendido que as decisões relativas ao nível de produção petrolífera no mar do Norte são da competência exclusiva das companhias petrolíferas instaladas na região e que os preços devem estar submetidos às leis do mercado.

Entretanto, na bolsa de mercadorias de Nova Iorque, o preço do petróleo bruto para vendas a prazo desceu ontem abaixo dos 15 dólares, depois de ter sido cotado a 15,65 dólares na terça-feira, na sequência da decisão dos países da OPEP de baixar o limite global de produção dos países membros.

O barril do «West Texas Intermediate» – a qualidade de referência nos Estados Unidos – começou ontem a ser vendido a 14,8 dólares, para os primeiros contratos com a entrega prevista para Setembro.

Na última semana as cotações chegaram a ser inferiores a 10 dólares por barril.

Contudo, a alta de preços agora verificada não deverá manter-se. Segundo meios petrolíferos citados pela Imprensa suíça, o preço do petróleo poderá estabilizar nos 12 dólares, depois das primeiras reacções ao acordo dos países da OPEP.

EUA advertem

A retoma do controlo dos preços mundiais de petróleo pela OPEP seria «inaceitável», afirmou ontem o secretário norte-americano da Energia, John Herrington.

Em declarações à Imprensa, Herrington manifestou reservas quanto ao acordo dos países membros da organização em que 12 dos 13 Estados (com excepção do Iraque, em guerra com o Irão) se comprometeram a reduzir a sua produção de petróleo durante dois meses.

Acrescentou que a posição da Arábia Saudita deverá depender do comportamento de importantes países produtores como a Grã-Bretanha, Noruega e o México, que não pertencem à OPEP.

«Um novo domínio do mercado petrolífero mundial pela OPEP, comparável ao que ocorreu nos anos 70, seria mau para os EUA e para o mundo livre» – afirmou John Herrington, acrescentando que «enquanto os países da OPEP fizerem concorrência entre eles para vender o petróleo tudo vai bem».

Na sequência da decisão da OPEP, a Venezuela, México e Malásia anunciaram já a decisão de reduzir a sua produção petrolífera, visando a recuperação dos preços do crude no mercado internacional.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	33$30	39$30
ALEMANHA FED. (marco)	69$75	70$95
ÁUSTRIA (xelim)	9$85	10$005
BÉLGICA (franco)	3$160	3$410
BRASIL (cruzado)	4$00	6$50
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	104$90	107$40
(notas de 5 a 1000)	105$40	107$90
DINAMARCA (coroa)	18$60	19$00
ESPANHA (peseta)	1$045	1$165
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	145$15	148$65
(notas de 5 a 1000)	145$65	149$15
FINLÂNDIA (marka)	29$15	29$75
FRANÇA (franco)	21$50	22$10
HOLANDA (florim)	61$90	63$00
IRLANDA (libra)	195$15	199$15
ITÁLIA (lira)	$092	$107
JAPÃO (iene)	$896	$951
NORUEGA (coroa)	19$65	20$15
REINO UNIDO (libra)	215$40	219$90
SUÉCIA (coroa)	20$85	21$35
SUÍÇA (franco)	86$50	88$00
VENEZUELA (bolívar)	6$30	7$30

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Há várias formas de melhorar na vida! – aceite a nossa proposta

Conta Poupança-Reformados

Senhor Reformado:

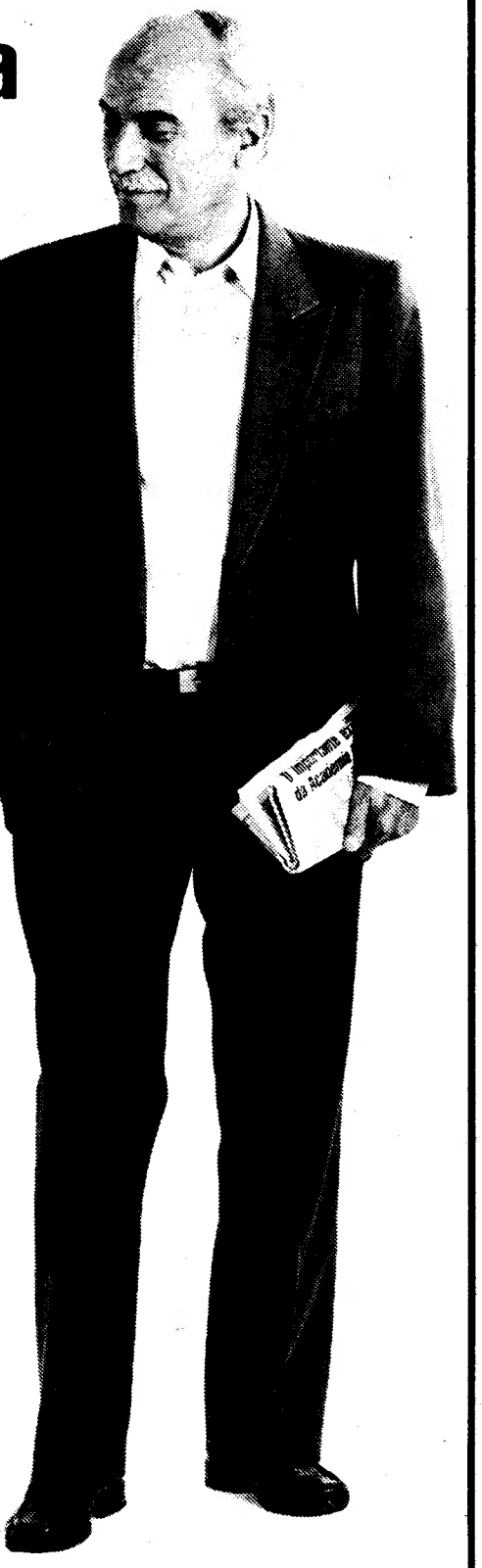
Os reformados são homens e mulheres que trabalharam muitos anos, para o bem de todos. **Têm direito a uma protecção especial das suas poupanças**. Precisamente por isso, e para ajudar um dos mais desfavorecidos segmentos da população portuguesa, o Governo criou, pelo Decreto-Lei n.º 138/86, a **Conta Poupança-Reformados**.

A Conta Poupança--Reformados destina-se a reformados que, no momento da abertura da conta, tenham pensão mensal menor ou igual a três vezes o salário mínimo nacional. Vantagens:

- Isenção de imposto de capitais sobre os juros (na parte correspondente a saldo até 1000 contos).
- Taxa de juro igual à dos depósitos a prazo de 6 meses a 1 ano.

Dirija-se ao seu Banco.

A decisão é sua!
O bem é de todos!



Ministério das Finanças

24 HORAS

Incidentes em Espanha: 30 feridos

Trinta pessoas ficaram feridas, entre elas dez agentes da polícia, em incidentes registados esta madrugada em Vitória (norte de Espanha). Os distúrbios ocorreram após uma manifestação convocada pela organização «Membros Pro-Amnistia» para protestar pelas recentes expulsões de presumíveis membros da ETA-Militar do sul da França. Dos 30 feridos, 10 eram policias e a maior parte deles apresentava escoriações ligeiras. Na manifestação incorporaram-se cerca de 2 mil pessoas gritando «slogans» pro-ETA.

M-19 ocupa localidade na Colômbia

O comandante da polícia da localidade colombiana de Nemocon, coupada ontem pelos guerrilheiros da organização M-19, morreu ao deflagrar uma bomba lançada pelos assaltantes do posto local da policia. Outros dois agentes ficaram feridos no ataque.

Morreu o homem do coração artificial

O homem que viveu mais tempo com um coração artificial, o americano William Schroeder, faleceu ontem no hospital «Humana Audubon», em Louisville. Schroeder viveu com um coração Jarvik-7 mais de 20 meses. O doente tinha sofrido um ataque cerebral na terça-feira, mas ontem de manhã o seu estado fora descrito como estacionário. A noite, a sua condição agravou-se e o cirurgião que implantou o coração de plástico e metal, em 25 de Novembro de 1984, William Devries, nada pode fazer para o salvar. Schroeder tinha 54 anos.

Kohl envia mensagem ao "Grupo dos Seis"

O chanceler alemão federal, Helmut Kohl, enviou uma carta de apoio aos chefes de Estado e de Governo do chamado «Grupo dos Seis», reunidos desde quarta-feira em Ixtapa, no México, para exigirem novos passos no caminho do desarmamento nuclear. O grupo é formada pela Argentina, Grécia, Índia, México, Suécia e Tanzânia. Kohl, na sua mensagem, afirma-se sensibilizado para o trabalho deste grupo que visa «perservar os povos do flagelo da guerra».

Checos e polacos fogem para a RFA

Cento e quarenta e sete checoslovacos e cento e nove polacos, que visitavam a Alemanha federal como turistas, abandonaram desde o princípio do ano as excursões que estavam a realizar para se fixarem naquele país. Na última terca-feira, dois checoslovacos dirigiram-se de automóvel até à fronteira e depois atravessaram a pé a vedação, refugiando-se na RFA.

Craxi obtem moção de confiança

O primeiro-ministro Bettino Craxi conseguiu ontem um voto de confiança do Senado italiano, abrindo perspectivas para que o seu novo governo, formado por uma coligação de cinco partidos, se possa manter no poder até 1988. Hoje, a Câmara dos Deputados iniciou um debate sobre o novo Governo, devendo votar amanhã uma outra moção de confiança.

Hussein e Mubarak reunidos no Egipto

O reu Hussein, da Jordânia, e o presidente Hosni Mubarak, do Egipto, avistaram-se ontem em Alexandria. As conversações, que continuam hoje, centram-se nas perspectivas de paz da senda das propostas feitas a semana passada pelo vice-presidente norte-americano, George Bush. Em debate também o diferendio que há seis meses separa o líder da OLP, Yasser Arafat, do monarca jordaniano.

URSS promete apoio aos países da Linha da Frente

Medidas de retaliação de Pretória não agradam a Washington

Enquanto a Casa Branca criticava ontem o governo sul-africano pelas medidas de represália aplicadas aos países vizinhos e lamentava as sanções adoptadas pela Comunidade Britânica contra Pretória, a União Soviética reafirmava a sua intenção de servir de suporte militar, económico e moral à Zâmbia e outros países da região nos seus esforços para o desmantelamento do apartheid. Entretanto, os controlos fronteiriços decididos pela África do Sul estão a reter bens essenciais para três países.

« Rejeitamos sanções económicas punitivas, independentemente de quem as impõe porque são contrprodutentes», disse ontem, em Washington, Larry Speakes, porta-voz do presidente norte-americano Ronald Reagan.

Speakes acrescentou que lamentam a decisão da África do Sul em tomar medidas contra os países vizinhos porque «não cremos que esse passo conduza ao diálogo, como é desejo de Reagan, mas a um agravamento das dificuldades, tal como ele temia».

Em resposta às sanções económicas adoptadas segunda-feira em Londres pela Comunidade Britânica, Pretória anaunciou 24 horas depois um agravemento das taxas sobre as mercadorias que transitam pelo seu território com destino aos países vizinhos que carecem de saída para o mar e o reforço dos controlos fronteiriços.

Speakes anunciou que o director da Agência para o Desenvolvimento Internacional, Peter McPherson, visitará a cuto prazo a região para estudar qual o tipo de ajuda que os Estados Unidos e os países aliados podem prestar aos países da Linha da Frante para o desenvolvimento de projectos tendentes a reduzir a sua dependência em relação à África do Sul.

O apoio aos países da região foi já prometido pela União Soviética, segundo uma notícia hoje publicada no « Daily Mail» de Lusaca. A notícia é publicada com grande relevo e cita declarações do ministro adjunto dos Negócios Estrangeiros da União Soviética, Anatoly Adamachine, que ontem chegou à capital da Zâmbia, sendo portador de uma mensagem pessoal de Gorbachev para o presidente Kenneth Kaunda.

Entretanto, os controlos fronteiriços decididos pela África do Sul em retaliação pelo anúncio de sanções da Comunidade Britânica estão a reter bens essenciais para três países, segundo anunciou hoje a BBC.

Aquela estação britânica adiantou que os camiões estão sujeitos a longa esperas nas fronteiras com o Zimbabwe e o Botswana, nas quais fincionários alfandegários realizam controlos minuciosos às mercadorias provenientes desse países. Foi ainda noticiado que a África do Sul impôs segunda-feira uma taxa às mercadorias em trânsito para a Zâmbia.

Embaixador

O diplomata negro Terence Todsman, actual repreentante dos EUA em Copenhaga, declinou aceitar o cargo de embaixador em Pretória, revelou ontem a cadeia televisiva CBS.

Com a recusa de Todman, são dois os esforços gorados de Reagan em encontrar um embaixador negro para a África do Sul. De acordo com a CBS, Todman irá anunciar hoje que a sua desistência se deve a pressões familiares.

Na fronteira da África do Sul, com o Zimbabwe e a Zâmbia, longas bichas de camiões são o primeiro resultado das represálias de Pretória contra estes países.

Depósitos líbios congelados na Itália

Magistrados congelaram sete mil milhões de liras de fundos líbios depositados em cinco bancos italianos após queixas apresentadas por duas companhias alegando que os bancos de Tripoli não pagaram dívidas contraídas, revelou ontem uma fonte bancária. As companhias Ko-Fa e C.F. dizem que ainda aguardam o pagamento de maquinaria oferecida à Líbia em 1980 e 1981.

A fonte, que pediu para não ser identificada, afirma que o dinheiro agora imobilizado estava depositado em quatro importantes bancos italianos e num outro italo-árabe, todos eles com contas de bancos estatizados da Líbia.

A quantia actualmente retida é consideravelmente superior aquela que Tripoli deve às referidas comnpanhisa. De acordo com fontes judiciais, que citam a queixa apresentada pelas companhias prejudicadas, a dívida líbia ronda os 2,7 milhões de dólares, enquanto os depósitos congelados totalizam 4,9 milhões de dólares.

A ordem de congelamento será mantida pelo menos até à próxima Primavera de modo a permitir que o caso vá para Tribunal.

Aviso de Malta

Cartas de autoridades líbias teriam sido encontradas nas mãos de um bando de Chicago durante uma rusga efectuada pela polícia, anunciou ontem uma estação radiofónica. As cartas dão conta das tentativas do gang de estabelecer negócios com o governo de Tripoli.

Agentes federais e acusadores públicos recusaram-se a comentar a notícia que ainda refere o facto de alguns elementos do bando terem viajado para a América Central a fim de se encontrarem com agentes líbios.

Os membros do gang, que dá pelo nome de «El Rukn», afirmam-se muçulmanos sunitas, mas as autoridades consideram que o grupo não é religioso dedicando-se ao tráfico de drogas e outras actividades ilegais. A rádio disse ainda que fontes próximas dos responsáveis pela investigação desconhecem que tipo de serviços o gang se propunha oferecer à Líbia pois , aparentemente, não chegou a ser feito qualquer acordo.

Entretanto, o primeiro-ministro de Malta, Misud Bonnici, disse em entrevista ao «New York Times» que o seu país alertou a Líbia quando do ataque aéreo norte-americano de 15 de Abril e que voltaria a fazê-lo no caso de outra agressão.

Segundo Bonnici, os controladores aéreos de Malta detectaram pelo radar os bombardeiros norte-americanos, 30 a 40 minutos antes do «raid» aéreo sobre Tripoli e Benghasi. O primeiro-ministro disse que os controladores não conseguiram a princípio identificar os aparelhos, mas comunicaram no entanto para a torre de controlo do aeroporto de Tripoli de que «aviões não identificados se dirigiam para o Norte de África».

Não há indicacões de que a Líbia tanha tomado quaisquer medidas com base na informação de Malta, disse Bonnici.

Angola: estratégias da sobrevivência

Jonathan Friedland e Karl Maeir
IPS/ANOP

Em Angola, uma viagem aérea de ida e volta de 1000 quilómetros custa o equivalente a 150 dólares (cerca de 22 mil escudos) em moeda local, o «kwanza». No entanto, para a maioria dos angolanos, o valor do «kwanza» é irrelevante, e com uma réstia de cebolas pagarão o voo.

Ao cabo de 15 anos de luta pela independência, seguida duma guerra de guerrilhas pós-colonial, a economia desta imensa nação da África está feita em tiras e os bens essenciais há que procurá-los como se o dinheiro nunca houvesse existido.

A comida, fora os artigos essenciais que uma senha de racionamento garante mensalmente aos trabalhadores, é muito escassa, particularmente nesta capital de um milhão de pessoas.

Cinco tomates, por exemplo, custam mais que o salário mínimo semanal. Dois cocos valem o mesmo que uma barra de sabão industrial e há escassez de tudo, desde a cerveja a roupas para crianças.

É assim que grande parte da vida dos angolanos urbanos é denominada pelo «esquema», como aqui chamam ao ciclo interminável de trocas em que as pessoas consomem o seu tempo.

Os «candongas», ou mercados da rua desta cidade que mais parece uma grande lixeira, têm nomes como «Tira Bikini» ou «Cala a Boca». O primeiro — «Tira o Bikini» — é um mercado de roupa de senhora a preços muito mais baixos que os do comércio estabelecido. O segundo — «Cala a Boca» — destina-se aos consumidores que se queixam dos preços demasiado altos.

A economia angolana é um caso em que «há demasiado dinheiro para tão poucos bens disponíveis», segundo a descrição do próprio vice-governador do Banco Central, Mário Pizarro.

Petróleo

O Movimento de Libertação Popular de Angola (MPLA, no poder) enveredou por um programa de ajustamentos muito similar às clássicas receitas do Fundo Monetário Internacional (FMI), com vista a encaminhar a economia das normas do livre mercado, para gáudio dos seus credores ocidentais e apesar dos seus aliados soviéticos e cubanos.

Mas o colapso dos preços do petróleo assestou um duro golpe na capacidade de manobra do governo para impor medidas populares de ajuste, segundo dirigentes do MPLA e observadores estrangeiros.

Luanda obtém 30 por cento das suas divisas estrangeiras da exportação de petróleo, cujos preços nos mercados internacionais diminuiram drasticamente, acarretando uma diminuição das receitas de exportação nos últimos seis meses de 2200 milhões de dólares para 1100 milhões e anulando qualquer possibilidade de o governo angolano se mover ao longo do espinhoso processo de reestruturação dos preços e salários.

Ao mesmo tempo, os rebeldes da UNITA intensificaram as suas acções de sabotagem económica, reduzindo a uma situação crítica a produção agrícola, que caiu 80 por cento na última década.

O resultado desta adversa conjugação de elementos foi que as escassas divisas fortes de que o país dispõe sejam empregues na importação de bens de consumo que permitam aos agricultores produzir mais alimentos, peça central do programa de reformas.

Além disso, o rendimento básico que o governo contava poder decretar para dar início à substituição de subsídios aos alimentos de primeira necessidade e às empresas estatais, dilui-se como possibilidade.

Por trás das dificuldades incluídas nos ajustamentos a curto prazo figura também o fardo de 500 anos de domínio colonial, cerca de 300 mil portugueses saíram de Angola em 1975, deixando à sua sorte infra-estruturas, campos e culturas.

Modelo húngaro

Nos primeiros anos de governo, ao qual acedeu com uma plataforma socialista com ênfase na justiça social e económica para os pobres, o MPLA procurou pôr de novo a economia a flutuar com incentivos salariais, saúde e educação do alcance de todos e um cabaz mensal de alimentos básicos — arroz, azeite e feijão — garantido através das senhas de racionamento.

Para o conseguir, porém, o governo viu-se forçado a recorrer com cada vez maior frequência à impressão de papel-moeda e ao défice financeiro, recurso este que, com o tempo, alimentou como palha seca a inflação, privando praticamente de qualquer valor a moeda nacional.

Em consequência, hoje os agricultores negam-se a vender os seus cereais ao Estado em troca de dinheiro, mas devido à crise de divisas fortes, Luanda não tem bens para lhes dar em troca dos seus produtos, disse Lopo do Nascimento, governador da província de Huila, no Sul do país.

«Se um agricultor vê que não vai ser pago com outros bens, prefere reter os seus cereais em vez de os trocar por kwanzas», acrescentou Lopo do Nascimento, ex-ministro do Planeamento.

Enquanto os dirigentes do MPLA afirmam a sua determinação de não abandonar o contexto marxista que enquadra a economia, no segundo congresso do partido, realizado em Dezembro pasado, surgiram novos critérios econoómicos que, segundo um diplomata europeu, «se inspiram no modelo húngaro».

(Com diferença de outros regimes da Europa de Leste, Budapeste impulsionou a descentralização da tomada de decisões políticas, dando incentivos, como o pagamento de divisas fortes aos bons trabalhadores).

Evitar o FMI

A partir de Angola, diz-se em Luanda, as empresas estatais que não conseguirem sobreviver à crise serão encerradas. Os preços dos produtos racionados vão aumentar para reflectir o seu custo real e a desvalorização do kwanza, que é cotado a 1200 por dólar no mercado negro, contra os 30 por unidade monetária norte-americana à taxa oficial, são medidas em estudo.

«É necessário reconhecer as relações de mercado», disse Pizarro. «A bonança petrolfera teve como efeito drogar-nos, mas por causa da guerra fomos obrigados a baixar o consumo», acrescenta.

«Não temos políticas de nacionalização. Somos obrigados a encarregarmo-nos das coisas. O modelo que temos seguido implicava uma grande habilidade de gestão», explicou.

Mas a queda dos preços do petróleo não significa que Luanda esteja disposta a endividar-se para superar as suas dificuldades, segundo altos funcionários do governo.

De momento, Angola continuará a evitar o Fundo Monetário e, bem assim, a sua instituição gémea, o Banco Mundial, e só a partir de agora, e pela primeira vez, vai contrair empréstimos comerciais em troca da venda antecipada das exportações petrolíferas.

Outros produtores de petróleo, como o México e a Nijgéria, optaram há algum tempo por esta táctica, mas acabaram por ficar estrangulados devido ao peso das dívidas contraídas.

«Não pensamos abandonar a nossa posição conservadora em relação ao endividamento», disse o ministro do Comércio Externo, Ismael Gaspar Martins: «temos de nos acostumar a conviver com a baixa dos preços o melhor que pudermos», disse.

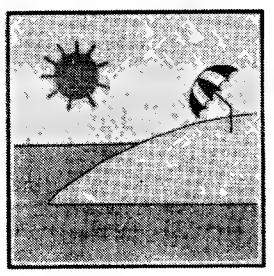
tap
AIR PORTUGAL

Exploração de Infantário

PRETENDE-SE:

Seleccionar concessionário para exploração de INFANTÁRIO na zona do Aeroporto de Lisboa

Os interessados poderão dirigir-se à TAP Air Portugal, Divisão de Acção Social, edifício 27-4.º andar Aeroporto de Lisboa até 14 de Agosto de 1986, das 9 horas às 12.30 horas e das 14 horas às 16 horas de 2.ª a 6.ª-feira, a fim de lhes serem fornecidos os termos de referência e condições do concurso.



EVITE
locais pouco frequentados

Ao discursar na cerimónia de aniversário

Ministro queixa-se da demora da abertura da Ponte Sobre o Tejo ao trânsito ferroviário

O ministro das Obras Públicas, Oliveira Martins, manifestou, ontem o seu descontentamento pela demora dos estudos que condicionam a utilização ferroviária da Ponte 25 de Abril.

«É tempo de mais o que dispende no esclarecimento das dúvidas que se possam ter quanto à travessia ferroviária», acrescentou liveira Martins ao discurssar na cerimónia comemorativa do 20ª aniversário da ponte, realizada na sede da Junta Autónoma das Estradas. «É pois com uma atitude de inconformismo perante a situação e atendendo à necessidade de não a deixar arrastar por mais tempo que o Ministério por que sou responsável se propõoe tomar algumas iniciativas, a breve prazo, no âmbito do nó ferroviário de Lisboa, acrescentou.

Oliveira Martins havia afirmado que o Conselho Superior das Obras Públicas se pronunciou sobre o assunto, tendo aconselhado que seja melhorado, em primeiro lugar, a travessia fluvial e aumentada a capacidade da ligação rodoviária sobre a ponte e só depois a sua utilização ferroviária. Um outro problema, que diz respeito à ligação entre as duas margens por comboio através da ponte , referido pelo ministro das Obras Públicas, tem a ver com o plano de transportes da região de Lisboa, em que se propõe o condicionamento da introdução de novas «infra-estruturas que, pela sua natureza estruturante, possam abrir novas frentes de urbanização». Antes de avançar com tais infra-estruturas, o plano aponta para a necessidade de fixar objectivos e propostas de ordenamento do território.

«Com estes objectivos e propostas — que ainda não foram definidos — as dúvidas sobre a conveniência da travessia ferroviária vão-se mantendo», disse o ministro.

A ponte está paga mas a portagem mantém-se

Depois de revelar que se cumpriu a previsão feita há 20 anos sobre o pagamentoo integral da ponte, com amortização do capital e dos juros, o ministro das Obras Públicas acrescentou que o pagamento da portagem se mantém para obter recursos financeiros não só para a conservação da Ponte como, futuramente, ao aumento da sua capacidade. O antigo director da Ponte 25 de Abril, eng. José Canto Moniz, diria depois que para além do aumento da capacidade da actual ponte é necessário começar a pensar desde já na construção de uma segunda ponte.

«Daqui a 20 anos é indispensável uma nova ponte e estamos na altura para começar a preparar essa nova ligação entre as duas margens, disse. Segundo estatísticas divulgadas ontem pela Junta Autónoma de Estradas, desde que foi aberta há 20 anos ao tráfego, a ponte deu passagem; a 279 milhões de veículos que deixaram nos cofres das portagens 6,8 milhões de contos. Nos primeiros seis meses deste ano, por exemplo, passaram o tabuleiro 12 milhões de veículos, tantos como em todo o ano de 1975.

Uma ponte que detém alguns recordes

A construção da ponte iniciada em 5 de Novembro de 1962, detém cinco recordes: inclui a viga contínua mais comprida do mundo (2300 metros), a fundação mais profunda do mundo (80 metros abaixo do nível da água), o maior vão de ponte da Europa (1013 metros), a maior ponte do mundo projectada para tráfego rodoviário e ferroviário simultâneo e, ainda, uma das mais altas torres de ponte da Europa (190,5 metros). A transposiçãoo do rio Tejo em Lisboa é um problema de importância nacional que na época desde há muito vinha sendo considerado.

Data de 1876 o primeiro estudo para uma ponte sobre o Tejo, que foi então apresentado pelo engenheiro Miguel Pais e contém toda uma justificação da obra, na sua maior parte válida ainda hoje. Desde então, e no decorrer de quase um século, surgiram mais estudos e ideias para a realização desse grande empreendimento.

O desenvolvimento do País e, em especial, das regiões situadas nas margens do Tejo junto a Lisboa, têm feito aumentar constantemente o interesse por este empreendimento. Em 1934 foi aberto concurso público para a construção de um tabuleiro entre o Beato e Montijo mas a evolução da situação mundial que haveria de conduzir à última guerra aconselhou a não se realizar então essa obra.

A necessidade de facilitar as comunicações através do País, as condições que o território da península de Setúbal oferece para a localização de parte da indústria pesada que deve ficar próxima dos grandes portos, e as potencialidades que os territórios a Sul do Tejo oferecem do ponto de vista turístico, levaram para um dos primeiros planos das preocupações do Governo a realização da obra de transposição daquele rio, em Lisboa. Nomeada em 1953 uma comissão para estudar a viabilidade técnica e financeira do empreendimento, a conclusão foi precisa e clara — a obra era técnica e financeiramente viável, e de grande interesse económico para a Nação.

O financiamento da obra foi suportado pelo Banco Export-Import de Washisgton , EUA, e a adjudicatária da execução foi a United States Steel International (Nova Iorque), com 17 firmas associadas entre as quais dez portuguesas. O número homens-dia utilizado na execução da obra foi de 2 185 000 e o número de trabalhadores que chegaram a laborar num só dia foi de 3000.

Diáspora Portuguesa

Um enunciar

Lurdes Feria

«Os mitos são de todos os conteúdos os mais resistentes às mudanças», afirma o sociólogo Aires Gameiro num estudo sobre os conflitos e os desafios culturais com que os portugueses, no estrangeiro, se confrontam. Dispersos por vários continentes, separados por muitas fronteiras e profundas águas, consumou-se agora a convergência na terra de origem, neste primeiros dias de Agosto.

A oportunidade que a Fundação Cultural dos Emigrantes lhes proporcionou talvez que, num futuro, venha a encurtar as distâncias e facilitar um diálogo que não existia. É no centro cultural do monumento das **Descobertas**, em Belém, que a diáspora portuguesa se tem reunido, carregando consigo a experiência vivida de outras culturas, mas que de maneira nenhuma anula a que, por razões de raça, lhe pertence.

Sim: há uma língua que traduz sentimentos e pensamentos, há uma história comum, há os mesmos fantasmas, dentro de cada um, e que se transportam para onde quer que se vá. Tudo isto surge na exposição de artes plásticas onde estão representados vinte e tal artistas (muitos a viver em Paris, alguns no Brasil e raros nos Estados Unidos e Canadá), nas comunicações feitas e, também de certa forma, nos espectáculos a que assistimos. Por assim dizer, no programa que tem vindo a ser cumprido.

Falou **Eugénio Lisboa**, conselheiro cultural da embaixada portuguesa em Londres, do **regresso impossível**. Não sendo genuíno emigrante sente-se todavia, no plano emotivo, como tal. De resto, em rigor, poderemos classificá-lo como duplamente emigrante visto que emigrou de Lourenço Marques, a terra natal, para Lisboa e, daqui, para Londres. Moçambique liga-se aos antepassados, ao casamento e ao nascimento dos filhos; Portugal é o território da vivência cultural: os estudos de engenharia, os amigos, os livros que entretanto foi escrevendo. «**Somos um pouco de tudo e nada de coisa nenhuma... Não há regresso total porque ao passado não se volta nunca.**»

Divulgada em mais de vinte países, a revista «**Peregrinação**» ainda não conseguiu impor-se aqui. **Fernando Morais**, emigrante durante dezassete anos em Paris, largou o emprego na Universidade de Vincennes para melhor cuidar da viabilidade do projecto. Voltou a Portugal de vez, sem que até ao momento acontecesse a integração procurada. É que o País mudou e ele também. Mas havia que evitar o afundamento daquilo que considera um pólo aglutinador das pulsões culturais da diáspora portuguesa.

Desde o início que se debatia

Julieta Oliveira, leitora em Veneza

...ar de mitos

...ria ...ntes ...um ...om ...m. ...se ...omo ...ere- ...pla- ...que ...ues, ...da- ...que ...ca- ...dos ...o da ...s de ...vros ...ido. ...lo e ... ...que ...un- ...inte ...na- ...guiu ...Mo- ...zas- ...u o ...de ...r da ...ltou ...até ...in- ...e o ...Mas ...nto ...ólo ...ltu- ...atia

com a ausência de estrutura comercial, não ultrapassando o âmbito restrito de uma comunidade, e existindo devido à boa vontade de uns tantos «militantes» que não se importaram de arriscar dinheiro dos seus próprios bolsos. Segundo Fernando Morais, a realização do encontro explica-se porque **«se pretendia fazer algo que desse brado e delatasse que lá fora também há uma cultura portuguesa a mexer»**. No nome evoca-se Fernão Mendes Pinto e o espírito da sua viagem, em contraponto à convicção arreigada de que Camões encarnaria o génio aventureiro português. Entenderam, pois, que o autor de «A Peregrinação» era uma figura mais popular e, por isso, mais perto do tipo de emigrante que o País expele... Dos que vão para melhorar a vida, sujeitos por vezes a terríveis humilhações. E nesse vazar para o exterior, de acordo com números da Secretaria de Estado da Emigração, já de Portugal saíram três milhões e meio de pessoas. Pelo menos até ao ano de 1981, o que denota um índice elevado de peregrinos...

Aventura

Isabel Tomé, leitora de português na Universidade de Pádua, trouxe-nos uma figura de emigrante fora do comum. Com efeito, o personagem, inventado pelo escritor Miguel Torga, não se encaixa no esquema habitual, pelo contrário transgride as regras de um estereótipo. É incómodo, não serve para ser tomado como exemplo dos bons costumes nem do sucesso O sr. **Ventura**, camponês do Alentejo, envolve-se nas histórias mais inconvenientes possíveis, deixando-se levar pelos instintos. Acusado de assassino e deportado para Macau, depressa se aborrece, com a monotonia que o cerca. Entretanto deserta e foge para a China, depois torna-se marinheiro... até que o desejo de aventura o conduz ao tráfico de ópio.

Ao pegar no protagonista do livro de Torga, obra escrita em 1943, Isabe Tomé quis mostrar **«a outra face do mito»**, o anti-herói que após uma viagem iniciática, passando por uma série de provas, regressa a **Penedono**, a terra de proveniência. Contudo, antes tinha-se apaixonado por **Tatiana**, uma prostituta russa, acalentado pelo sonho de regeneração através do casamento. De novo falha, o que contribui para ainda agravar mais a sua **natureza**. Tenta, no regresso, ser o camponês de outrora, purificar-se de um passado manchado de nódoas, mas o Oriente puxa-o e o amor desorienta-o. Nesta luta, entre um lado e o outro, acaba por vencer a aventura. E o sr. **Ventura** parte outra vez para a China, cumprindo o seu destino que não era o da regeneração.

O indivíduo que perante o Senado de Veneza se intitulava **Sebastião**, rei de Portugal, seria de facto autêntico? Eis o tema abordado por **Julieta Oliveira**, leitora na Universidade de Veneza. Por se interessar, como historiadora, pelo período da perda da independência, resolveu vasculhar os manuscritos guardados no Arquivo daquela cidade italiana que se referem ao assunto. Houve na verdade um processo, de que não restam vestígios, contra o falso D. Sebastião.

No entanto, a leitura dos documentos consultados podem suscitar dúvidas e inquietações. Muito esquisito o comportamento de Filipe II que insistia junto do Senado para que o impostor fosse severamente punido e que o processo se desenrolasse com a maior rapidez.

Certo é que corriam vozes de que D. Sebastião tinha escapado às espadas dos mouros e se refugiara na ilha de Murano. Curiosamente Maria Leonor Machado defendeu, num artigo publicado na revista de História, a tese de que o indivíduo em questão era o rei de Portugal. Porque é que impediram os enviados portugueses, a Veneza, de confirmarem com os seus olhos se o pretenso D. Sebastião tinha ou não umas marcas, muito particulares, no corpo? Aliás, o dominicano José Teixeira, exilado em França no tempo dos Filipes, garantia que o «falso» D. Sebastião não era falso.

Quanto a Julieta Oliveira limitou-se a centralizr a sua comunicação na polémica sobre o desaparecimento de um personagem, cujo destino não é claro. A dúvida resistirá sempre... Portugal desbaratou-se em Alcácer Quibir, perdeu a confiança em si e daí a necessidade do mito. E se o tipo que morreu num mosteiro de França, concretamente em **Limoges**, fosse realmente o D. Sebastião?

Futuro

Então, ele seria também um exilado, o que nunca regressou.

Raul Ferreira Rocha, nascido em Moçambique há 35 anos, é um dos pintores expostos no salão das **Descobertas**. Está em Paris, desde 1975, tentando furar as barreiras que impedem um artista, sem nome feito, de se afirmar. Missão, sem dúvida, árdua, porque a política que orienta o mercado da arte obedece a leis que nada tem a ver com a qualidade. Depende da moda, da cotação, do compadrio com a crítica, de uma série de factores específicos da sociedade de consumo. Fazer exposições individuais resulta caríssimo. São as percentagens altíssimas a pagar às galerias que cedem o espaço, são as despesas da **vernissage**, a cargo do artista e ainda o ter de contar com o apadrinhamento de uns tantos críticos reputados na praça.

Ora, como os proventos da venda de quadros são escassos Raul Rocha precisa de **«arredondar os fins do mês»** com o desenvolvimento de outra actividade paralela, no caso a de montar exposições no **Grande Palais**, integrado numa pequena equipa em que é o único estrangeiro.

«Ainda não tive possibilidade de fazer nenhuma exposição individual e nos salões, em colectivo, há dificuldades de venda. Fora disso, sucede que os artistas se organizam em grupos, com o objectivo de colocar o que produzem no mercado... Ainda temos o contacto directo com eventuais compradores no 'atelier'».

E ao seu «atelier», onde também habita, na zona de Monparnasse, só muito esporadicamente se dirigem compradores. Mas Raul Rocha não desespera, continua a trabalhar, alheado das moas ou do que na ocasião poderá render. Na posse dos conhecimentos essenciais, das bases que lhe permitem avançar, entrega-se a experiências das quais espera frutos. Foram os rostos e os mapas, e os materiais em que inscreve a pesquisa, sensibilizado pela informática e as novas tecnologias que nos seus trabalhos constituem um ecrã onde se registam «memórias» futuras.

Nasceu em Moçambique mas é português. **«Ainda hesitei quanto à opção da nacionalidade. Hoje acho que isso não tem importância, as fronteiras perdem cada vez mais o sentido... Depois a cultura portuguesa é um todo, nós gozamos do previlégio de sermos universalistas. Claro que não tenho qualquer ideia de culpabilidade histórica, a história decorre e, uma vez passada, entra no capítulo da memória escrita. O meu pai, que viveu em Moçambique durante trinta anos, é um retornado no sentido literal do termo, com todos os ressaibos e cicatrizes interiores... Eu, sou diferente porque pertenço a outra geração. A terra está descoberta e o homem não pára de procurar saber mais, até já se fala em colonização espacial».**

Foram à volta de dez anos sem contactos com portugueses, em Paris. Ouve falar da revista **«Peregrinação»** e, por acaso, relaciona-se com Fernando Morais. A partir desse altura verificou-se um encadeamento de factos que alteraram a sua vida... **«Este encontro vem ao encontro de um programa pessoal, do que tenho dentro da cabeça»**. Da dimensão universal que busca, e da descoberta em que se empenha... Do lado dos descobridores, sempre. Dos velhos do Restelo, nunca.

Isabel Tomé, leitora em Pádua

Raul Rocha, pintor em Paris

"Doença da alga", captura em força...

Mares dos Açores têm cada vez menos lapa brava

A diminuição da lapa dita «brava» no mar das cinco ilhas açorianas do grupo central deve-se a uma doença provocada por uma alga e à sua captura intensiva —revela um estudo divulgado na Horta (Faial).

A apanha de lapa brava, também conhecida como de «mergulho» ou de «fundo», está proibida desde 1983 nas ilhas Terceira, S. Jorge, Faial, Pico e Graciosa, após terem sido detectadas grandes quantidades deste univalve morto.

O estudo das causas da morte da lapa foi elaborado por um biólogo de uma Universidade norte-americana para a Universidade dos Açores.

Chegou inicialmente a supor-se que a morte das lapas no grupo central dos Açores pudesse ter a ver com fenómenos sismo-vulcânicos.

Existem nas nove ilhas do arquipélago duas espécies de lapas: a «brava» e a «mansa», sendo a apanha desta permitida em toda a Região Autónoma.

A apanha de lapas ocupou em 1985 a sexta posição no conjunto das espéciess marinhas capturadas nos Açores, apesar de, no ano passado, a captura deste molusco nas ilhas do grupo central do arquipélago estar proibida.

Esta informação foi fornecida na Horta pelo director regional das Pescas, Eugénio Leal, numa conferência de Imprensa destinada a divulgar um estudo sobre o desaparecimento das lapas nas costas das ilhas Terceiira, S. Jorge, Pico e Faial.

Investigaçõees universitárias referidas na ocasião indicam que a morte prematura do molusco detactada a partir de 1983 nas costas destas ilhas e que levou à degradação dos **stocks,** se deveu à «passagem episódica» nas suas proximidades de «marés vermelhas, constituídas por algas microscópicas». Estas algas — foi explicado — têm uma acção tóxica e provocam infecções nas lapas.

A este factor deve acrescentar-se, por ter também influência negativa nos **stocks,** a captura excessiva registada nos últimos anos em algumas ilhas.

Além da captura tradicional para o mercado local, verificoou-se nos últimos anos um crescimento do volume de apanhas de lapas dde mergulho destinadas ao estrangeiro, nomeadamente aos Esttados Unidos.

Durante o ano passado passaram pelas lotas dos Açores 93 toneladas de lapas de **mergulho,** avaliadas em 38 000 contos. Este volume no corresponde ao global das lapas apanhadas nas ilhas, visto que quantidades consideráveis não passam pelas lotas.

O estudo divulgado no encontro com oos jornalistas, na base do qual o Governo Regional decidiu prorrogar até 1987 a proibição da apanha nas ilhas do grupo central, foi elaborado pela Universidade dos Açores por um especialista norte-americano em investigações sobre a espécie.

O documento aconselha, por outro lado, como forma de manutenção de **stocks,** uma racional apanha nas restantes ilhas.

As lapas e as cracas são espécies muito usadas em pratos tipicos dos Açores.

Arranjados 57 de 155 quilómetros

CP continua a renovar a linha da Beira Baixa

Dos 212 quilómetros de distância da linha do caminho-de-ferro da Beira Baixa, apenas se encontram renovados 57 quilómetros de via — refere um relatório dos Caminhos de Ferro Portugueses a que a Anop teve acesso.

O documento serve de apoio a um diagnóstico da situação da Cova da Beira, realizado pelo gabinete coordenador do plano integrado de desenvolvimento daquela região interior.

O relatório da CP diz que três quartas partes da referida linha férrea se encontram muito degradados, nomeadamente os 155 quilómetros não renovados.

O facto impõe a circulação a velocidades inferiores, permitidas pelo traçado geométrico existente — diz o documento.

Acrescenta que «em largos troços, praticam-se velocidades de 60, 40 e 30 quilómetos por hora».

De entre os problemas realçados pelos técnicos que elaboraram o relatório, destacam-se as pontes onde a linha apresenta grandes restrições de carga.

Deve-se este facto às características de grande número de pontes, do que resulta que nem todas as locomotivas possam circular naquela linha, sobretudo as de maior potência.

Sobre os túneis, o documento diz que são estruturas centenárias, que necessitam acções de rejuvenescimento.

A propósito das passagens de nível, é afirmado pela CP que existem 383, o que dá uma média de 1,81 passagens de nível por quilómetro.

No que respeita a acções programadas na linha férrea da Beira Baixa, a CP diz que «não está prevista a renovação integral do troço Castelo Branço/Guarda».

Benedito benvindo à mesa dos reis

Neves de Sousa
nosso enviado especial

E esta? Quem diria que a camisola amarela, esvoaçante sempre entre a juventude, ia parar (em golpe súbito) a um homem com nove «voltas» no arquivo, apenas um 7.º posto como proeza maior, momento totalmente inédito esse: vestir o «jersey» de comandante da mais apetecida prova quando se caminha para os 31 anos de idade?

Pois é: ninguém apostava um ceitil, mas é isso (essa incerteza, esse constante imprevisto) que torna aliciante cada etapa de uma prova que, embora ontem corrida como se fora para amadores (média baixíssima: 34,498) trouxe grande alarme no pelotão dos «barões», cada dia mais escasso porque algumas vedetas teimam em alternar o comportamento: tão depressa atiram achas para a fogueira como logo se reduzem ao conformismo autorizando os «minhocas» a fazerem pela vida.

Contemos, porém

Porém, para que o leitor fique com ideia de como se esgrimiu entre Gouveia e Macedo de Cavaleiros, nos oficiais 205 quilómetros que foram mais cinco mil metros em quase todos os conta-quilómetros dos acompanhantes, digamos que cem metros depois da abalada já estava uma bicicleta com «furo»: a do joalheiro Joaquim Fernandes. E, para não se sentir só, daí a pouco estava acompanhado pelo colega Bernardo Sousa. Pelos vistos, o patrão Garcia tem de mandar rever o material dos funcionários antes de os colocar na estrada.

Em Cortiço da Serra, escapou-se José Fernandes e, mil metros adiante, já estavam de braço dado Joaquim Carvalho e Raul Terebentino, como bela conjugação de esforços entre todos. Passaram por esta ordem na meta volante instalada em Celorico e, entre os mais directos perseguidores, aproveitando a embalagem para o Rico Branco, escapulia-se também o francês Henri Abadie. Os dois momentâneos «ourives», mais o olhanense e o homem da «Fagor» desataram a pedalar em belo andamento e parecia que as coisas estavam propícias para uma excelente e bem disputada corrida, com a consequente aceleração do cronómetro.

Isso ainda mais entrou no espírito dos «voltistas» quando se começou averbando o tempo de avanço para o quarteto dianteiro: 2 minutos e 50 segundos de vantagem tinham os «cavaleiros» na meta de montanha instalada ao quilómetro 44. Com uma hora de corrida, a média estava óptima: 44 km/h.

E assim ia correndo a vida: sete minutos aos 80 quilómetros e os fugitivos em pedalada crescente. Aos 82 (perto da Quinta do Mortagão) iam os flecheiros com oito minutos e 45 segundos de dianteira e eis que corre um sobressalto: o camisola amarela caía, «furado» novamente a bicicleta de Bernardo de Sousa e tombando ainda dois ciclistas que logo se ergueram. Aumentou imediatamente, mas enquanto desistia Manuel Augusto Gomes (Sangalhos/Recer) que era um dos sinistrados que ficara mais mal tratados.

Cayn Theahston lá vem, ainda um pouco atrasado: todavia, Venceslau Fernandes (espírito abnegado ou serventia da Ajacto ao Louletano?) deixa-se ficar na fita negra para rebocar o comandante ao pelotão. E, em Vila Nova de Foz Coa (contagem de montanha) lá vão os quatro franco atiradores devorando quilómetros e Abadie limpando o melhor pecúlio.

Surge o coringa

Poderá dizer-se que, naquele momento, eram quatro ases fora do baralho. Para se constituir o saudoso grupo que foi «entourage» da fabulosa Carmen Miranda faltava um coringa: e ele apareceu. Benedito Ferreira, com um lampejo de ambição ou súbita inspiração, entendeu que o pachorrento rodar do cortejo, mais acentuado a partir do instante em que Cayn recolara, era fraco espartilho para a sua força, resolveu ir no encalço do quadrunvirato que ia na gávea da nau. E, ao quilómetro 120, na placa indicativa de S. João da Pesqueira, estava na charneira para logo tomar toda a iniciativa do raide, empunhando o facho e a flecha dos pupilos de Robin.

Vale aqui a pena meter um comentário: só queria que vissem como a face tisnada de benedito mirava a estrada, como a sua voz contagiava os companheiros, como as suas pernas se assemelhavam a êmbolos e a sua máquina parecia desferir raios de sol em cada volta do pedal. A marcha, processada em aceleração contínua, foi de tal ordem que, com 125 quilómetros no balanço, a dianteira contava dez minutos à maior sobre o grande bloco, de onde escapara outro resistente ao conformismo: o tavirense Jorge Evangelista.

A nossa praga

EN)Entrou-se, então, num cenário sempre triste: fogos na floresta, madeiramento queimado já preparado para a embalagem até casa de alg interessado, bombeiros e autoridades impotentes para poderem cilindrar o perigo que representava, para casas próximas, a língua de fogo avivada pelo sol a pino. Só os ciclistas pareciam indiferentes à tragédia verde: pedalavam sempre e só olhando em frente.

Outra pausa para contar aos parceiros de leitura, como uma nova praga tomou conta do nosso bom povinho: a recolha de auto-colantes e os múltiplos pedidos para chapelinho contra o sol em cartolina. Acreditem que até uma muito respeitável dona de casa apareceu (em S. Martinhoi) com um cartaz de cartão onde somente se lia a palavra «auto-colantes». Brandindo o cartão de encontro aos vidros dos carros, estava-se absolutamente nas tintas para a competição desportiva e, em relação a chapéus de papel, olhem que até os cantoneiros largavam a enxada para virem a correr perguntar se o próprio carro dos médicos ainda tinha para oferecer...

O tiro do Torreense

Voltemos à corrida. Raul Terebentino não suporta a pedalada obrigada por Benedito: o homem do Torreense/Sicasal parecia um garoto com idade para «teen-ager». Jorge Evangelista aparece mais perto.

E, aos 138 quilómetros do folhetim, José Fernandes também se atrasa. Benedito impõe um andamento impróprio para cardíacos mas perfeitamente justificável num ciclista com a sua experiência: Porto, Sporting, Coimbrões, Bombarralense, Lousa, muitas dezenas de milhar de quilómetros nas pernas sem um pelinho.

Apenas o teimoso Abadie o acompanha. A porta da nova meta de montanha têm mais de dez minutos de vantagem sobre Cayn e vigilantes. Do rés-do-chão da guerrilha chegam notícias: avarias nas bicicletas de Pedro Silva (Sangalhos/Recer) e Marino Fonseca (Garcia Joalheiros); e a segunda desistência do dia: o francês Jean Phillip, o tal das fugas aventurosas que até costumava resultar em ovação e dinheirinho no bolso, achou que o sacrifício era de mais e aproveitou a boleia do carro vassoura.

Como dos fracos não rezará a história, a «volta» continuou. Na contagem de 1.ª categoria montada na Barragem da Valeira, Benedito e Abadie dividem os prémios cimeiros, enquanto Terebentino se queda pelo terceiro posto na escalada, para apanhar novamente o duo vanguardista na descida para Linhares de Anciães. Sol de pouca dura: novamente Torreense e tricolor deram um jeitinho no carreto da máquina e os cavalinhos despediam-se entre poeira.

«Volta»: um envelope-mistério

Realmente, meus caros, esta «Volta» é um permanente envelope-mistério, tantas as supresas que se extraem do seu acanhado bojo. Verdadeira cornucópia de situações e movimentos, com cada rodar de ponteiro a subordinar nova reciclagem de conceito, aí está o espelho: especialmente quando, embora em andamento mais fraco do que o que acontcera na primeira parte da tirada, tanto Benedito Ferreira como Henri Abadie foram devorando o trajecto, dividindo o «pilim» e os louros convencionando que se o torreense tivesse hipóteses de roçar o «jersey» de ouro a vitória em Macedo de Cavaleiros era fornecida sem luta extrema ao francês.

Assim iria acontecer. Percorridos entre vinhedos pelos foragidos ao «dolce farniente», avistava-se a meta emoldurada por milhares de pessoas. O companheiro das lides jornalísticas Serafim Ferreira, (envolto na rudeza de um acidente de viação que em Matosinhos, lhe matou o único cunhado) chegava a informação que passava sobre toda a dor, que representava o dever cumprido: «Christian Chaubet e Francisco da Silva atrasam-se muito na última subida».

Mais coisas: Francisco Silva «fura» pela quarta vez nesta etapa: pelo andar da carruagem, quem voltar a contratar o mano de Acácio Silva tem de encher com «boyouxs» uma camioneta de apoio. E, quanto a José Oliveira e João Roque Júnior, pernas falhando e os pulmões a sairem pela boca, assistia-se ao último sacurdir de juba: Nem o pupilo de Mário Miranda nem o descendente do campeão parecem homens para andanças acima do trivial.

Enfim, atingiu-se a rua de Viriato Martins, junto ao bairro de S. Francisco, em Macedo de Cavaleiros. Uma senhora muito simpática informava que ainda havia quartos no Café Tropical. Outra fazia questão em perguntar quem vinha à frente, porque fora vestir um fato típico e estava ali para entregar flores ao vencedor. E ainda uma terceira que grantia, que o presidente da edilidade («o senhor Pescadinha do acórdeão, então não o conhecem, lá por Lisboa?») queria reunir a comitiva para a oração de sapiência perante os conterrâneos e um pôr-de-sol à ma-

Continua na pag. 15

Benedito Ferreira e o francês Henri Abadie no topo da glória

A equipa de reportagem do "DL"
viaja num
FIAT
Gentilmente cedido pela Fiat Portuguesa SARL

Serviço de transmissões da Volta, através de um
GRUNDIG
cedido gentilmente
pela Grundig Portuguesa.

A nossa equipa de reportagem
VIAJA COM
Mobil

Uno! um carro Único!

Próximos capítulos continuam fechados

Continuaçao da pag. 14

neira transmontana.

Só que o importante era a corrida. Portanto, acabou para os primeiros. Abraçado a este vosso escriba, a caminho do chichi para controlo «antidoping», Benedito conta que esta é a maïor alegria da sua vida. A nosso lado está também o João Alves da Costa, e com o tom calmo que nos é possível colocar na fogueira de um homem a arder de entusiasmo, que chora e ri como uma criança, que treme como um velho a quem tivessem retirado o cajado mas que mantém um perfil de lutador, embora a pele do rosto deixe marcar um sulco de água, lá fomos informando do tempoo que ia correndo à espera de Cayn e (possivelmente) da primeira camisola amarela que o homem feito, no ano de 1956 em Mato Mourisca, no concelho do Bombarral, poderia envergar a quatro dias do risco final de uma «Volta a Portugal».

— Não me digam nada: só me acordem quando o tempo que tenho de desvantagem chegar para tirar a «amarela» ao inglês...

Benedito torce o capacete. Devagar, soletrando, vai continuando: a mulher chama-se Maria Sofia e espera por estes dias o segundo filho, que ele desejaria fosse menina para fazer companhia ao Emanuel, que tem treze meses.

— Exactamente, é verdade isso que você disse: a minha mulher esteve na meta lá na nossa terra (Bombarral) e eu pedi ao Cayn que me emprestasse a camisola amarela para uma fotografia. Veja lá como são as coisas.

Olhando de soslaio a meta, onde acabava de surgir Raul Terebentino, o hoje famoso 37 desta história vai contando para os dois jornalistas:

— Quando ataquei (juro por tudo) nunca pensei que poderia chegar ao primeiro lugar. Mas o francês também puxou, foi um grande companheiro: e eu disse-lhe que poderia estar sossegado, que eu deixava que ele ganhasse a etapa. Nessa altura, o avanço era de dez minutos e se a gente não tivesse ligado esforços, ia tudo por água abaixo, embora isso dependesse mais do pelotão que da gente os dois.

Chegam mais ciclistas: José Fernandes, Joaquim Carvalho e Jorge Evangelista, e o tempo vai correndo, sem se avistar silhueta do pelotão graúdo. E mais minutos, Benedito fervendo, mas tentando desviar a ideia:

— Tenho casa no Bombarral e só faço ciclismo: para me dedicar a isto a sério, não podia ter outra preocupação.

Já lá vão dez, onze minutos. Cadé do Cayn? nem novas, nem mandamentos. Benedito vai deitando a nesga do olho à curva da estrada, mas continua a responder:

— Esta «Volta», contra o que anda dito por aí, não está a ser dominada pela rapaziada nova: é preciso contar com os veteranos, como eu e outros, que podem ter uma palavra ainda a dizer.

Sorrindo, mas muito ao de leve, timidamente:

— Porque eu tenho este aspecto de homem feito e aparento mais idade do que a que tenho, mas estou aqui para as curvas. E esta tem sido uma «Volta» corrida sob a táctica do Sporting e do Lousa, que só aproveitou a segundos planos. As equipas fracas é que brilham...

Finalmente, o relógio trava: vêm ali os donos da festa, Cayn à cabeça para um «sprint» em que ele pensa poder ganhar tempo a Marco e seus pares. Benedito olha para o «placard»: já está. A «amarela» já conta no seu tronco vigoroso como um imbondeiro.

Abraça-se a nós e só acrescenta: **é o melhor minuto da minha vida e, embora não tenha equipa para me ajudar, tentei defender aquela camisola até não poder mais».**

Chora novamente. Toda a gente já o cerca, para o encaminhar até ao pódio. O herói nasce. E, quase no ar, vira-se para trás e deixa no ar:

— Ponha aí, por favor, que esta vitória vai para o patrocinador da nossa equipa (a empresa Sicasal) mas que a camisola irá para a minha mulher. Quero que, quando nascer a menina (?) venha embrulhada nela.

Outras imagens

No reverso da euforia moravam José Camilo e Wanderley Azevedo: mais uma baixa no Louletano e outro adeus brasileiro. Com o tempo oficial ultrapassado chegavam João Roque Júnior, José Oliveira, Francisco Silva, Christian Chaubet e Marino Fonseca: ao princípio da noite, a benevolência do júri repescava-os para a corrida ficando (desse modo) 69 intérpretes no palco.

Luís Vargues, técnico do Olhanense, metia-se no carro e abalava para o Algarve. Justificação:

A escalada para Macedo de Cavaleiros

— Deixo a equipa. Fica entregue ao massagista Armindo, porque só podemos ter uma viatura de apoio e isto está acabado para nós. Outro ano será melhor.

Muitos emigrante em «vacances» rodeavam Henri Abadie. Eis a sua história:

— Tenho 23 anos, consegui hoje a minha primeira vitória como profissional, moro em Tarbus (nos Pirenéus) e estou a entrar no campo do ciclismo autêntico. Até aqui tem sido só a brincar...

As garotas querem autógrafos, estão quase a pedir-lhe a morada lá em terras que todos conhecem. Abadie torna-se sisudo:

— Já namoro, sim senhor. Ela chama-se Kawy e é estudante de enfermagem. Vou telefonar daqui a bocado e amanhã mando-lhe todos os jornais que encontrar. A vossa televisão exporta para França esta «Volta»?

Dissemos-lhe que há recantos de Portugal onde nunca chegou, onde a espanhola é importada e ele fica a rir. Conta, então:

— O meu ídolo? Hinault. E para o ano, quero tornar a Portugal mas com uma equipa que possa lutar pelo primeiro lugar em todas as frentes.

Começa o desmanchar da feira. O júri reúne e delibera: multa de três contos a José Sousa Santos (Sangalhos/ Recer) «por ter demonstrado falta de correcção desportiva para com diversos condutores da caravana». Então isso faz-se amigo? O irmão de médico que já ganhou uma «volta», o próprio filho do treinador sangalhense assinou gestos feios? Mal vai o Mundo.

Pior para outros corredores: Fernando Carvalho multado em 500 escudos, em uma dona maria os directores da Ajacto e do Tavira, penalizado em três minutos o luxemburguês Mazzapesa, multado em mil escudos e acrescentados trinta segundos ao tempo real gasto ao corredor José Fernandes e ainda cinco minutos de dolorosa penalidade a Christian Chaubet.

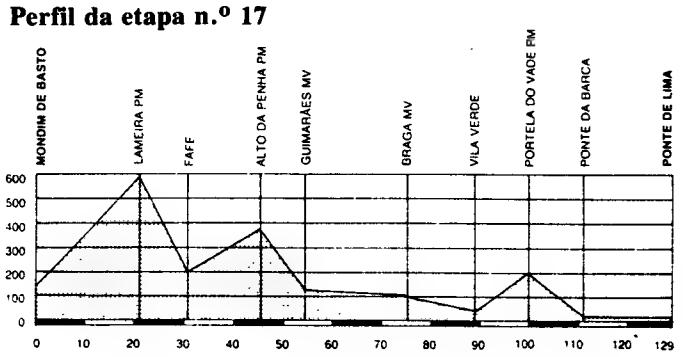
Mas, para nem tudo ser mau, lá estava a repescagem a cinco vozes e muitos obrigados à Câmara e a PSP e Macedo de Cavaleiros e largos agradecimentos também à corporação de bombeiros que tinha refrescado a caravana «com apetitosos chuveiros».

E a classificação? Às portas da viagem para Mondim de Basto, com o alto da Senhora da Graça a funcionar em termos de equação para toda a fita na estrada, tudo pode suceder: e já nada nos espantará. Desalojado Cayn do trono, quem irá contestar a mesa do rei? Sporting (Marco Chagas) ou Lousa, muito mais bem artilhado (Cunha, Carvalho, Zeferino e Pinto espreitando a mais pequena abertas) ficarão de braços cruzados numa tirada altamente crismada pela montanha?

Desculpem: só vendo, para depois contar. Bem os avisei. Os capítulos imediatos estão lançados e guardados em cofre forte.

Neves de Sousa

Perfil da etapa n.º 17



Amanhã

Amanhã, teremosa 17.ª etapa disputada entre Mondim de Basto e Ponte de Lima (158 quilómetros) com o seguinte percurso e horário: Partida: 11 horas. Passagem por: Lameira (11.30 horas), Arões (12.00), Santa Marinha da Costa (12.10, onde haverá montanha de 1.ª categoria), Guimarães (12.20), Sande (12.36), Pico dos Regalados (13.30), Covas (13.40), Ponta da Barca (13.50) S. João da Ribeira (14.10), Crasto (14.25) e chegada a Ponte de Lima prevista para as 14.15.

Colunáveis

Benedito: o dia mais feliz

Dynuance
Ref.ª 5711
A nuance exacta da sua ideia de branco

Agora, para interiores, a Dyrup criou a Tinta Plástica Dynuance. À vida foi colher a verdade de todas as nuances do branco, desde os brancos Primavera à nostalgia dos brancos do Outono:

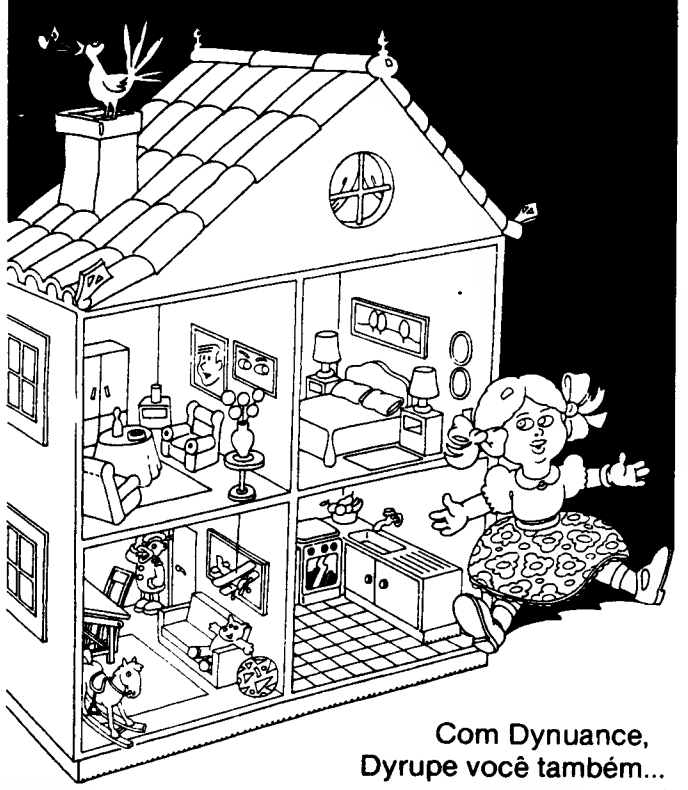
"Dynuance Azul"
A frescura da Primavera no quarto das crianças...

"Dynuance Creme"
A alegria das cores quentes do Verão para a sua sala...

"Dynuance Rosa"
No seu quarto, o convite ao sonho nos tons rosados de um entardecer de Outono...

"Dynuance Verde"
Um repouso estimulante. Um Inverno que se aconchega no calor da família!

"Dynuance Branco"
A coroar a claridade que escolheu, a elegância do branco total.

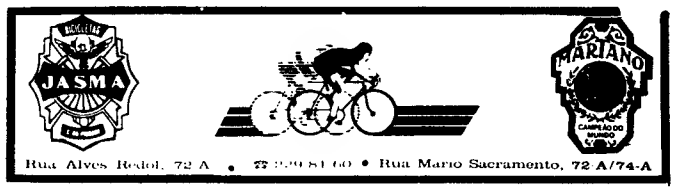


Com Dynuance, Dyrupe você também...

TINTAS DYRUP

48.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

CLASSIFICAÇÕES



Etapa Gouveia-Macedo de Cavaleiros

Individual

		H	M	S
1.º	Henri Abadie (Fagor)	5	56	32
2.º	Benedito Ferreira (Torreense)	5	56	36
3.º	Raul Terebentino (Olhanense)	6	06	08
4.º	José Fernandes (Ajacto)	6	08	03
5.º	Joaquim Carvalho (Garcia Joalheiro)		mt	
66.º	Christian Chaubnet (Fagor)	6	26	41

Equipas

1.º	Torreense	18	18	00
2.º	Olhanense	18	27	32
3.º	Tavira	18	29	27

STAND JASMA
BICICLETAS E ACESSÓRIOS DE COMPETIÇÃO
COVA DA PIEDADE — 2800 ALMADA

Geral Individual

1.º	Benedito Ferreira (Torreense)	58	26	26
2.º	Cayn Theahston (Louletano)	a		09
3.º	Marco Chagas (Sporting	a	04	49
4.º	Manuel Cunha (Lousa)	a	05	22
5.º	Fernando Carvalho (Lousa)	a	05	33
6.º	Manuel Zeferino (Lousa)	a	06	20
7.º	António Pinto (Lousa)	a	06	22
8.º	Manuel Neves (Boavista)	a	07	21
9.º	António Alves (Boavista)	a	07	27
10.º	Manuel Correia (Sporting)	a	07	35
11.º	Venceslau Fernandes (Ajacto)	a	07	47
12.º	José Passos (Boavista)	a	09	12
13.º	Marcos Mazzaron (Caloi)	a	09	23
14.º	Jacinto Paulino (Sporting)	a	09	44
15.º	Eduardo Correia (Sporting)	a	10	35
16.º	José Xavier (Sporting)	a	10	53
17.º	Carlos Santos (Lousa)	a	10	58
18.º	Carlos Moreira (Sangalhos)	a	12	06
19.º	Alberto Leal (Torreense)	a	12	44
20.º	Manuel Vilar (Sangalhos)	a	13	26
69.º	José Oliveira (Garcia Joalheiro)	a 1	54	33

Equipas

1.º	Boavista	175	25	37
2.º	Sporting	a	07	52
3.º	Lousa	a	08	12
12.º	Olhanense	a 1	56	55

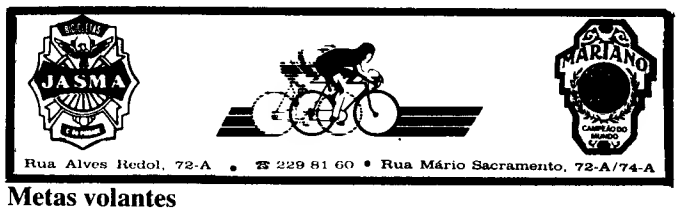
Abadie e Benedito a caminho da meta

Pontos

1.º	Marco Chagas (Sporting)	32	pontos
2.º	Carlos Santos (Lousa)	31	"
3.º	Américo Silva (Lousa)	25	"

Montanha

1.º	Fernando Carvalho (Lousa)	62	pontos
2.º	Manuel Correia (Sporting)	53	"
3.º	José Santiago (Torreense)	41	"



Metas volantes

1.º	Carlos Santos (Lousa)	13	pontos
2.º	Joaquim Salgado (Garcia Joalheiro)	11	"
3.º	Joseé Fernando (Ajacto)	11	"

STAND JASMA
BICICLETAS E ACESSÓRIOS DE COMPETIÇÃO
COVA DA PIEDADE — 2800 ALMADA

Combinado

1.º	Marco Chagas (Sporting)	10	pontos
2.º	Fernando Carvalho (Lousa)	15	"
3.º	Benedito Ferreira (Torreense)	23	"

Resistentes (69)

SPORTING/LARANJINA C

1 — Marco Chagas
2 – Eduardo Correia
4 – José Xavier
5 – Fernando Fernandes
6 – Alexandre Rua
7 – Jacinto Paulino
8 – Manuel Correia
9 – Joaquim Gomes
10 – Serafim Vieira

FAGOR

11 – Henri Abadie
12 – Christian Chaubet
13 – Bernard Richard

LOULETANO/CONSTRUÇÕES FOL

16 – Alfredo Gouveia
18 – Manuel Oliveira
22 – Theahston Cayn
24 – Francisco Silva
25 – Mezzapesa

BOAVISTA/ZANUSSI

26 – António Alves
29 – Eugénio Passos
31 – José Passos
33 – Manuel Neves
34 – Rui Sevilha
35 – José Marques

TORREENSE/SICASAL/CARNES

36 – Alberto Leal
37 – Benedito Ferreira
39 – Fernando Ventura
41 – João Roque Júnior
43 – José Santiago
44 – Paulo Duque Silva

TAVIRA/STAND CUSTÓDIO/ /BICICLETAS ESMALTINA

46 – Constâncio Reis
49 – Jorge Corvo
50 – Jorge Evangelista
51 – Luciano Soares
52 – Luís Cruz
53 – Raul Matias

PÃO DE AÇÚCAR/CALOI

56 – Gabriel Sabião
58 – Marcos Mazzaron
62 – Carlos Correia

LOUSA/TRINARANJUS/AKAI

65 – Adelino Teixeira
66 – Américo Silva
67 – António Pinto
68 – Carlos Santos
69 – Fernando Carvalho
70 – José Poeira
71 – Luís Domingos
72 – Manuel Cunha
73 – Manuel Zeferino

GARCIA JOALHEIRO

75 – António Silva
76 – Bernardo de Sousa
77 – Joaquim Carvalho
78 – Joaquim Fernandes
79 – Joaquim Salgado
81 – José Oliveira
83 – Marino Fonseca

OLHANENSE/SUCOL

86 – Gaspar Gonçalves
89 – Hélder Domingos
91 – Raul Terebentino

SANGALHOS/RECER

94 – Belmiro Silva
95 – Carlos Moreira
97 – José Sousa Santos
99 – Manuel Vilar
100 – Pedro Silva

AJACTO/MORPHY RICHARDS

103 – António C. Araújo
104 – António P. Araújo
105 – Carlos Pereira
106 – Fernando Almeida
107 – José Fernandes
108 – José Leite
109 – Venceslau Fernandes

Destaque

Quadro de honra após a 15.ª etapa:

Etapa	Vencedor	Equipas	C. Amarela	Equipas
Pról.	Manuel Cunha	Lousa	Cunha	Sporting
1.ª	Joaq. Fernandes	G. Joalh.	Cunha	Sporting
2.ª	Carlos Nunes	Torreense	M. Neves	Torreense
3.ª	Luís Cruz	Louletano	C.Theahston	Louletano
4.ª	Carlos Pereira	Ajacto	C.Theahston	Louletano
5.ª	Marcos Mazzaron	P.Açúcar	C.Theahston	Louletano
6.ª	Marco Chagas	Sporting	C.Theahston	Louletano
7.ª	F.Carvalho	Lousa	C.Theahston	Louletano
8.ª	Eugénio Passos	Boavista	C.Theahston	Louletano
9.ª	Marco Chagas	Sporting	C.Theahston	Louletano
10.ª	Rui Sevilha	Boavista	J. Salgado	G. Joalheiro
11.ª	J.J. Philipe	Fagor	J.Salgado	G.Joalheiro
12.ª	Américo Silva	Lousa	Theahston	Louletano
13.ª	Marco Chagas	Sporting	C.Theahston	Louletano
14.ª	Marco Chagas	Sporting	C.Theahston	Louletano
15.ª	Henri Abadie	Fagor	B. Ferreira	Torreense

O que falta

16.ª	M. Cavaleiros-M. de Basto	205	
17.ª	M. de Basto-Ponte de Lima	129	
18.ª	P. de Lima-Praia da Amorosa	139	
19.ª	Praia da Amorosa-P. da Amorosa (*)	28	
20.ª	P. da Amorosa-Póvoa de Varzim	116	

(*) Contra-relógio individual

Breves

Os ciclistas Manuel Cunha, do Lousa, e Eduardo Correia, do Sporting, continuam no primeiro lugar como os mais elegantes e amáveis da «Volta», segundo a votação efectuada pelos jornalistas.

No Prémio Elegância, Manuel Cunha (Lousa) recebeu até agora 35 pontos, seguido de Marco Chagas com 31 e Fernando Carvalho (Lousa) com 16.

No «Prémio Amabilidade» (trofeu «Idalino de Freitas»), Eduardo Correia (Sporting) tem 29 pontos, seguido de Manuel Cunha (Lousa), com 24 e Carlos Santos (Lousa) e Manuel Neves (Boavista), ambos com 13.

O «melhor companheiro» é liderado por Adelino Teixeira, do Lousa e Manuel Cunha (Lousa) e Cayn Theakston (Louletano), todos com 5 pontos.

●

Os resultados dos exames ás anlises anti-«doping» das 11 primeiras etapas foram todos negativos, anunciou a Federação Portuguesa de Ciclismo.

Desistentes e eliminados (32)

Etapa	Desistentes	Eliminados
2.ª	Gilsson Evaristo (Caloi)	Manuel Garcês (Boavista), Carlos Gago (Tavira), António Martin e António Castro (ambos do Olhanense) Marshal Chris (Louletano)
3.ª	Duarte Ferreira e Joaquim Neto (Boavista)	——
4.ª	René Martens (Fagor)	——
5.ª	Anselmo Costa (Sangalhos)	——
6.ª	Francisco Camacho (Olhan.)	——
7.ª	——	João Carvalho (Tavira) e Isidro Miranda (Sangalhos)
8.ª	Golio Cepas (Olhanense)	——
12.ª	Carlos Marta (Sangalhos)	Nictélio Cavaco (Louletano), Benjamim Carvalho (Boavista) e João Amaro (G. Joalheiro)
13.ª	——	Leonel Tomás (Louletano), Paulo Ferreira (Sporting), Carlos Nunes e João Santos (Torreense), António Pinto (Tavira), Lino Guerreiro e Gilson Rangel (Caloi), Vítor Rodrigues (Lousa), Manuel Abreu (G. Joalheiros) e Tito Vitorino (Olhanense)
15.ª	Manuel A. Gomes (Sangalhos) J.J. Phillip (Fagor), José Camilo (Louletano) e Vanderley Azevedo (Caloi)	

Tiro: português acerta no ouro

O atirador português Estrela Loureiro conquistou o título de campeão mundial de tiro na categoria de pistola de grosso calibre durante os campeonatos do mundo da modalidade para militares a disputar-se na Base da Ota.

Uma prova de precisão e de duelo, com alvos de 25 metros, constituem a competição de pistola de grosso calibre onde o atirador português alcançou a pontuação máxima com 592 pontos, contra 591 do suíço Kuchler, segundo classificado.

Por equipas Portugal ficou em 5.º lugar totalizando 2318 pontos, enquanto a Suíça ganhou com 2343.

No sector feminino, Cidália Ribeiro classificou-se em 3.º lugar na prova de pistola. Na foto as atiradoras Isabel Catarino, Cidália Ribeiro e Maria Fernandes (todas da PSP).

Sporting: obras no estádio

O Sporting vai iniciar na próxima semana obras de beneficiação da parte antiga da bancada do Estádio José Alvalade.

Segundo os dirigentes sportinguistas a construção em causa **«feita por um empreiteiro pouco escrupuloso, começou a acusar graves deficiências e degradação».**

As obras de beneficiação da bancada do Estádio de Alvalade sobrepõem-se, no entender dos dirigentes verde-brancos, a outros empreendimentos «e teem motivado as mais amplas diligências dos responsáveis do clube, desde a solicitação de um exame pericial ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil e consultas a várias empresas da especialidade, até às audiências ao ministro do Plano, estas, naturalmente, para pedir a comparticipação financeira respectiva».

Hoquistas angolanos em Portugal

A selecção angolana de hóquei em patins chegou hoje a Portugal, onde dará continuidade aos seus trabalhos de preparação com vista à participação no campeonato do mundo (grupo-A), em Setembro próximo, no Brasil.

A caravana, composta por doze atletas, três técnicos, um massagista, e um mecânico-roupeiro, é chefiada pelo vice-presidente da Federação Angolana de Patinagem, Bastos de Abreu.

Recorde-se que Angola participará no «mundial» do grupo-A em virtude da desistência da Bélgica, e após ter conquistado o quarto lugar do grupo-B em França.

Por actos de indisciplina:

O nigeriano Sylvanos foi dispensado pelo Marítimo

A direcção do Marítimo decidiu por unanimidade, dispensar o centro-campista nigeriano Sylvanus, devido a actos de indisciplina.

Segundo fontes da direcção, Sylvanus, que ainda não tinha assinado compromisso com o clube para a próxima época, foi dispensado devido a reincidência nos actos de indisciplina, admitindo-se a possibilidade de ser movido um processo judicial contra o jogador pelos danos causados.

O centro-campista nigeriano, que no início da preparação tinha regressado ao Funchal com vários dias de atraso, faltou terça-feira a um treino de conjunto, tendo a direcção técnica do Marítimo constituída por Stefan Ludin) (sueco) e pelo adjunto Rui Rodrigues, manifestado aos dirigentes do clube a intenção de dispensar o futebolista.

Entretanto, o Marítimo está em vias de assinar um compromisso com o escoc ês Ian Wallace e assegurou por empréstimo os serviços do britânico Colin Hill, 21 anos, que representou o Arsenal (Inglaterra).

FC Porto vence Braga

O FC Porto derrotou o Braga por expressivo 4-0 em jogo particular de futebol disputado no Estádio 1.º de Maio na cidade bracaense.

João Pinto abriu o activo aos oito minutos e **Gomes** aproveitou bem um deslise de Hélder para efectuar o 2-0 aos 20 minutos. Na segunda parte o Brasileiro **Eloi** e levou a contagem para 3-0 aos 65 minutos através da marcação de uma grande penalidade tendo o mesmo jogador fechado a contagem aos 75 minutos.

O encontro serviu para a apresentação do plantel da equipa bracarense para a próxima época do campeonato nacional de futebol, da primeira divisão.

Zairenses (do Guimarães) com pé afinado

O Vitória de Guimarães obteve a sua segunda vitória desta época ao derrotar o Salgueiros por 2-1 em jogo particular de futebol.

N'dinga e N'kama foram os marcadores de serviço da equipa de Guiimarães agora dirigida pelo técnico brasileiro Marinho Peres.

O irlandês Waslh, antigo jogador do FC Porto, marcou na segunda parte o tento solitáriio do Salgueiros.

Farense derrota o Huelva

O Farense derrotou a equipa espanhola do Recreatico de Huelva por 4-3 durante o jogo de apresentação da turma algarvia para o próximo campeonato nacional.

O Farense marcou através de Jorge Andrade (35), Fortes (45 e 63) e João Cabral (67),

Leitão: melhor europeu do ano na prova dos cinco mil metros

António Leitão obteve na Corunha (Espanha) a segunda melhor marca mundial do ano nos 5000 metros com 13 minutos e 13 segundos, sendo batido pelo marroquino Said Aquita.

Aquita, campeão olímpico dos 5000 metros, ganhou a prova com o tempo de 13.00,86 minutos ficando a apenas 0,46 segundos do seu próprio recorde mundial fixado o ano passado em Oslo. Recorde-se que Aquita já obtivera este ano duas marcas de bom nível: 13.19,43 minutos em Estocolmo (1 Julho) e 13.19,64 minutos em Rovereto (31 Julho).

Leitão, que detém o recorde de Portugal com 13.07,70 minutos desde 1982, detinha o 6.º melhor tempo mundial antes desta prova com 13.20,04 minutos, marca alcançada a 7 Julho em Helsínquia.

O suíço Pierre Deleze que liderava o «ranking» mundial com 13.15,31 minutos passou agora para o 3.º lugar das listas anuais, a vinte dias do início dos «Europeus» em Estugarda.

Steve Ovett: melhor marca nos 1500 metros

O inglês Steve Ovett estabeleceu na sua pista favorita, em Koblenz, a melhor marca mundial do ano nos 1500 metros mas revelou depois não ir correr esta distância no «Europeu» em Estugarda.

Ovett, antigo recordista mundial dos 1500 metros e da milha, gastou o tempo de 3.33,78 minutos, a sua melhor marca nos últimos três anos. O atleta britânico disse que irá dar preferência aos 5000 metros no «Europeu» de Estugarda, prova para a qual orientou a sua preparação esta temporada.

O velocista nigeriano Chidi Imoh confirmou a sua boa reputação ao correr os 100 metros em 10,20 segundos, o melhor tempo na pista de Koblenz.

assim vai o totobola

PROGNOSTICO DOS ORGAOS DE INFORMAÇAO

PARA O CONCURSO N°32 DE 10 . AGOSTO . 86

O Algarve, 112 2X1 11X 1122; Jornal de Amarante. 111 211 1X1 2121; Jornal da Beira, 111 212 1X1 21X1; Correio de Coimbra, 111 1X2 122 11X1; Correio do Vouga, 111 111 111 22X1 Defesa de Espinho, 21X X12 112 XX22; Diário de Lisboa, 2XX 21X 11X 21XX; Diário de Viseu, 1X1 X11 XX2 X1X2; Folha do Domingo, 11X 111 111 X111; Ecos de Cacia, 1X1 X11 112 111X; Eu Sei Tudo, 111 212 XXX 11XX; Jornal de Felgueiras, 1X1 2X2 122 21XX; Gazeta das Caldas, X11 X12 1X1 1111; Gazetea de Felgueiras, 111 X12 11X 1211; Rãadio Totobola, X12 112 1X2 X11X; Linhas de Elvas, 111 21X 121 11x1; Litoral, 11X 11X 112 2X21; Jornal da Lixa, 11X 111 211 111X; Maria da Fonte, 21X 212 1X1 1111; O Mensageiro, 111 1X1 1x1 1111; No Estúdio e no Estádio, 111 X12 X11 11X2; Notícias de Felgueiras, 1X2 2X2 122 2122; Notícias de Guimarães, 11X 2X1 11X X12X; Notícias de Viseu, 111 X1X XX2 1121; Clube da Manhã, 122 211 X12 2121; Rádio Sports, 111 11111 XXX 1111; Jornal de Sintra, 11X 211 11X 22X1; Voz do Ave, 211 21X 112 XXXX; A Voz do Domingo, 111 111 111 1111; Beira Serra, 12X 2X1 111 2121; Horizonte, 111 X11 1X1 21X1; Pôr do Sol, 11X 11X 11X 111X; Gente Gira, 11X 21X 211 X111; Penalti, 111 112 112 X1X1; A Arte de Bem Madrugar, XX1 211 1XX 2112; Notícias de Gouveia, 112 21X 112 X121; RR/Diário do Desporto, X21 111 XX2 11X1; Bola Branca, 2X1 1X2 X21 1X21; RR/Desporto, 1X1 112 111 22X1; Jornal de Santo Tirso, 112 11X 1X2 X221; Jornal 1X2, 11X 211 1X2 X211; Voz de Lamego, 111 211 1X2 X211; Comércio de Leixões, 11X X12 111 X1X1; De Tudo Um Pouco, 111 X12 1X1 X12X; Jornal de Notícias, 11X X12 1X2 X1X1; Primeiro de Janeiro, 112 111 1X1 X11X; Repórter do Dia, X11 11X 1X2 1121; Alvo Desportivo, 111 111 111 1111; Rádio Alvo, 211 111 1XX 11X1; Alvo, X1X X11 1X2 X1XX; Alvo Suplemento, 11X 111 111 1111; Rádio Placard, 11X 221 X21 X21X; Estúdio 64, 1x2 121 21X 11X2.

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (*) 1	X	2
1. B. Leverkusen-Schalk 04	41	6	6	10	1	1
2. Bayern-B. Dortmund	41	9	3	9	2	1
3. E. Frankf.-F. Dusseldorf	28	17	8	6	4	2
4. Bochum-Colónia	21	12	20	5	3	4
5. W. Bremen-Nuremberga	43	8	2	9	2	1
6. BW 90 Berlim-Kaiserslautern	26	10	17	6	2	4
7. Celtic-Dundee	41	9	3	9	2	1
8. Dundee Un.-Aberdeen	25	22	6	6	5	1
9. Hibernian-Rangers	22	11	20	5	2	5
10. Aarau-Neuchatel	22	18	13	5	4	3
11. Servette-Lucerna	41	4	8	9	1	2
12. Sion-Basileia	19	20	14	4	5	3
13. Zurique-Grashopper	33	13	7	7	4	1

(*) – Nos termos do Art.° 14.° do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «chave» lógica será: 111 111 111 11x1

CRÓNICA DE TOUROS

O presidente não foi à tourada

Soliloquio

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 26 de Junho de 1986. Touros de diversas ganaderias, em concurso, para Angel Peralta, Luís Miguel da Veiga, Joaquim Bastinhas e Forcados Amadores Lusitanos.

Antes da tourada de gala à antiga portuguesa, dita integrada nas Festas da Cidade, foi noticiado que o senhor Presidente da República não ia assistir à dita cuja. Informação singular, visto que em regra os jornais trazem os lugares onde vai o Presidente, e não trazem os lugares onde ele não vai. Não se põem a dizer, por hipótese, que o mais alto magistrado não irá assistir ao concurso de «fox-trot» na Sociedade Alunos do Apolo, ou que não estará presente no baile de domingo dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, ou que não participará no piquenique organizado na mata de Benfica, pelo Grupo Onomástico «Os Carlos», ou que não irá ao lanche dos anos da minha tia Ermelinda.

Desta vez não foi assim. Houve notícia que o Presidente não iria ao Campo Pequeno. E até com detalhes. Segundo fontes próximas ao Palácio de Belém, a ausência devia-se ao facto de pretender assistir ao debate, no Parlamento, da moção de confiança ao Governo, que tinha lugar nessa mesma noite, e além disso porque no dia seguinte partia logo de manhã cedo para a Madeira. Ou seja: além de que não podia ser, era impossível.

Acontece ainda que, para além de tão suficiente explicação, a notícia da ausência do Presidente veio, de modo algo sub-reptício, relacionada com uma carta que lhe teria sido dirigida por uma obra de assistência aos animais, e por uma comissão dos direitos dos ditos, no sentido de não estar presente na tourada, visto tratar-se, entre outros considerandos, de um acto de violência gratuita. E é aí, na violência gratuita, que importa fazer uma rectificação. Ela poderia ser gratuita para o doutor Soares, como convidado de honra; mas não seria gratuita para a grande maioria dos portugueses de que é presidente, uma vez que, chegados à bilheteira, tiveram de esmifrar um conto e tal por uma bancada alta. Se isto é uma violência gratuita, vou ali e já venho.

Verificado que as tais organizaçãoes não merecem crédito, voltemos pois às duas razões invocadas, pelas fontes próximas de Belém, para o Presidente não ir ao Campo Pequeno. Sendo razões prévias, alegadas antes do acontecimento, é importante e justo que se diga como o doutor Mário Soares revelou, através delas, ter uma clara intuição da tourada em geral, e da tourada de gala em particular. Porque o Presidente, mesmo sem dispor na sua casa civil de um assessor taurino, soube prever que seguir o debate de uma moção de confiança no Parlamento dificilmente seria mais chato do que presidir ao dito festejo; e por outro lado soube calcular que tourada de gala iria decerto acabar a horas perfeitamente impróprias para quem na manhã seguinte tem de se levantar cedo.

Além desses dois aspectos, outros havia, mais especializados, igualmente previsíveis. Era previsível, por exemplo, que o concurso de ganaderias não fosse concurso coisa nenhuma, a ponto de não interessar quem o ganhou. E que os forcados Lusitanos, com os animais que agora se usam, mesmo nos concursos, dariam conta do recado sem problemas de maior. E que o Luís Miguel da Veiga mostraria aquele seu toque de lidador elegante, que não corre atrás das modas. E que o Bastinhas voltaria a arrancar um desses êxitos que, à força de se repetirem, vão calando a boca aos que lhe fadavam um lugar perpétuo na segunda fila.

Já não era tão naturalmente previsível, nem pelos cidadãos nem pelo Presidente, que no cartaz, em vez do anunciado Manuel Vidrié (ausência que, à falta de explicação cabal, deixou um cheiro a esturro), nos iria aparecer o veterano Angel Peralta. Se do ponto de vista da qualidade o nível veio por aí abaixo, uma vez que Vidrié está na plenitude das suas faculdades, sendo hoje o primeiro rejoneador de Espanha, enquanto Angel chegou ao ocaso da sua respeitável carreira, já a presença do centauro de Puebla numa corrida de gala à portuguesa se limitou a acentuar a carência de lógica da presença de um cavaleiro de tão diverso estilo. Aquilo logo na indumentária começava por não pegar com os coches, e os pajens, e os charameleiros, e os bordados dos marialvas; e o Angel ainda por cima vinha com um trajo que dava ares de bandido rico, eu não sou versado em trajos mas para mim o Peralta parecia um bandoleiro andaluz, um elemento da quadrilha famosa e terrível dos «sete meninos de Ecija», vestido para ir ao casamento de uma prima. E, para confirmar o estilo, o Peralta cavalgou pela arena do Campo Pequeno com as pressas descontroladas de um bandoleiro perseguido pela Benemérita; neste caso era uma Benemérita que trazia as armas com os canos embolados, mas nem assim o Peralta se confiava, safava-se conforme podia, ainda por cima parecia não perceber como o público se manifestava assim, impaciente com aquela cena lamentável, alguns até achavam que o bandoleiro devia mesmo ser preso.

Senhor Presidente: Vossa Excelência, abstendo-se de ir à tourada de gala do Campo Pequeno, não deixou por isso de ser o presidente de todos os portugueses que lá foram. Esses portugueses merecem a compreensão de V. Ex.ª. Eles podiam ter ficado em casa, a ler «As pupilas do senhor Reitor», ou a ouvir o programa «Quando o Telefone Toca», ou mesmo a assistirem à tourada pela Televisão, que dava o festejo em directo. Não o fizeram. Eles quiseram demonstrar, e desculpe se me repito, que essas organizações que escrevem cartas a V. Ex.ª, e que outras piores escreverão se V.Ex.ª vier um dia a promulgar a esperada lei autorizando em Portugal as corridas de touros autênticas, mentem com quantos dentes têm na boca, ao falarem de violência gratuita. Esses portugueses foram à tourada, viram sem pestanejar as longas cortesias, com a variante de um espanhol pelo meio, com um lenço amarrado à cabeça. E não só suportaram essa violência, como a pagaram da sua algibeira. Por isso me atrevo, senhor Presidente, a fazer um pedido a V. Ex.ª; quando houver uma próxima distribuição de comendas, de mercês honoríficas, lembre-se deles. Basta uma coisinha modesta; é mais pelo significado que por outra coisa. E se a chancelaria que trata das ordens se puser com rigores, vier informar que não é costume conceder mercês honoríficas a esse pretexto, V. Exª. pode dizer que, por exemplo, também nas corridas de gala à antiga portuguesa não é costume entrar o Peralta.

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA

12.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio.

Execução SUMÁRIA n.º 4999 3.ª Secção 12.º Juízo

Exequentes – COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO EP.

Executado – JOSÉ CARLOS MARUJO FERREIRA, residente da Rua Duarte Pacheco Pereira, n.º 12-1.º Dt.º, DAMAIA 2700 AMADORA.

Lisboa, 22 de Julho de 1986

O Juiz de Direito,
Ilegível

O Escrivão de Direito,
Ilegível

"D.L." 7/8/86 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA

12.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução SUMÁRIA n.º 2147 3.ª Secção 12.º Juízo

Exequentes – COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO EP.

Executado – ELECTRO RÁPIDA DE XABREGAS, Ld.ª, com sede na Rua Gualdim Pais, n.º 89-A, LISBOA.

Lisboa, 22 de Julho de 1986

O Juiz de Direito,
Ilegível

O Escrivão de Direito,
Ilegível

"D.L." 7/8/86 – 1.ª Pub.

TEATRO GIL VICENTE — Cascais 8 Agt — 21.30	Quarteto Kodaly / Jenó Jandó (piano) Mozart, Beethovem e Bontempo
CASINO — Estoril 10 Agt — 18 30	Tania Achot (piano) Schumann, Berg, Liszt e Scriabine
TEATRO GIL VICENTE — Cascais 14 Agt — 21.30	Quarteto Kodaly / Sequeira Costa (piano) Schubert e Cesar Franck
TEATRO GIL VICENTE — Cascais 15 Agt — 21.30	Tibor Varga (violino) / Arto Noras (violonceio) / Roberto Szidon (piano) Luis de Freitas Branco, Kodaly, Schumann e Brahms
TEATRO GIL VICENTE — Cascais 16 Agt — 21 30	Tibor Varga (violino) / Roberto Szidon (piano) Luis de Freitas Branco, Ravel, Brahms e Debussy
PALÁCIO DA CIDADELA — Cascais 17 Agt — 21.30	**«OS TROMPETES NAS CÔRTES DOS SÉCULOS XVII E XVIII»** /Edward Tarr Natural Trumpet Ensemble
*Estreia em Portugal	
MANIFESTAÇÕES PARALELAS: Concertos dos XXIII Cursos Internacionais de Música da Costa do Estoril. 16º Cascais Jazz/«Jazz num dia de Verão-86», Teatro TEC. Exposições e outras manifestações (ver programa geral)	
Patrocínios	Secretaria de Estado da Cultura, Secretaria de Estado do Turismo, Câmara Municipal de Cascais, RDP/ Programa 2, RDP/RC, Iberia, Estoril-Sol, Nestlé, Swissair, Metropole Seguros e Amigos do Festival
Colaboração	Câmara Municipal de Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, Fundação Calouste Gulbenkian, Embaixada dos EUA, Rank Xerox Diário de Notícias, Diário de Lisboa, O Século, O Jornal JL-Jornal de Letras, Artes & Ideias, APN, Hotel Cibra Grande Hotel CP — Caminhos de Ferro Portugueses E P , Hotel Tivoli Lisboa, Touring Club Estoril, TEC, Sojazz Welcome Portugal-Viagens e Turismo e MZM — Publicidade
Bilheteiras	Estoril — Casino Cascais — Discoteca AIFAI Lisboa — Teatro S Luis e ABEP
Informações	Secretariado — Telef 28 00 44 Organização — AIMCE e JTCE

Actores na Casa do Infante

Carlos Porto

ESPECTÁCULO COMEMORATIVO DA CONSTITUIÇÃO DE 1911. Dramaturgia e Encenação: **Hélder Costa.** Música: **«Cantar Brejeiro»** e **Banda da Carris.** Figurinos: **Maria do Céu Guerra.** Máscaras: **Francisco Pereira.** Interpretação: **António Gomes, João Azevedo, João Maria Pinto, Jorge Sequerra, José Carretas, José Gomes, Maria do Céu Guerra, Maria João, Paula Sousa, Teresa Faria.** Grupo **A Barraca.** Sessão única: **Sala do Senado do Palácio de S. Bento** — 23/7/1986.

Espectáculo insólito! Na bela Sala do Senado da Assembleia da República, quase cheia, um grupo independente recriou em termos teatrais os anos que antecederam a implantação da República, numa inesperada e bela homenagem à Constituição de 1911. Espectáculo de Abril, prova de que Abril está vivo: não falta quem por isso se tenha enraivecido.

Espectáculo insólito, pelo grupo, pelo sítio, pela assistência. Além dos espectadores anónimos, nas galerias, naquilo a que poderíamos chamar de plateia e as cadeiras de orquestra, personalidades conhecidas do Parlamento, representantes de vários partidos, outros. Espectáculo insólito também por permitir um certo consenso (o possível!) à volta de ideias a que o Povo português está vinculado: a ideia da República, da liberdade, da justiça. Antes e depois do espectáculo soaram algumas vozes contrárias, é certo: são as tais que não chegam aos céus. Insólito finalmente, pelo facto de ter sido escolhido, para participar nestas homenagens, um grupo, A Barraca, que é o mais desprotegido e o mais mal visto dos grupos independentes pelas autoridades da tutela.

É claro que o grupo não foi escolhido por acaso nem por provação à SEC: mas pelo tipo de teatro que tem praticado (atento à recriação da história portuguesa e até, se calhar, pelo facto de um dos seus responsáveis, Hélder Costa, ter criado na RTP um tipo de «sketches» que tinham a ver com a abordagem da história em termos teatrais.

As razões interessam pouco, interessa, sim, o facto de A Barraca ter apresentado um espectáculo capaz de corresponder às expectativas. Um espectáculo simples mas eficaz, bem concebido, bem carpinteirado, forte e comunicativo, apesar de produzido e trabalhado em condições que certamente não foram as melhores.

Utilizando processos que não são novos mas continuam a ser produtivos, e que vão da revista às criações de Ariane Mnouchkine, Hélder Costa e A Barraca levantaram o percurso dos últimos anos da monarquia através de uma colagem de textos com que clarificaram as relações entre os vários poderes e as várias personagens-chave desses poderes. Para isso, o dramaturgista utilizou textos mais ou menos conhecidos, como excertos de obras de Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Raul Brandão, João Chagas, etc., e cenas de revistas da época, o que é significativo da importância deste género de espectáculo em Portugal.

Um outro aspecto importante do espectáculo é o que se refere à maneira como nele, intencionalmente, se sublinha a importância, no tempo, da participação do intelectual, do escritor na vida pública, assim como a importância da participação da mulher no combate republicano.

A utilização do amplo espaço da sala, com os actores, por vezes, integrados na assistência (quando a sala funcionava como o Parlamento da época), a correcta composição das personagens históricas (para o que contribuíram muito os figurinos de Maria do Céu Guerra), as sínteses propostas como levantamento das raízes dos problemas expostos (caso da corrupção tão claramente denunciada), a energia dos intérpretes, a forte comunicabilidade do espectáculo, a sua teatralidade, a participação musical, todos estes elementos contribuíram para fazer deste espectáculo comemorativo da Constituição de 1911 mais do que um acto circunstancial e passageiro. Embora nele fosse fundamental o relacionamento que estabeleceu com o próprio espaço e com a própria assistência daquela noite, o espectáculo valia pela sua força teatral. E algumas das suas cenas, como o cerco do Quartel do Carmo , como no 25 de Abril, a transformação do Parlamento, o desfraldar das bandeiras republicanas, algumas intervenções parlamentares, permanecerão como propostas antológicas para um espectáculo histórico.

Entre os intérpretes, não queremos deixar de citar Maria do Céu Guerra, uma presença emocionante num espectáculo que não será facilmente esquecido.

Viva a República

PIOLHOS E ACTORES, de **José Sanchis Sinisterra.** Tradução, Encenação e Interpretação: **António Capelo** e **Jorge Pinto.** Assistência cénica: **Castro Guedes.** Assistência plástica: **Moura Pinheiro.** TEAR. **Casa do Infante:** 2-7-1986 (19-7-1986).

Em finais de 85, dois actores espanhóis, do grupo Teatro Fronterizo, passaram pelo Porto (TEAR) e por Lisboa (T. do Bairro Alto) tendo apresentado um espectáculo intitulado «Ñaque de Piojos y Actores», de um dramaturgo catalão, José Sanchis Sinisterra («D.L.» 23-12-85). Espectáculo muito forte sobre o teatro como realidade histórica encarnada pelos cómicos medievais que percorriam o país com as suas graças, a sua miséria, os seus piolhos, a sua fome. Aplaudidos e escarnecidos. Um espectáculo muito forte também pela qualidade dos dois intérpretes.

Foi este texto que dois actores do TEAR (António Capelo e Jorge Pinto) encenaram e interpretaram escolhendo para a sua apresentação um belo pátio inteior da Casa do Infante, espaço que, nas noites quentes deste Verão, constitui, por si só, um trunfo precioso (quem foi ao Teatro do Século sabe o que isso significa).

O texto foi objecto de uma adaptação que transpôs a sua acção, além das suas personagens, para Portugal, o que permite o aparecimento de curiosas referências a Gil Vicente, embora o recurso me pareça discutível, já que não há notícias de uma prática teatral do género, entre nós, ao contrário do que acontece em Espanha.

No entanto, esta versão portuguesa de «Piolhos e Actores» consegue um grau de comunicação bastante grande e constitui um momento de teatralidade assaz intenso. Optando por uma visão diferente do texto, os actores portugueses procuraram um maior distanciamento das personagens e ao mesmo tempo um maior contacto com o público. No entanto, o espectáculo perdeu, em relação ao espanhol, em autenticidade, em realismo, já que os intérpretes espanhóis exprimiam com mais intencionalidade, com mais rigor, a situação de marginalidade das personagens. Podemos dizer que no espectáculo do Teatro Fronterizo, a miséria era mais miserável, a sujidade mais suja, o mau cheiro mais pestilento, havia de facto piolhos. Por isso, nele a graça e o sarcasmo chegavam mais longe e mais fundo.

No entanto, o texto de Sanchis Sinisterra é muito belo e o trabalho de António Capelo e de Jorge Pinto suficientemente convincente para o esforço ter valido a pena.

Cinema de Paris

"Ópera (Chico Buarque) do Malandro"

No actual ano franco-brasileiro de Paris, este recente filme de Ruy Guerra, tirado da obra de Chico Buarque, tem papel importante e gostoso.

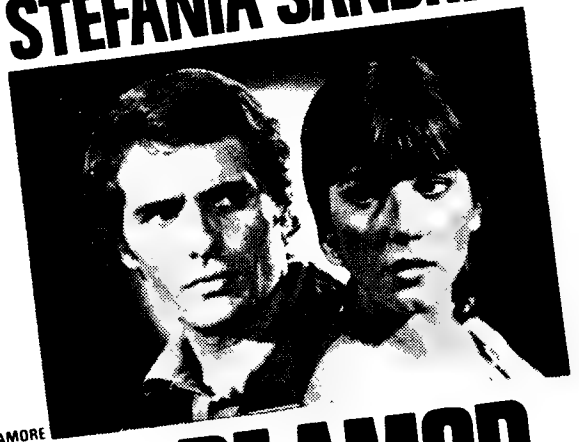
Com modelo americano na «West Side Story», e com proclamada lembrança da «Ópera de Quat'sous», pelo lado expressionista de enquadramentos, cenários e montagem, a «Opera do Malandro» é criação popular de América do Sul, com sua «malandragem», sua prostituta, seu «veado» e sua «capoeira», e até suas «galinhas verdes» — nome que, nesta época de 1940, em que a história se passa, se dava aos nazis brasileiros de camisa verde, como se poderia ter dado aos legionários portugueses... Tem ainda bares e prostíbulos, um gordo alemão hitleriano (como todos) que a reviravolta da ditadura brasileira então desanranjou — tudo se curando, porém, pelo casamento da filha com um «malandro» subitamente patriota, em negócios escuríssimos que protegerá sempre um comissário de polícia meio-pide, já pelos alemães pago...

Boa imoralidade de carnaval e calor suado, em que o contrabando, é claro que americano, muito fez para mudar as opiniões nacionais — e esta admirável facilidade de corpos dançando e cantando, com lembranças do «West Side» e da «Carmen», se for preciso. E um sentimentalismo maternal ou de saudade ou de amor louco que no corpo dela tem sua casa, nos versos do Chico... Edison Calutari, Cláudia Ohana e Elba Ramalho são as vedetas que sabem tudo o que lhes é pedido, em carne, sexo e malícia tropical.

Mas há ainda uma presença real do cinema de 1940, em salas de bairro miserável, onde se sonhava com os musicais de Hollywood, e este «Scarface» com que o filme abre, em primeira referência.

Pequena obra-prima américo-latinamente desvergonhada, o seu sabor chega bem até Paris, com as letras traduzidas como o tradutor pode...

J.A. França

FILME DE QUALIDADE
entre a família, a fábrica e o sindicato..
uma história de amor do nosso tempo
GIULIANO GEMMA
STEFANIA SANDRELLI

DELITTO D'AMORE
DELITO DE AMOR
um filme de LUIGI COMENCINI
quarteto
HOJE • ÀS MATINÉES
EASTMANCOLOR NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS DOBRE FILME

"Xutos e Pontapés":

Álbum gravado ao vivo assinala mudança de editora

«1º de Agosto ao Vivo no RRV» é o título que vai ser dado ao próximo disco dos «Xutos & Pontapés» gravado ao vivo durante os concertos de quinta e sexta-feira no Rock Rendez Vous.

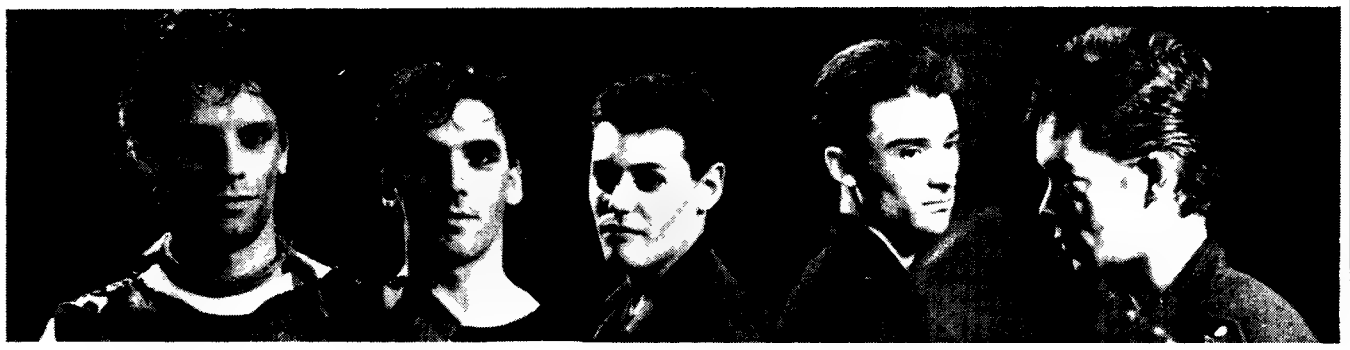
Os momentos que antecederam o início do espectáculo de sexta-feira cingiram-se ao habitual desfile de falhas organizativas em que o Rock Rendez Vous é pródigo sempre que assume iniciativas desta dimensão. Desta vez, para além do atraso de hora e meia com que os Xutos subiram ao palco (o que ameaça tornar-se uma espécie de «ritual»), a organização primou ainda pela ineficácia absoluta quando tentou - como lhe competia - preencher os tempos mortos que mediavam entre a abertura das portas e o concerto propriamente dito. Aparentemente, não foi encontrada melhor solução do que projectar no vídeo gigante uma interminável série de filmes de desenhos animados seguidos de documentários automobilísticos, uns e outros sonorizados pelos discos seleccionados pelo disc-jockey. Teria sido mais coerente, talvez, a utilização do vídeo para a passagem de concertos ao vivo, entrevistas, etc., como é vocação natural dos clubes do género.

Eram já 23.3o horas quando os apulpos que se ouviam na sala da Rua da Beneficência deram lugar à primeira grande ovação da noite. Eram os Xutos que finalmente entavam em palco. Aos primeiros acordes de «O esquadrão da Morte» já ninguém , das centenas de pessoas que ali se encontravam, se lembrava da irritante «seca» a que estivera sujeita, nem do intenso calor que se fazia sentir.

A adesão do público manteve-se praticamente inalterável ao longo de todo o concerto, o que terá ajudado à descontracção dos cinco músicos, a demonstrarem, de início, uma exagerada compenetração a que não era alheia a responsabilidade de uma gravação ao vivo.

Depois de feita a selecção dos temas gravados talvez não sobre material em quantidade suficiente para a edição de um duplo álbum ao vivo, como a organização anunciaou (pelo menos a avaliar pelo concerto de sexta-feira, durante o qual Zé Pedro, pela primeira vez, cantou um tema de uma forma desastrosa, e outro ainda em que Tim teve um -raro - deslize num acorde do seu baixo).

Mas, a avaliar pelas excelentes versões de alguns dos seus «clássicos» (principalmente «Remar, Remar») e pela apresentação de inéditos (entre os quais «Som Bom») os Xutos & Pontapés deverão despedir-se da melhor maneira da «Dansa do Som», agora que assinaram pela Polygram.



casa da comédia

A BELA PORTUGUESA

de

AGUSTINA BESSA LUIS

JULIA CORREIA FERNANDO HEITOR MONIQUE RUTLER

UM ESPECTÁCULO DE FILIPE LÁ FÉRIA

TEL. 60 72 99 TEL. 67 74 81

TERÇA A SÁBADO ÀS 21,45 H. ★ DOMINGO 18,00 H.

SUB. SEC – FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Patrocínios: COVINA – SAGRES – PORTO-RAMOS PINTO

APOIO: Miguel & Óscar – Lanalgo – Sabel – Filmarte – Dagol – Edições Rolim – Instituto do Vinho do Porto – Lisbonense – Va Bene – Loja das Meias – Manuel Ferreira, Ld.ª – Robbialac – Vista Alegre – A. da Costa Cabral – Neolux – Schréder – Timex – Policarpo – Moutela, Ld.ª – Fábrica de Peles Estela, ML – Isaura Florista – Oculista das Avenidas – Fábrica Sant'Ana – Parfois – Rádio Comercial – Antena 1 – "JL" – "Êxito" – "O Jornal" – "A Capital" – "Diário de Notícias" – "Diário de Lisboa".

TRIBUNAL JUDICIAL DE 16. JUÍZO CÍVEL D.. LISBOA

A.ÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que go.em de gr antia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respe.tivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depo.s de decorrida a dilação de vinte d as, e se começará a contar da se unda e última publicação deste.

Execução SENTENÇA n.º 1700-B 3.ª secçã .

Exequentes – C.ª DE SEGUROS IMPÉRIO .P

Exe tado – COOPERATIVA DE PRODUÇÃO AGRO-PECUÁRIA DA POUSADA, com sede no Lugar da Pousada – CERNACHE – COIMBRA.

Lisboa, 23 de Julho de 1986

O Juiz de Direito,
a) Rogério Sampaio Beja

O Escrivão de Direito,
a) António Carlos Pereira

"D.L." 7/8/86 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da publicação do anúncio respectivo.

Execução de Sentença n.º 11 949/B 1.ª secção.

Exequentes – Companhia de Seguros Império, EP.

Executado – COALITUR – VIAGENS E TURISMO, LD.ª com sede na Rua Passos Manuel 89-C Lisboa.

Lisboa, 28 de Julho de 1986

O Juiz de Direito,
a) José Tavares de Paiva

Pel'O Escrivão de Direito,
a) José Monteiro Heleno

"D.L." 7/8/86 – 1.ª Pub.

TEATRO CULTURAL

Os Trovante esta noite na Costa da Caparica

Música

●Artur Costa (sax flautas), Fernando Júdice (guitarra baixo), João Gil (guitarras), José Martins (percurssão e sintetizadores), José Salgueiro (bateria), Luís Represas (voz e bandolim) e Manuel Faria (piano e acordeão): são os **Trovante** que esta noite actuam no Redondel da Música, na Costa da Caparica, a partir das 23.00 horas. O reportório desta noite será essencialmente o mesmo que foi apresentado nos espectáculos de Lisboa e Porto, ou seja, temas incluídos nos álbuns «Baile no Bosque», «Cais das Colinas», «84» e «Sepes», para além de canções «emprestadas» por Zé Afonso, Fausto, Sérgio Godinho ou Pablo Milanês, entre outros, a que os Trovante dão a sua «versão». O Redondel da Música é uma praça de toiros desmontável, com capacidade para cerca de 3 mil pessoas, que funciona todos os dias a partir das 22 horas como discoteca ao ar livre.

●Um concerto de música de câmara tem lugar amanhã, pelas 21.30 horas no Teatro Gil Vicente, no Estoril, pelo **Quarteto Kodaly**, integrado no XII Festival de Música da Costa do Estoril. Considerado um dos melhores quartetos da Hungria, os seus componentes formaram-se na Academia de Música «Ferenc Liszt» de Budapest, Tomás Szabó (violinos Atilla Falvay), Gabor Fias (viola), Janoa Devich (violoncelo) e Jenó Jandó (piano) são os membros do Quarteto, e realizaram já digressões por toda a Europa, e Japão. Apresentaram-se pela primeira vez em Portugal no V Festival de Música da Costa do Estoril, em 1979.

Teatro

●Estreia-se esta noite, pelas 21.30 horas, na Sala polivalente do Centro de Arte Moderna a peça de Jorge de Sena «**O Indesejado**«, último espectáculo do ciclo «Retorno à Tragédia». Jorge de Sena, poeta, ensaista, ficcionista e dramaturgo, homem de letras da melhor estirpe cultural, nasceu em Lisboa em 2 de Novembro de 1919 e faleceu em 4 de Junho de 1978, em Santa Bárbara, na Califórnia, deixando uma lacuna nas letras portuguesas.

Alzira Seixo define o autor e a temática do «Indesejado» nos seguintes termos: »...porque a extensão imponente da sua obra, a desmesurada capacidade de trabalho de que deu provas e a personalidade forte e frontal que muitos lhe conheceram quase o guindaram à categoria de mito — o mito do ausente realizado na incompletude, o mito de uma severa e ríspida consciência nacional exterior a perseguir-nos nos nossos sucessivos malogros e com eles igualmente sofrendo». «O Indesejado» tem encenação de Orlando Neves, cenários e figurinos de Nuno Carinhas e direcção musical de Paulo Brandão, estando a interpretação a cargo de Sinde Filipe, Alexadra Lencastre, António Montez, Canto e Castro, Guilherme Filipe, Helena Simões, João Grosso, João Lagarto, José Wallenstein, Manuel Coelho, Maria Amélia Matta e Miguel Meneses. O desenho e luzes são de Paulo Graça.

●«**Corropio**» é o nome do espectáculo que o grupo de teatro «Os Papas-Léguas» apresentam hoje e amanhã na Ilha do Faial, no âmbito da Semana do Mar, que ali decorre.

●O espaço de café-concerto da Comuna volta a ter teatro a partir da meia-noite de amanhã. «Trata-se do espectáculo «**Exercícios de Estilo**», baseado em textos do surrealista francês Raymond Queneau, que os actores Bibi Perestelo, João Lagarto e Teresa Garcia Fernandes apresentam a partir de amanhã, com música de Carlos Guerreiro.

Jornal

●«**Cartaz — de 5ª a 5ª** é o nome de um destacável que o Jornal de Leiria vai passar a editar a partir de hoje, e que «pretende ser um roteiro completo de todas as manifestações culturais que acontecem no Distrito de Leiria». A iniciativa, inédita na imprensa regional, a nível nacional, tem o apoio da Comissão Regional de Turismo — Rota do Sol e de algumas empresas da região.

DL CINEMAS

Uma cena do filme «Nova Iorque Fora de Horas» do realizador Martin Scorse. Grande Prémio da melhor realização / Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

REVOLUÇAO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Alfa 2

A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE II
(maiores 16 anos)
15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. a men. 13 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Apolo 70

REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Ávila

— T. 539930
FESTIVAL 007 — 007 VIVE E DEIXA MORRER
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163
A ÚLTIMA VIRGEM AMERICANA
(maiores 16 anos)
15.30 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio

— T. 372358
O PALÁCIO DO DEBOCHE
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194
ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cineblogen

— T. 556824
PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O HOMEM DE DUAS CARAS
(int. 16 anos)
24.00 h

Cineholsa

PRISIONEIROS DO SEXO
(int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45 e 19.00 e 21.30 h

Cine Camões

T. 324194
O ESCORPIÃO DE SHADIN
(int. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca

ENCERRADO PARA FÉRIAS

Cine 222

— T. 579460
ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
(não acons. menores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Ausha

SOLTEIROS E TARADOS
(maiores 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

BREATHLESS
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999
MÚSICA NO CORAÇÃO
(maiores 6 anos)
14.30, 17.45 e 21.00 h
OS CAVALEIROS DO ASFALTO
(maiores 18 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523
O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
(m. 16 anos)
14.00, 16.30. 19.00 e 21.30 h

Eden

DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE II
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio

— T. 555134
POLICE ACADEMY III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255
AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

Sala 1

TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037
O HOMEM DE FERRO
(m. 12 anos)
19.00 e 21.45 h

Gemini

— T. 734009
DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE II
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

ABSOLUTE BEGINNEES
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23 h

Império

— T. 555134
SARILHO NO FAR-WEST
(n. acons. a men. 13 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(m. 18 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

LOUCA POR SI, PROFESSOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.45 h

Londres

LOUCA POR SI, PROFESSOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743
OS DEZ MANDAMENTOS
(m. 13 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas

— T. 574362
O ROMANCE DE MARTHY
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283
OS COMANDOS DA FORÇA Z
(int. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

AS DEVASSAS DE PIGALLE
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathé

— 821933
RAMBO II — A VINGANÇA DO HERÓI
(m. 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama

T. 326305
PROFISSÃO MULHER
(m. 18 anos)
14.15, 16.30. 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A FELINA
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2

«PSICO»
(maiores 17 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O SENTIDO DA VIDA
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h
DINHEIRO DO CÉU
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4

DELITO DE AMOR
(m. 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
DOIS HOMENS E UM DESTINO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Roma

T. 889192
GELADO DE LIMÃO V
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560
UMA SEMANA A EXPERIÊNCIA
(erótico)
(int. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

007 - AGENTE IRRESISTÍVEL
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3

A GAROTA DO VESTIDO COR-DE-ROSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715
ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210
GENTE GIRA N.º 2
(maiores 6 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573
ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595
REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon

T. 368480
SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151
EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES (INDIANOS)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro Lido — «A Experiência de Filadelfia», às 21.30 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Lobijovem», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «A Maldição da Mansão Sombria», às 15.00 e 21.30 h (maiores de 16 anos)

Babilónia — «Heróis e Amantes», às 15.15, 18.30 e 21.30 (m. 12 anos)

MEM MARTINS — Cineteatro Chaby — Encerrado

Estúdio Dois Eme — «Cães de guerra», às 15.30 e 21.30 h (men. 18 anos)

Linha de Cascais

Casino Estoril — ««Lobijovem», às 17.00 e 21.15 (m. 6 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «O protector», às 15.30 e 21.30, (maiores 16 anos)
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Os Salteadores da Arca Perdida», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (não acons. 13 anos)
Sala 2 — «Sangue para sempre», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (maiores 16 anos)
CASCAIS — Miramar/Sala 1 — «Louca por si Professor», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «África Minha», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)
CARCAVELOS – Atlântida Cine — «O fio do suspeito», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Oxford — «Academia de Polícia III — de Volta aos Treinos», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 6 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «Os Os Goonies», às 15.30, 21.30 h (maiores 6 anos).

ALMADA — Academia — «Dois Honrados Vigaristas», às 15.30 e 21.30 h (13 anos)

ALMADA — Cinestúdio Almada — «Plenty — Uma história de mulher», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano – Sala 1 – «África Minha», às 15.45 e 21.30 h (maiores de 12 anos).
Sala 2 — «Jovens Apaixonados», às 16.15 e 21.45 h (m. 12 anos)
MOSCAVIDE — Stop — «América Violenta», às 15.30 e 21.30 h (int. 18 anos)
BARREIRO – Cineteatro Barreirense – «O Protector», às 15.00 e 21.15 h (m. 12 anos)
LINDA-A-VELHA – Cinetropical — «O Destravado do Táxi Amarelo», às 16.00 e 21.30 h (m. 6 anos)
ODIVELAS – Cineodivel — «O Silêncio das Mulheres Violadas», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)
Cineoceano – «África Minha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim — «Carne Especial para o III Reich», às 16 e 21.30 h (m. 18 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (T. 547088); **AVENIDA DE ROMA: Avis**, AV. de Roma, 56-B-C (T. 895370); **BELÉM: Bom Sucesso**, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE: Pinheiro**, R. de Campo de Ourique, 135 (T. 686640); **CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS: Matos Viegas**, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Gény**, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 7140342); **OLIVAIS SUL: Fernandes Borges**, R. D. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 311091); **PENHA DE FRANÇA: Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO - MARQUÊS DE POMBAL: Vieira Borges**, R. Alexandre Herculano, 28-30 (T. 520536); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137. loja B, poente (T. 990122); **CODIVEL - ODIVELAS: Nabais Vicente**, R. A, lote 19-A, loja, Urbanização Codivel (T. 0816803); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ALVALADE: Brisália**, AV. do Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); **AVENIDAS - SALDANHA: Império**. R. António Enes, 10 (T. 548002); **AVENIDAS NOVAS: Alcântara**, Av. da República (T. 771379); **BAIRRO AZUL: Sírius**, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA: Silva Carvalho**, R. dos Fanqueiros, 124-126 (T. 873875); **CALHARIZ - BENFICA: Rebocho**, R. Tenente Coronel Ribeiro dos Reis, 12-B (T. 743871); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Serra**, R. Luís Cristino da Silva, lote 221, loja 133, zona 2, Chelas (T. 853720); **MARVILA: Freitas**, R. Vale Formoso de Baixo, 23-A (T. 381136); **MERCADO DO CHILE: Corvo**, R. Ângela Pinto, 32-B-C (T. 549756); **RADIODIFUSÃO - EX-EMISSORA NACIONAL: S. Nunes Simões**, R. do Quelhas, 1-3 (T. 661275); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 204016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Higiénica**, R. D. Manuel I; 178 (T. 2073017). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Marques**, R. Arronches Junqueiro, 109 (T. 227832). Permanente; **Soromenho**, P. Machado Santos, 24 (T. 22691). Permanente; **Cunha Pinheiro**, E. da Canarinha, 32 (T. 29215). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. Miraflores, lote 12 (T. 2101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, l. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Permanente; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, lote 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 4930019). Até às 22 horas; **Carlos**, R. Sebastião da Gama, 28-B, Casal de São Brás. Até às 22 horas; **DAMAIA: Nova**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Permanente; **QUELUZ: André**, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Guerrae Rico**, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato**, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 28 (t. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, L. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas.

DL TEATROS

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.15; sábado e domingo, ás 16.00

Só até ao dia 10 de Agosto

«**CALAMITY JANE**«, uma mulher de armas ou o monólogo da vaqueira. Dramaturgia e encenação de Hélder Costa. Interpretado por Maria do Céu Guerra.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30: domingos às 17.00

«**TOURO**«, de Abel Neves. Encenação de João Mota. Intérpretes: Anbtónio Melo, Alfredo Brissos, Amélia Videira, Carmen Marques e Carlos Paulo.

Teatro Ibérico

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30 — Dom. às 17.00

«**AVAREZA, LUXÚRIA E MORTE NA ARENA IBÉRICA**», de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, entre outros.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24, às Janelas Verdes — Tel. 60 72 99

De terça a sábado, às 21.45; domings às 18.00

«**A BELA PORTUGUESA**«, de Agustina Bessa Luís. Encenação de Filipe La Féria. Interpretação de Fernando Heitor, Júlia Correia e Monique Rutler.

Centro de Arte Moderna

R. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 08 83

Dias 7, 8 e 9 às 21.30; dia 10, às 15.00; dia 12, às 18.30

«**O INDESEJADO**«, de Jorge de Sena. Encenação de Orlando Neves. Cenários e figurinos de Nuno Carinhas.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo as 21.45, domingos, tambem às 16.00

«**O CORONEL EM DOIS ACTOS**» Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação Alina Vaz, Antoño Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingos, às 16.00

«**ISTO É MARIA VITÓRIA**«, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingo, às 16.00

«**LISBOA TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Oliveira. Intérpretes: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Natalina José, Henrique Viana, Helena Isabel e Alexandra Solnado.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quarta a sábado, às 21.45; domingos, às 18.30

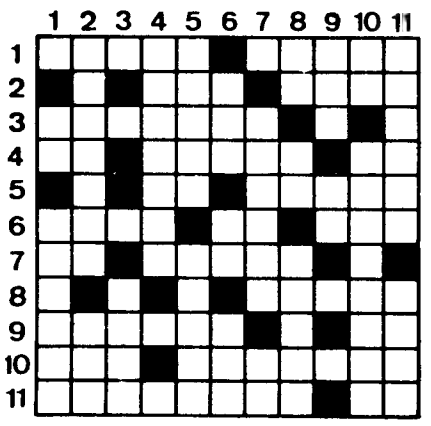
«**OS NEGROS**«, de Jean Genet. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Cucha Carvalheiro, José Nogueira Ramos, Lucinda Loureiro, Miguel Guilherme, etc.

De quinta a sábado, ás 18.30; domingos, ás 21.45

«VIAGEM PARA A FELICIDADE«, de F. X. Kroetz. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Lucinda Loureiro.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 796



HORIZONTAIS:

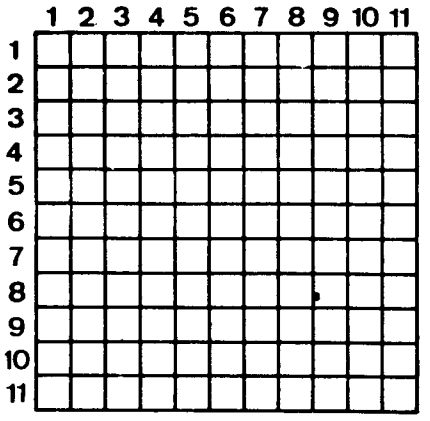
1 Extrair. Pessoas estúpidas.
2 Rente. Contunde.
3 Refreiem.
4 Viração. Uma das Espórades. Érbio (s.q).
5 Césio (s.q). Tecido de algodão ou linho, muito transparente.
6 Palácio real. Apelido. Ferro temperado.
7 Freguesia do concelho de Oliveira de Az eméis. Costumara.
8 Cilada.
9 Ajusta. Quinhentos e um em romano.
10 Medida agrária inglesa, equivalente a 25m quadrados. Acautelar.
11 Aguçaras. Letra grega.

VERTICAIS:

1 Preposição de com artigo. O mesmo que púcaro.
2 Imorredoiro. Preposição.
3 Receio.
4 Esquivos.
5 Rangíferes. Molusco comestível.
6 Preposição. Pronome reflexo. Prefixo que designa ar.
7 Tomara moça. Aqui.
8 Carta de jogar. Apelido. Cidade de França.
9 Bondoso. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.
10 Ondas curtas. Prejudicar
11 Irão para fora. Freguesia do concelho de Barcelos.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 632



HORIZONTAIS:

1 Nome de um estofo indiano. Rebuliço.
2 Preposição. Vaguear. Rénio (s.q).
3 Satélite de Júpiter. Batráquio. Basta! Pertences.
4 Zombou. Esteiro. Matemática.
5 Rio da Toscana. Viração. Anel.
6 Fora para fora. Baús.
7 Rio de Portugal. Duna na Suécia.
8 Vagueai.
9 Sacudidela. Previne.
10 Cidade de Itália. Atraiçoara.
11 Nome de fruto. Seguias.

VERTICAIS:

1 Courelas. Um dos Estados do Brasil.
2 O mesmo que amouras. Bondoso.
3 Ligava. Patrão.
4 Adivinhar. Mandar.
5 Rezar. Gorgulho tropical.
6 Seguia.
7 Roera. Ilha do Pequeno Belt.
8 Larva das feridas dos animais. Ódio.
9 Nome de fruto. Terceiro.
10 Arejaras (Bras). Senhora.
11 Sobras. Filtras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 795**

HORIZONTAIS:

1 O. TRABALHO.
2 Leio. Aliado.
3 Issel. Noel.
4 Nio. Ah!
5 Ata. Nero. Dá.
6 Lareira. Cid.
7 Carmina. VO.
8 Posa. Anis.
9 Rã. Ur.
10 Germinar. Mad.
11 Assoa. Aviso.

VERTICAIS:

1 Olival. PAGA.
2 És. Taco. És.
3 Tisnaras. Ms.
4 Roei. Erário.
5 Lonim. Ana.
6 Ba. Erié.
7 Al. Aran. Ura.
8 Linho. Aar.
9 Hão. Mi.
10 Ode. DÍVIDAS.
11 Oleados. Dó.

PROVÉRBIO: O trabalho paga dívidas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 631**

HORIZONTAIS:

1 Samar. Sopas.
2 Adoro. Adega.
3 Tom. Ricas.
4 Agem. Leoas.
5 Amara. Ur.
6 Remo. Az.
7 Aarau. Calim.
8 Lia. Nuas. Ri.
9 Arcai. Redor.
10 Deã. Au.
11 Ás. Im. Morar.

VERTICAIS:

1 Sapa. Calada.
2 Ad. Ga. Aires.
3 Notem. Raça.
4 Aromara.
5 Mor. Reuniam.
6 Mal.
7 Sare. Ocar.
8 Odiou. Aselo.
9 Pecar. Dar.
10 Agás. Airosa.
11 Sãs. Izmir.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Pequeno jornal; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.30**: No estúdio e no estádio; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.30**: Selecção da ópera «Os Palhaços», de Leoncavallo; **17.00**: Integrais; **17.24**: Serenata, n.º 1, em ré maior, K. 100, de Mozart; **18.00**: Cantata, BWV 140, de Bach; **18.40**: Duas obras, de Beethoven; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: Música coral sinfónica; **23.00**: Música de câmara; **23.45**: Música, de Erik Satie; **00.15**: Música de concerto; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

« ..)): Dora a hora; **17.00** A feira mágica; **20.00**: Conta-corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.001: Diário do desporto; 22.30**: Clube dos coleccionadores; **23.30**: A vez e a voz; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Ligação à rede nacional.

Voz do Alentejo

- **14.00**: Sopa dourada; **15.00**: As boas tardes da Renascença; **18.30**: ligação à rede nacional; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.30**: Diversos.

Voz de Lisboa

- **15.00**: A Rádio da cidade; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00: Música no espaço; 23.30**: Diário do desporto; **23.57**: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiáros a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP/1

15.00 — Desenhos Animados
«As Misteriosas Cidades de Ouro»

15.30 — Instituto de Socorros a Náufragos
«Mansas Águas Traiçoeiras»

16.00 — Inventário Musical
(5.º programa) «Música Electrónica»

16.25 — Retalhos da Vida de um Médico
(5.º episódio) «Reputação» (Monsanto, 1944)

17.15 — Ontem Viu?
«Foi Êxito na TV» «Gente Fina é Outra Coisa»

18.00 — Sumário

18.05 — Tempo dos Mais Novos
«Lendas do Mundo» e «Era Uma Vez — Carrocel»

18.45 — País, País

19.20 — XXVII Festival Internacional de Folclore de Santarém
(6.º programa)

19.50 — O Livro Grande de Petete
«O Mimetismo»

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.35 — Corpo a Corpo
(108.º episódio) Alfredo encontra-se com Rafael que é seguido por Bia, de longe. Osmar e Cláudio partem para a fazenda onde existem problemas de administração. Imediatamente demitem o encarregado.

Lúcia obtém o bilhete premiado na lotaria que troca pelo de Rafael. Rafael, louco de alegria, comemora a sua sorte. Bia, intrigada, recusa-se a participar nos festejos e procura Alfredo.

21.35 — Danças Loucas
(2.º programa) Os Anos 20: programa dedicado à música, ritmos e cançonetas dos «loucos anos 20» . . . Ritmos bem cadenciados como o «Tennis», o «Shimmy», o «Quick Step», ou o «Charleston» são aqui relembrados

21.45 — Hill Street
(6.º episódio) O chefe de uma respeitável associação é encontrado morto. Furillo, fortemente pressionado para encontrar o assassino, descobre uma pista que pode conduzi-lo até uma quadrilha de colombianos, responsáveis por uma série de assassínios relacionados com a droga. Mas Fay deita por terra todo o plano do capitão ao deixar escapar algumas informações confidenciais. Realizador: Jeff Bleckner. Intérpretes principais: Daniel Travanti e Veronica Hamel.

22.40 — Últimas Notícias

22.50 — Volta a Portugal em Bicicleta

RTP 2

16.30 — Indicativo do «Europa-TV»

Mais um episódio de «Danças Loucas», na RTP 1

16.35 — Tempo dos Mais Pequeninos
«Tic-Tac» e «Willy Fog»

17.05 — Count Down

17.45 — O Tempo

17.50 — Documentário
«Espaço Verde»: série de 13 episódios sobre os múltiplos aspectos da paisagem holandesa. Neste episódio, os pântanos: a terra que foi água, a água que foi terra. Uma paisagem riquíssima de natureza viva.

18.20 — O Tempo
«O Mundo Amanhã» (informação)

18.30 — Eurorepórter Especial
«Berlim e o Muro»

19.00 — Otto Klemperer: Ensaio e Concerto de 1971
Em 26 de Setembro de 1971, Otto Klemperer dirigiu a New Philharmonic Orchestra no Festival Hall de Londres. Klemperer tinha então 86 anos e esta foi a sua última aparição em público. O programa inclui o 4.º Concerto para Piano de Beethoven, a «Abertura do Rei Estêvão» e a Terceira Sinfonia de Brahms. É solista Daniel Adni.

19.45 — Documentário
«Feito à Mão»: os vitrais da Holanda

20.00 — Notícias

20.05 — Caminhos do Eterno
«Museu Grão Vasco, em Viseu»

20.35 — 3.º Concurso da Eurovisão para Jovens Músicos

23.00 — Últimas Notícias

23.10 — Vereda Tropical
(90.º e 91.º episódios)

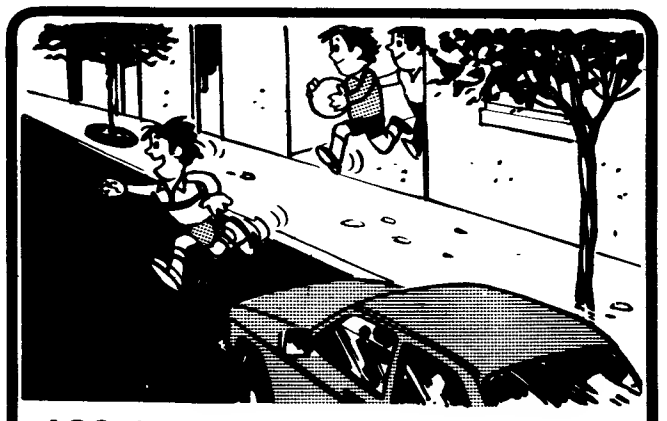
Amanhã

RTP/1

11.00 — Sumário
11.07 — Setentrião
11.30 — Espaço 11/13
12.30 — Vereda Tropical
13.15 — Jornal da Tarde
15.00 — Desenhos Animados
15.05 — Espaço Visual
16.00 — Entre Marido e Mulher
16.30 — O Mar e a Terra
17.05 — Ontem Viu?
17.30 — Se Bem me Lembro
18.00 — Sumário
18.05 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.15 — Recriar o Espaço
19.50 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.40 — Corpo a Corpo
21.25 — Alô, Alô
21.55 — Fortunata e Jacinta
23.00 — Últimas Notícias
23.30 — Volta a Portugal em Bicicleta

RTP 2

16.30 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.05 — Coleccionando
20.30 — Adágio
21.00 — Museu do Cinema
21.30 — Notícias
21.35 — Directo/2
22.35 — Últimas Notícias
22.40 — Vereda Tropical



AOS CONDUTORES

"Ao ver uma criança a correr, para o meio da rua, trave, porque geralmente atrás dela, vêm sempre outras."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1
Hill Street

RTP 2
Vereda Tropical

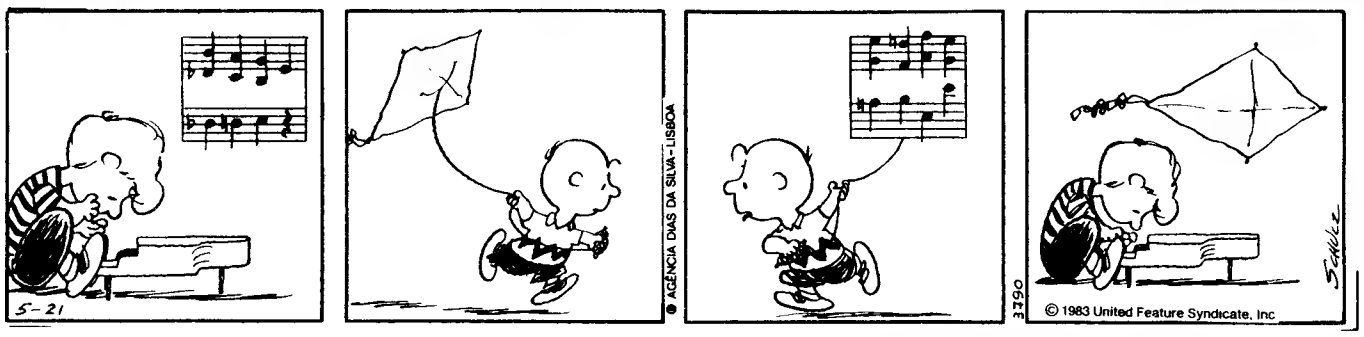
«Corpo a Corpo»

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 / 2 / 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Piteira Santos



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
04.11	3,70 m	09.35	1,00 m
16.22	3,90 m	22.02	0,90 m
Dia 8			
04.43	3,80 m	10.10	1,00 m
16.54	4,00 m	22.36	0,90 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	16º
VIANA DO CASTELO	16º
VILA REAL	14º
PORTO	17º
COIMBRA	18º
CABO CARVOEIRO	17º
CASTELO BRANCO	17º
PORTALEGRE	20º
LISBOA	19º
ÉVORA	17º
BEJA	15º
FARO	20º
SAGRES	17º
PONTA DELGADA	21º
FUNCHAL	18º

PREVISÃO DO TEMPO PARA HOJE

Céu pouco nublado ou limpo. Vento [illegible] soprando moderado, por vezes [illegible] ao início da tarde.

Construído em 1975

Pároco açoriano manda destruir parque infantil

A Comissão Fabriqueira da Igreja de Santa Luzia, na cidade de Angra do Heroísmo, enviou um telegrama ao bispo dos Açores, neste momento em férias no Continente, revelando o desagrado da população pela destruição do parque infantil da freguesia.

O referido parque, construído em terrenos da Igreja mas cedido a título precário, em 1975, à então Assembleia Popular de Freguesia, foi mandado demolir, segundo se apurou, pelo cónego Gil, responsável do sector administrativo da diocese.

As entidades representativas do local, designadamente o presidente da Comissão Fabriqueira e o presidente da Junta de Freguesia consideram não haver justificação para a sua destruição e mostram-se revoltados pelo facto de não terem sido previamente informados da sua intenção.

Os responsáveis da diocese, por sua vez, disseram não terem conhecimento das razões que levaram a tal decisão.

A Comissão Fabriqueira, entretanto, anunciou a intenção de levar o processo a tribunal, no sentido de ser compensada dos materiais perdidos.

Em garagem de Lisboa

Automóvel roubado à mão armada

Na madrugada de hoje cinco indivíduos armados entraram na garagem da Rua Palmira, 44, aos Anjos em Lisboa e, depois de alvejarem de raspão o empregado, fugiram com um automóvel de marca Fiat Ritmo 1100 de cor vermelha.

Eram cinco horas da manhã quando os indivíduos irromperam pelas instalações da Auto-Anjos, armados com pistolas, pelo menos uma de calibre 7,65 mm, e perante um gesto de resistência do empregado, fizeram um disparo que o atingiu no dedo de um dos pés, ferindo-o ligeiramente.

Os assaltantes que se apresentavam encapuçados com excepção de um deles, apoderaram-se ainda de 10 mil escudos que se encontravam ao cuidado do único empregado que na altura se encontrava na garagem.

A Judiciária tomou conta da ocorrência e não revelou a identidade do ferido, nem a matrícula da viatura subtraída.

Chama-se "O meu caso"

Manoel de Oliveira leva ao Festival de Veneza a sua "obra prima"

Manoel de Oliveira parece ter feito a sua obra-prima com «O meu caso», a apresentar na abertura do Festival de Veneza – escreve Eduardo Gomez Ortega, da agência noticiosa IPS.

A presença da mais recente obra do autor de «Francisca» e «Amor de perdição» é um dos atractivos do Festival de Cinema de Veneza, a principiar no dia 30 de Agosto.

Outra das presenças aguardadas com interesse é a do chileno Miguel Littin, que vai apresentar «Acta Geral do Chile», filme realizado clandestinamente e sobre o qual o prémio nobel colombiano Gabriel Garcia Marquez já escreveu um livro.

Entre as obras especialmente preparadas para televisão há este ano em Veneza o último filme do sueco Ingmar Bergman, de que ainda se desconhece o título.

Este ano, o Leão de Oiro especial para toda uma carreira cinematografica, que em 1985 coube a Manoel de Oliveira, vai ser entregue aos irmãos italianos Paolo e Vittorio Taviani.

DECARAS

JORGE AMADO presidirá ao júri do próximo Festival Internacional do Novo Cinema Latino-Americano, que decorrerá em Havana no mês de Dezembro. O escritor brasileiro é muito editado em Cuba, onde livros como «Gabriela, Cravo e Canela» e «Mar Morto» têm grande aceitação entre o público. Nos últimos anos o Festival de Cinema de Havana foi presidido por outros escritores da América-Latina, entre eles Mario Benedetti e Gabriel Garcia Marquez.

CARLOS PAREDES é um dos músicos que actuará no festival de música barroca em instrumentos originais que a partir de hoje e até 24 deste mês decorre em Lamego, Santa Marta de Penaguião, Régua e Vila Real. Os concertos serão ainda animados por intérpretes dos cursos de música da Casa de Mateus, Les Artes Florissants, Gustav Laonhardt, Jennifer Smith e Jacobs. As sessões são organizadas pela Câmara Municipal de Vila Real, pela Região de Turismo da Serra do Marão e pela Fundação da Casa de Mateus.

BOY GEORGE: na residência de Londres do cantor foi encontrado o cadaver do músico norte americano Michael Rudetski, vítima de uma dose excessiva de droga - informou a Scotland Yard. A morte de Rudetski ocorre uma semana depois do cantor ter sido multado em 250 libras por posse de heroína. A polícia confirmou que George, de 25 anos, não se encontrava na sua luxuosa casa do Bairro de Hamstead na noite em que o jovem morreu. O irmão do cantor, de 26 anos, actual ocupante da casa, encontra-se em liberdade sob fiança, também por posse ilegal de drogas. É acusado, com mais três amigos, de fornecer heroína a Boy George.

LAURO ANTONIO e Vasco Branco têm os seus filmes «Bonecos de estremoz» e «Cangas Vareiras», respectivamente, integrados num ciclo de cinema no âmbito da Feira de Artesanato de Aveiro, FARAV, que se prolonga até 24 do corrente mês. Para além do ciclo de cinema sobre artesanato e etnografia, manifestação paralela da Feira, o certame é composto por cerca de trinta stands de diversas actividades artesanais, como a cerâmica, a louça em faiança e os bordados.

FEDERICO FELLINI é um dos cidadãos italianos «mobilizados» para recuperar os turistas norte-americanos cujas entradas em Itália continuam a diminuir a um ritmo de «queda livre». «Estamos muito reconhecidos e temos uma grande simpatia pelo povo americano. Temos nos Estados Unidos muitos tios, sobrinhos e parentes de todos os tipos», escreveu o realizador italiano no diário romano «Il Messaggero». A atitude de Fellini, que reconhece que «muito devo ao cinema norte-americano», insere-se numa mobilização de cidadãos italianos destinada a restabelecer a entrada dos turistas norte-americanos, mais retraídos desde o sequestro do paquete «Achille Lauro» e do atentado no aeroporto romano de Fiumicino.

ALEJO CARPENTIER, escritor cubano, vai ter o seu romence «El Acoso» como base da primeira produção cinematográfica conjunta de Cuba e Brasil, que vai ser filmada em 1987. O filme começa a ser rodado em Janeiro em Havana, pelo jovem realizador brasileiro Walter Lima Júnior.

Em tempo de turismo é preocupante

Urgências de Faro à beira da rotura

O Serviço de Urgências do Hospital Distrital de Faro está em riscos de rotura, diz um telex enviado à ministra da Saúde pelo director clínico daquele estabelecimento hospitalar algarvio, soube a Anop.

Como motivos, aquele responsável aponta dificuldades de cumprimento de período extraordinário de trabalho pelos internos policlínicos, P2 e P3, e dificuldades de reforçar equipas com elementos de clínica geral.

Aponta-se também dificuldades pela ausência da informação clínica nas fichas de urgência da responsabilidade dos internos de policlínica e riscos de saturação dos elementos em serviço.

No telex enviado à ministra da Saúde, o director clínico do Hospital Distrital de Faro solicita a normalização do trabalho e sugere o reforço de nove médicos na urgência ou medidas que façam cessar a greve e aponta, nomeadamente, diferentes datas de exame para os P2 e P3.

Policlínicos preparam resposta a Beleza

A guerra entre a ministra da Saúde, Leonor Beleza, e os policlínicos dos 2º e 3º anos, apoiados quer pelo Sindicato dos Médicos quer pela respectiva Ordem, conheceu um novo rumo durante um plenário realizado no Hospital de Sante Maria, em Lisboa. Assim, os policlínicos ali presentes apoiaram uma convocatória do Sindicato dos Médicos da Zona Sul no sentido de que se realize um outro plenário englobando todos os médicos (chefes de serviço, assistentes hospitalares, clínicos gerais, delegados e subdelegados de saúde e internos gerais) «com o objectivo de dar uma resposta dos médicos á política do Ministério da Saúde».

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72.
TELEX: 12363

N.º 264

Livros para férias

A escolha de Mário Soares

O político exercendo funções de Estado a que o «Ler Escrever» pediu esta semana recomendações de leitura para férias foi... o Presidente da República. Do seu retiro na Praia do Vau, o dr. Mário Soares teve a gentileza de no-las enviar, sublinhando embora que se trata, tão-só, de «lembranças e sugestões». Eis o texto que o Presidente da República nos entregou acerca das leituras que o ocupam nestas férias de Agosto de 1986:

«Não faço recomendações de leitura porque ler é uma actividade eminentemente subjectiva: depende dos interesses conjunturais, do tempo disponível, dos gostos, dos estados de espírito e, obviamente, das preocupações culturais de fundo.

«Falo apenas dos livros que leio de momento ou que me preparo para ler — o que porventura poderá constituir uma lembrança ou uma sugestão.

«Direi que normalmente aproveito as férias para ler as novidades portuguesas ou estrangeiras aparecidas durante o ano; para pôr em dia leituras começadas e interrompidas ou simplesmente programadas. Leio sempre muito, em férias, praticamente todas as tardes e noites, porque as manhãs passo-as na praia.

«Neste momento li já a *Conta Corrente IV* de Vergílio Ferreira; *Ao Fim da Memória* de Fernanda de Castro; *URSS, Bem Amada, Mal Amada* de Fernando Namora; *Levantado do Chão* de José Saramago; *As Mãos na Água — A Cabeça no Mar* de Mário Cesariny.

«São livros de grandes nomes da nossa literatura actual, que a título diverso despertaram o meu interesse e que representam um excelente testemunho plural da nossa cultura.

«Estou a ler, ao mesmo tempo, três livros franceses (que se relacionam entre si): o 2.º volume do monumental *De Gaulle*, de Jean Lacouture — *Le Politique*; o livro de Jean Daniel: *De Gaulle et l'Algerie*; e o de Gilles Martinet: *Cassandre et les tueurs — Cinquante ans d'une histoire française*.

«Quanto a releituras: pela mão de António Pedro de Vasconcelos vou voltar a Teixeira de Pascoaes, às admiráveis biografias *S. Paulo* e *O Penitente*.

«Tenho encetado a meio um livro notabilíssimo: *Um escritor confessa-se* de Aquilino.

«Num outro plano, sobre a minha secretária tenho três livros recentes: *Le Pacifique, Nouveau Centre du Monde; Les relations internationales dans le monde d'aujourd'hui*, de Moreau Defarges; *Afrique du Sud: demain le feu*, o grosso volume duplo de Julho/Agosto da revista «Les Temps Modernes».

«E tenho o projecto de mergulhar em Marguerite Yourcenar: *Fleuve profond — Sombre rivière; Dénier du Réve — Mishima ou a visão do vazio*, este último na tradução portuguesa da Relógio de Água.

«Tenciono ainda, durante estas férias, ler (estudar) os seguintes volumes que trouxe de Lisboa: *Mudanças sociais no Portugal de hoje* o grosso volume triplo da Análise Social; *Conflitos e mudanças em Portugal — 1974/1984)*, da Teorema; *Portugal 1974/1984, 10 anos de transformação social* da revista «Crítica»; *Portugal contemporâneo — Problemas e perspectivas* do INA. Trata-se de uma leitura que corresponde a uma reflexão profunda que me acompanha há muitos anos.»

«Adeus, princesa» de Clara Pinto Correia adolescência no Alentejo com amor e humor

POR vários motivos é legítimo aproximar — e não em sentido minorativo, pelo contrário — jornalismo e literatura, ao abordar o romance, entre policial e costumbrista, de Clara Pinto Correia **Adeus Princesa** (1). A vontade de conhecer, de investigar, de ultrapassar a visão de superfície dá, aliás, a esta ficção muito próxima do real, pelo notável poder de observação que a espevita e ilumina, alguma coisa daquelas crónicas de burgos e gentes que a História chama a si como precioso material subsidiário.

À beira do inquérito etnográfrico e folclórico, cada capítulo se coloca sob a tutela de um poema popular, décimas às vezes de pé quebrado rigorosamente atribuídas ao seu autor. E não será ociosa, ou casual, essa justaposição de linguagens no corpo do livro, já que, a par de uma objectividade exemplar, que leva por vezes a denotação à limpidez do transparente, o espaço social se organiza a partir de uma multiplicidade de discursos, que não desdenham nem o dito alentejano, nem a anedota, nem a imitação da fala, já marcada essa por traços etários, culturais, sexuais, com uma fluência que dissimula, de resto, todo o trabalho de pesquisa.

Temos diante de nós uma reportagem dentro da reportagem e vamos penetrando, pela mão do enunciador, num pequeno mundo descrito a compasso e esquadro. Notações rápidas e firmes, por vezes subtis, instauram o espaço físico e humano dos cafés, dos restaurantes, das discotecas (o novo desentranhando-se do velho e a ele permanecendo unido), da cidade onde as adolescentes sufocam (e às vezes disparam para a fuga ou para a droga). É o microcosmo urbano, que vemos por sinal crescer — a construção civil erguendo novos bairros à saída das povoações —, a moda, as modas surgindo, sem raízes na vida profunda, frente ao outro Alentejo rural, o da Reforma Agrária, que para Bernardo Formosinho Rosado encarna o projecto, a tragédia e a esperança.

As adolescentes abafam, pois, na antiga urbe alentejana, que, tendo grandes alterações em sua estrutura económico-social, não mudou ainda o bastante, a nível dos comportamentos pequeno-burgueses, para se tornar vivível, em permanência, quanto aos códigos morais, aos ritos, às praxes. Faltou sacudir as curiosidades doentias pela vida alheia, a espreita, os gestos vigiados, o machismo e a misoginia agressiva (vide a cena de voyeurismo e provocação à saída do baile).

Não creio que seja, no entanto, assim tão difícil encontrar nas vilas alentejanas o referente de figuras relativamente libertas e lutando contra certas resistências do meio como a Bárbara Emília ou a Maria Vitória. E, ainda que assim fosse, o romance de Clara Pinto Correia propô-las-ia como modelo e não tardaria a verificar-se a corrente genesíaca de circulação que entre a vida e o livro ou entre este e a vida, vai gerando monstros e maravilhas ou os chamados tipos salientes.

A figura da vítima, que é também o vilão, o jovem mecânico Helmut Schneider, ora expansivo ora lacónico e brutal e necessariamente um tanto enigmático, tem de compreender-se no espaço reservado e no imaginário que escurece a base aérea alemã e o seu clima de nítida segregação. Na calda de modernidade que envolve o lento e persistente agregado alentejano, esse é, dos figurinos internacionais e hodiernos, por certo o mais sombrio.

Mas falemos dos heróis e antes de mais do tímido anti-herói jornalista estagiário, pálido, introvertido, inopinado, carente e mal sucedido nos seus afectos, até que, ao cabo dos seus tormentos, e do percurso policial, a providência enfim lhe oferece a carnosa, castiça e espirituosa Bárbara Emília.

Sátira ao jornalismo? Também. Cheia de amor-desamor. Ou de cáustica e clarividente paixão. São «sublimes», no tecido narrativo que o humor permanentemente irriga, as figuras do fotógrafo e do chefe de redacção. O Sebastião glorioso anedoteiro existe praticamente em todos os jornais.

O diálogo, excelente como diálogo realista, conforme com o estatuto de cada personagem, é quase sempre de sabor irónico e mimético, tanto na sintaxe como no léxico.

A omnisciência do narrador não é total, já que ele se coloca amiúde ao nível de saber das personagens no que concerne ao modo como se sucedem as versões e as hipóteses sobre como se deu o crime, que ninguém deseja afinal decifrar. As figuras, das quais Joaquim Peixoto é a que mais tempo detém o foco narrativo, constroem-se através dos feixes semânticos que afluem nos gestos e no diálogo, mais do que por juízos de valor do sujeito da enunciação. O universo diegético é muito diferente do de **Esquema,** embora alguma coisa se apreenda aqui também dos grandes vectores de liberdade e desafio e do agridoce e precoce cepticismo que se podem rastrear nessa tão habilmente construída novela. É, de certo modo, a **Agrião,** que Clara Pinto Correia aqui regressa, no sentido do romance-inquérito, embora a atmosfera seja totalmente outra. Mas subsiste a ânsia de desvelar pequenos mundos, em particular os dos jovens, de vários grupos sociais.

Para terminar, a opinião que decorre de tudo o que atrás já disse, ou seja, que **Adeus, Princesa** é uma obra extremamente interessante, plena de irrequietude, de humor, de gozo e desfastio e também de ternura profunda nos seus jogos miméticos e que a crítica incompreensivelmente tem esquecido.

● Ed. Relógio d'Água, Lisboa, 1985

Urbano Tavares Rodrigues

Acaba de sair Nº 5
ALAVANCA
revista do trabalho
Reportagens • Estudos • A luta dos trabalhadores • Desemprego / Salários em atraso • Assuntos de actualidade político sindical
Pedidos às
edições UM de OUTUBRO
Sociedade Editora de Publicações Lda.
Assina e divulga
RUA DA GLÓRIA 41-2 ESQ TELEF 36 18 13 • 1200 LISBOA

Lemos para si

«A Pele Branca das Acácias», de Filipe Leandro Martins
ed. Caminho

A Pele Branca das Acácias (Editorial Caminho), terceiro livro de Filipe Leandro Martins, é, para o leitor dele que vimos sendo, uma relativa decepção. Já diremos porquê.

FLM apareceu na cena da novelística portuguesa em 1979 com uma novela titulada *A Caça às Rolas*. Para estreia, era um livro excelente, a sobressair da vulgaridade por duas ou três qualidades perfeitamente distintivas: o sentido da história (das personagens, da acção, do seu envolvimento existencial e social, da reciprocidade das suas relações com o tempo e o espaço); o gosto da narrativa (muito bem servido pelo trabalho de contenção verbal, de economia de meios e recursos); a apetência das realidades e do real (como material pretextual de trabalho e delimitação do âmbito de criatividade ficcional — centrada em determinados processos e um concreto simbolismo).

O livro passou então pode-se dizer que quase despercebido. Hoje, se nos perguntarmos porquê, talvez encontremos a resposta na sua filiação na melhor tradição realista (a que se eleva acima da mediação pelo superior tratamento dos símbolos), numa altura em que eram bem outras as tendências da prosa de ficção em português e em Portugal. Talvez houvesse nessa desatentação (ou desinteresse) da parte da crítica, antes do mais, alguma injustiça. Mas a situação é, pelo menos, compreensível.

Em 1981, FLM reapareceu com um

Filipe Leandro Martins

romance (novela, chamava o autor a *A Caça às Rolas*) e com justeza, certamente) — *O Pé na Paisagem*. Na escrita e nos processos construtivos, este segundo livro não se distanciava muito do primeiro; distanciava-se mais na dimensão da obra, naturalmente, na duração narrativa e no rastreio do real, das realidades, antes de mais: Portugal, anos 60, a tropa como treino militar preparatório da guerra em África, a vida portuguesa a nível de pequena burguesia e assalariados, — aspecto desde logo distintivo: os problemas da juventude (que da juventude se tratava, fundamentalmente) nesses estratos, eram sensivelmente diferentes dos aparentemente mesmos problemas vividos a níveis sociais superiores.

Mas o livro também não mereceu excepcional interesse da parte da crítica. Porquê, supõe-se que pelas mesmas razões do que se passava com *A Caça*... Prosseguindo numa via realista, FLM parecia um escritor *démodé*.

Há nesta situação alguma coisa de contraditório. Por um lado, constata-se o pouco (quase nenhum) interesse da literatura portuguesa (dos escritores portugueses) em relação ao passado português mais recente — a resistência e o combate contra a ditadura, a guerra colonial (o seu teatro vivo ou os seus bastidores), etc. Por outro, aparece um romance como *O Pé na Paisagem*, — tratando desses temas com a alta intensidade e uma grande elevação, para além do empenhamento, — e deixa-se que sobre ele passe o tempo e se acumulem anos de silêncio. Admitamos que as exigências são outras e apontarão para mais — uma conjugação entre os motivos de interesse ligados ao documental e ao testemunhal e os próprios da literatura como actividade criadora. O importante, então, será que um trabalho feito nesta área de referências, temáticas e assuntivas, se faça também com o sentido na inovação, ou, pelo menos, da renovação de formas, de processos de linguagem. *O Pé na Paisagem* ainda não se situará nesse plano. Todavia, não é um romance meramente documental ou de testemunho.

Mas agora não se trata dos dois primeiros livros do autor, e sim do terceiro, *A Pele Branca das Acácias*. É um romance de grande fôlego (mais de trezentas páginas) e a sua área de referências temporal situa-se nos anos 60, em Lisboa, seus subúrbios (aludidos, pouco mais) e bastidores) os empregos, os cafés, a vida política clandestina, os encontros, as casas, as relações). As principais personagens têm vinte ános, ligações político-partidárias, empenhos e tarefas na luta contra a ditadura. Pano de fundo, um país, uma cidade, a sua via sombria, as contrafacções vulgares que lhe caracterizam a contrafacção global do tempo. A personagem principal é um jovem da pequena burguesia urbana ou suburbana, estudos suspensos por dificuldades financeiras, um modesto emprego num escritório que vem a abandonar e trocar por uma rápida fuga ao estrangeiro, e acaba por regressar para fazer a tropa... As referências situam o romante num âmbito temporal anterior ao de *O Pé na Paisagem*.

Tema e assuntos são mais ou menos interessantes, — depende do tratamento. E parece ser aqui que alguma coisa de decisivo vai falhar. O quê? Diríamos que há talvez uma sobrecarga de pormenores secundários a engrossar a narração, a torná-la espessa, baça, pesada demais. O próprio narrador, como personagem, acaba por perder-se do sentido de que é — narrador e na cena da escrita, personagem —, tão vasta e variada é a quantidade de pormenores tantas vezes secundárias, e dir-se-ia que dispensáveis, que se vão acumulando à sua volta, abstruindo-lhe os caminhos.

É um problema de escrita. Em muitas páginas dir-se-ia estarmos perante um romance do realismo oitocentista ou do realismo crítico dos anos 20 e 30. Alguns artifícios — na construção dos diálogos e nas descrições ambientais, por exemplo, — são também pequenos pormenores pouco relevantes. Não chegam para desfazer as ideias de excesso, monotonia, igualdade, ereptição, que a breve trecho do romance começam a insinuar-se à leitura e não tardarão muito a impor-se-lhe, sem remissão.

As expectativas criadas pelo livro de estreia, em 79, e mantidas pelo segundo livro, em 81, exigiriam um trabalho que FLM ainda não faz aqui, iludido talvez pela ideia de fazer um grande levantamento, — dum tempo, duma idade, duma geração. Exigiam um trabalho de síntese e superação, — da situação em que se encontravam, no livro anterior, os próprios processos de escrita construtivos do romance.

Talvez se proponham motivos de interesse ligados ao testemunhal, ao documental, e nada custará reconhecê-los. Mas não serão quanto baste para impor um romance — que, aliás, patenteia, no plano da escrita, capacidades ainda mais importantes do que esses motivos de interesse.

Poderão impor-se aspectos parcelares ou partes mais conseguidas do romance (principalmente os primeiros capítulos). Mas um romance é um todo, pelo menos é essa a concepção que preside a este, que se recusa ao fragmentário, à dispersão. É esse todo que parece aqui dir-se-á que bloqueado na sua estruturação, por excesso de materiais.

Não será um retrocesso, mas também não parece que seja um passo em frente. Não será uma decepção, mas também não confirma as expectativas que havia desde os livros precedentes. O próximo livro do autor vai, certamente, esclarecer-nos melhor as razões por que não se gostou muito deste. E até pode acontecer que, em relação a ese, o próprio autor esteja hoje mais insatisfeito do que decepcionados estamos nós.

Luís de Miranda Rocha

Silêncio na Casa do Barulho
Margarida Carpinteiro,
ed. Rolim

«Silêncio na Casa do Barulho» de Margarida Carpinteiro é mais uma novela destinada ao esquecimento a que votamos o banal. Facto nada surpreendente quando nos lembramos da mediocridade contida no anterior («Viva Senhor Comandante») texto de sua autoria. E que nos faz pensar «Ninguém Morre de Véspera» como o luminoso e ACIDENTAL produto estético de uma escritora a lançar-se no silêncio inerente ao inábil captador do lugar-comum — este «Silêncio na Casa do Barulho».

Qual a mensagem desta prosa rastejantemente fragmentada em irrespiráveis frases não pontuadas?, pergunto-me a desconfiar de que esta forma de escrever apenas serve para dissimular o seu mau manuseamento da gramática. É que nada neste livro nos retém os sentidos, embora o eco de outras metáforas o povoe distraidamente. E penso-as como a abortada gravidez do cintilante parto que entendo ser «Ninguém Morre de Véspera». Passo a citar: «A angústia corria nas veias da cidade acorrentada por flácidos fios teia venenosa de aranha moribunda ainda capaz de utilizar o nojo das suas garras enquanto em silenciosos encontros uma água nova escorria nos regueiros da nossa vontade que longe das mãos do poder chamamos liberdade e rejuvenescia forças na esperança de uma manhã.»

Há em «Silêncio na Casa do Barulho» aquilo a que chamo de uma linearidade estética no todo, percurso literário da autora. Disso é exemplo a citação feita e a crueza dos temas neste livro abordados. Como se, entregues à opacidade de dias nunca desvendados, os seus personagens lhe ditassem raquítico imaginar. E num descontrolo intelectivo lhe vulgarizassem a memória, distorcessem a sensibilidade. Assim fazendo com que até à infância (Licas) surja marcada por mórbidos gestos. Cito: «Apanhou um miolo de pão, espetou-lhe um dedo no miolo, na covinha pôs a lagarta (...).

Quando o senhor Prior, acompanhado da catequista, lhe entregou a recordação Licas inclinou-se para ele a perguntar «e Jesus também está nesta bolinha?». O senhor Padre achou tanta graça que pegou no pedaço de pão, abriu a boca e mastigou-o com um sorriso angélico. Licas ainda viu um fio verde escorrer de um dos cantos dos lábios do ministro de Deus (...).»

Pretenso reflector do universo circundante, Licas não passa de um personagem inconsistente e impertinente no seu pensar os outros. Talvez o seu estar divorciado de acrobacias amplamente oníricas seja o efeito das rasteiras causas, os entes adultos que a comandam.

Esboços, as pessoas (Joana surge em situações difusas e incongruentes no conjunto desta estória) constroem-se superficialmente em vivências também elas ao de leve experimentadas. Mostradas! Aludo à greve na fábrica, ao votar o contragosto, ao miserabilismo do quotidiano. Como se a autora alimentasse o para ela impraticável projecto de desenhar uma enorme casa habitada por pessoas que somente a ela impressionam. Já que é notória a sua

Margarida Carpinteiro

incapacidade para nos contar o que vê. O despropósito (ler a fuga de Joana no momento em que atravessa a linha férrea, a morte de Sanefa, o manjar do gato Tirano sobre o cadáver) de certos relatos...

Soprado é o feminismo deste livro, a sua denúncia política, religiosa e social. Apontado se preferirem. Porém, nunca retratado. Assim, toda esta estória nos toca com a durabilidade efemeríssima de gotas de água gelada contra o nosso corpo lançadas por desconhecida criança a correr pela areia onde repousamos. Criança incauta, decido ao ler: «Já ouviu falar de homens que chupam o sangue às criancinhas? Chamam-se vampiros e eram comunistas antes de morrerem, agora durma que eu coço-lhe as costas.»

Primário este anotar de atitudes grotescamente anticomunistas. Isento de criatividade: Sem asas como quase todo o «Silêncio na Casa do Barulho», tenho de considerar enquanto LAMENTO os seiscentos escudos que desembolsei por esta edição Rolim. E com a vaga noção de que perdido foi o tempo que a falar sobre ele gastei, desaconselho a sua leitura para quem o acto de ler significa algo mais do que beber uma cerveja como preenchimento de fastidiosos minutos...

Ana Paula Portugal

La chair de l'autre, Le crime passionel au dixneuvième siècle, Joelle Guillais, ed. O. Orban, Paris
(A Carne do Outro, O Crime Passional no Século Dezanove)

Os arquivos judiciários são particularmente prezados pelos historiadores que procuram fontes originais. Vários livros desiguais ilustraram, nos últimos meses, em França, esta tendência nova, depois da publicação de *Impossible Mariage de Elisabeth Claverie et Pierre Lamaisons*.

Joelle Guillais, professora de História, oferece-nos *A carne do outro* com, por pós-título, *O crime passional no século dezanove*. O historiador inglês Richers Cobb publica, quase ao mesmo tempo, uma obra apaixonante, fruto dos seus longos passeios aos arquivos judiciários da Revolução Francesa: *A morte está em Paris* (La Mort Est à Paris, ed. Le Chemin Vert). Ele limita o seu inquérito a alguns anos que seguem o período do Terror, dando ao historiador uma grande lição de modéstia: não pretende a universalidade.

Joelle Guillais trabalhou intensamente sobre parte de uma fonte única, rica sem dúvida, conservada nos Arquivos do Sena, negligenciando assim os Arquivos Nacionais que teriam dado sentido ao seu pós-título.

Para além de um simples argumento judiciário, Joelle Guillais extrai habilmente o suco dos inquéritos, das confissões e dos testemunhos. Algumas das suas afirmações poderão parecer arriscadas, como por exemplo esta frase peremptória: «Os criminosos passionais recrutam-se num meio social bem preciso: o do mundo operário». A evocação de casos respeitantes a pequeno-burgueses ou a gente mundana desmente, algumas páginas mais longe, esta singular limitação.

Bom número de observações pertinentes extraídas dos «dossiers» ou de obras dos primeiros criminologistas fazem deste trabalho um agradável estimulante. Mas porquê recordar que foi preciso esperar, em França, pelo Segundo Império para ver aparecer o cadastro judiciário, quando todos os «dossiers» da série examinada comportam o quadro — exigido pela circular de 3 de Março de 1828 — que incluem os antecedentes judiciários? Porquê operar sondagens apenas sobre os anos que se seguem a 1870, quando a série comporta belos «dossiers» respeitantes ao final do Segundo Império? E porquê, sobretudo, para uma sondagem que interessa a dez anos, deixar o editor avançar com aquele pós-título?

Y.L.

Lemos para si

Poesia estrangeira

Pablo Neruda

T.S. Eliot

Paul Éluard

EM matéria de poesia estrangeira traduzida para português e editada em Portugal, algum optimismo poderá crer que a situação não se caracteriza por grandes carências. Na verdade, e pelo menos nos últimos dez, vinte anos, apareceram no mercado livreiro talvez umas duas dezenas de antologias de poesia ou de poetas de outras nacionalidades e umas quatro de livros de um autor (ou dois, ou três). Os números não parecem de modéstia excessiva.

Assim, de momento, ocorre-nos que, desde fins de 60 até à actualidade mais recente, foram editados em Portugal, em traduções portuguesas, antologias de proveniências como Estados Unidos, URSS, Hungria, Bulgária, Brasil, Espanha, Inglaterra, Suécia, e até Galiza, Catalunha, Provença. Entre outras, que de momento não ocorrem.

É certamente mais vasta do que isto a enumeração de nomes. Rilke, Goethe, Holderlin (reedições), Gothfried Benn, George Trakl, Hoffmanstall, Nelly Sachs, H.M. Ezenberg, Brecht, Paul Celan, e outros, na área do alemão, apareceram traduzidos em português e editados (até mesmo reeditados) em Portugal.

Da área do inglês, Ezra Pound, T.S. Eliot, Walt Whitman, Bylan Thomas, Byron, Keats, Beckett, M.A. Kayman, Blake, L. Ferlinguetti, A. Ginsberg, C. Sandburg, D.H. Lawrence, Lawrence Durrell.

Da área do francês, Eluard, Aragon, Rimbaud, Lautreamont, Guillevic, Henri Michaux.

Da área do espanhol, A. Machado, J. Ramon Jimenez, Vicente Aleixandre, Pablo Neruda, F.G. Lorca, A. de Foixá, Amado Nervo, Octavio Paz, — e, da área de Espanha mas de outras expressões, os catalães Salvador Espriu e Félix Cucurrull, e os galegos Rosalia de Castro, Celso Emílio Ferreiro e Manuel Maria.

Da área do russo, Ievtuchenko, Voznessensky.

Da área do italiano, Urgaretti, Quasimodo, Gabriele Burtroloni, C.V. Cattaner.

Principalmente depois do 25 de Abril, foram traduzidos poetas de outras nacionalidades, — Bulgária, Hungria, RDA. Apareceram também finlandeses, suecos e gregos (Elitis e Ritsos).

Uma relação de nomes de poetas traduzidos em português e publicados em Portugal, — ainda que através de breve figuração, com dois ou três poemas, em antologias —, daria umas duas centenas. É muito, dir-se-á. Mas a figuração em antologias resume-se quase sempre em duas ou três peças, e não dá sequer para fixar nomes. A relação seria ainda mais numerosa se contássemos as publicações em jornais ou revistas. Na generalidade destes casos, o efeito é muito breve. Nos casos de livros, há um pouco mais de perduração.

De qualquer forma, nos últimos dez, vinte anos, principalmente nos últimos dez anos, — tem-se feito muito neste campo, e nem se pode dizer que muito do que se fez se deve a simpatias políticas que se tornaram praticáveis em Portugal.

Mas do actual estado em que a situação se encontra deve-se dizer tudo excepto que ele é já satisfatório. Qualquer leitor minimamente interessado nestas coisas poderá saber: em tratando-se das ofertas de livros de poesia estrangeira traduzida, o que há no mercado português é muito inferior ao que existe noutros mercados, — em Espanha, França, Itália, por exemplo, onde se traduz e publica praticamente tudo quanto vale a pena traduzir e publicar.

De tal modo que, — muitos portugueses, grande parte dos que conhecem de poesia estrangeira é em espanhol, francês, inglês, alemão ou italiano no que o podem conhecer. O português do Brasil, certamente, também conta aqui, embora o livro brasileiro, como se sabe, não circule muito em Portugal.

Um exemplo de poesia de outra nacionalidade, poesia chinesa. Em português e em Portugal não há praticamente nada, para além de Lao Tse ou Mao Tse Tung. Mas em espanhol e em Espanha há, um volume publicado aqui há uns dez anos pela Alianza Editorial.

Outro exemplo, poesia grega clássica. Nas obras de Eugénio de Andrade há traduções de Safo, e que mais? Em francês há um grosso volume na colecção «Le Livre de Poche».

É por estas, entre outras, que Portugal é um país, culturalmente, se não se pode dizer colonizado, pode-se dizer, pelo menos, dependente. É por estas, entre outras, que os portugueses, as informações de que carecem, é somente do estrangeiro que as podem obter.

Parece haver uma explicação para isso: o mercado português é restrito, o Brasil está fora de questão, África é uma questão que se tende a pôr de parte, por incapacidade para a resolver (neste tocante como em muitos outros).

Há dias, uma editora de Lisboa lançou no mercado uma antologia de poesia espanhola contemporânea, de dimensões como as da qual não se tinham feito nenhuma outra antologia em Portugal. Obra de anos e anos de trabalho, esteve anos e anos à espera de subsídio, editor interessado, condições de mercado, mais favoráveis. Não terá havido agora mais favorávis condições de mercdo, mas houve subsídio e editor, e a obra fez-se livro. Quanto custou a fazer-se, o leitor pode calcular a partir do preço de capa a que o livro foi posto à venda: quase dois mil escudos.

Entretanto, não se faz uma ideia da saída que o livro terá.

A título de curiosidade, lembre-se que não foi a primeira vez que em português e em Portugal se publicou uma antologia de poesia espanhola. Já em meados da década de 60 se tinha publicado uma antologia de poesia espanhola do pós-guerra. Dez anos depois a edição não se tinha ainda esgotado, e os restos vendiam-se ao desbarato nas ruas de Lisboa.

No mercado português, a procura destas coisas é bem pouco significativa, e não irá muito além de uns tantos (umas centenas que sejam, calculavelmente). Mas esses nem terão grande necessidade de servir-se do que lhes foi dado em traduções: quando estas se lhe propõem, já há muito conhecem muitos dos textos no original, pelo menos em tratando-se de espanhóis, franceses, ingleses. Conhecerão também, em traduções, autores de outras proveniências.

Dizemos espanhóis, franceses, ingleses. Serão as referências mais próximas de Portugal, dos portugueses. Com alemão, alemães, Alemanha(a), as nossas relações não serão de tanta familiaridade, como se sabe.

Há também os italianos, e o caso, aqui, parece grave. É que não há pode-se dizer que quase nenhuma divulgação da poesia italiana em português e em Portugal, para além de duas ou três muito breves antologias de dois, três ou quatro autores. Em Espanha, porém, ainda recentemente apareceu uma antologia da poesia italiana actual, e, curiosamente, nem sequer publicada por alguma editora de Madrid ou Barcelona, mas na Olifante, de Saragoça.

Nos mercados estrangeiros tem-se por vezes a impressão de que há praticamente tudo quanto se justifica que haja, porque se traduz e publica, em princípio, tudo quanto, em princípio, se considera que interessa traduzir e publicar. Incluindo portugueses, já se vê. É certamente mais numerosa a poesia portuguesa traduzida em italiano e publicada em Itália do que a poesia italiana traduzida em português e publicada em Portugal. Mas o mesmo talvez já não se passe no relacionamento entre a poesia estrangeira, por um lado, e por outro, a projecção da poesia portuguesa em edições noutros países como a França, a Inglaterra, por exemplo.

Dir-se-á que tudo isto é muito natural, — ocorrendo, desde logo, as dificuldades que há quando se trata da própria produção poética portuguesa, dos sectores menos favorecidos pelo investimento na edição em Portugal.

É capaz de parecer natural, mas é também muito significativo, e já se sabe de quê: do atraso português, evidentemente.

L.M.R.

Poesia galega

FALOU-SE aqui das carências que há, no mercado livreiro português, de poesia do estrangeiro traduzida para português e editada em Portugal. E os acentos mais fortes foram para o relacionamento com a Espanha e o espanhol, a França e o francês, a Itália e o italiano, a Inglaterra e o inglês. Entretanto, haverá faltas mais sensíveis do que essas. Dois exempos: a Catalunha e o catalão, e principalmente a Galiza e o galego. Faltas mais sensíveis, porquê? Obviamente, porque, nos outros casos, há uma relação mais intensa, generalizada, e até de reciprocidade. Nestes casos não. Deve atribuir-se menor gravidade ao caso da Catalunha e do catalão do que ao da Galiza e do galego, desde logo por causas de afinidade linguística. E no momento que passa, como deve saber-se, Galiza e galego têm mais do que interesse num sério relacionamento com o português e com Portugal. Mais do que um sério relacionamento, chega-se a poder dizer que se trata, no caso da língua, de integração, ou reintegração; no caso da poesia, — em particular, da literatura, em geral, — o interesse aponta insistentemente para a difusão e, por meio desta, a projecção. Tal interesse não será tão partilhado como inadvertidamente se poderá supor, porque há apenas (mas já é muito) uma forte corrente de opinião favorável, como à reintegração linguística, também, digamos assim, à livre circulação dos textos, dos livros. Mas tem-se a impressão de que, em Portugal, não há muito conhecimento disto. E o interesse por isto não será maior nem menor.

Uma editora de Barcelona, — mais correcto, uma editora galega operando a partir de Barcelona, a Sotelo Blanco — publicou recentemente uma *Escolma de Poesia Galega*, 1976-1984, trabalho de selecção feito por Xose Lois Garcia. A data do título diz logo do que se trata: a produção das promoções mais recentes, no âmbito da poesia que se faz na Galiza, e em galego. Nada menos de 44 poetas estão aqui representados. O mais velho, Manuel Vila Nova, nasceu em 1944. E o mais novo, Paulino Vasquez Vasquez, em 1962. A, certamente, vasta produção onde Garcia escolheu data (a sua publicação, pelo menos) de 1976 a 1984.

Toda esta poesia é, pois, da era pós-franquista. E eis o primeiro motivo de interesse: ver como se comportam as novas gerações de poetas galegos perante a nova situação e as suas (mais favoráveis, talvez, e também mais exigentes) condições. Ver-se-á melhor confrontando esta antologia com uma outra das que mais de perto a precedem, *Os novíssimos da poesia galega*, de Maria Vitória Moreno Marquez, publicada em 1973. Alguns destes novíssimos de 73 continuam activos entre 76 e 84, e reaparecem na antologia de Garcia. Serão os casos onde é mais visível a mudança, os reflexos da mudança. Os *novíssimos* apareciam empenhados na resistência e no combate contra as contrafacções duma situação — toda ela uma contrafacção, global, — que entretanto se alterou. A resistência e o combate, agora, serão outras, há mais razões para priorizar as preocupações com a escrita. As promoções mais recentes procuram entretanto outros caminhos, e vão revelar talvez mais imaginação, e sobretudo, mais continuidade, sintonizadas que estão — patentemente — com a poesia que se escreve noutras áreas, em castelhano, em catalão, e também (ou principalmente) em português.

Xose Lois Garcia, numa breve introdução, fala disso, e naturalmente, enfatiza a importância dos anos 75 e 87, pelas mudanças políticas que houve, e pelo que elas proporcionaram.

«A mudança política que se vai experimentar depois de Novembro de 75 influi logicamente na poesia galega, que começa a perseguir novas fronteiras expressivas» — diz Garcia. (...) «À medida que se logram maiores liberdades políticas, a partir de 1976, há um avanço imediato dum novo modelo expressivo; de súbito, a poesia galega torna-se sensível à mudança política e aproveita para actualizar-se, em todos os terrenos, uma vezes olhando para cânones forâneos, outras impondo-se fundas e genuínas inovações. Teimosamente, a poesia galega, desde então, transgride e desmistifica os moldes tradicionais que limitavam a plena independência expressiva. Essa experiência corre a cargo de poetas novos, que buscarão em diversas fontes as leituras, viagens, intercâmbios e, sobretudo, uma fundamental reflexão, e que actualizarão surpreendentemente a nossa lírica. Os poetas novos, que bebiam do realismo social, procuram outros roteiros, rejeitando parte da carga contestatária».

O período entre 76 e 84, divide-o Garcia em dois. Num primeiro, entre 76 e 80, caracterizar-se-á por «uma forte procura da literatura em galego» e é um «instante eufórico, a que os poetas correspondem com lúcidas criações». Vive-se uma poesia experimental, vanguardista, à procura dum tempo perdido, graças a poetas que não deixam de aproveitar as aberturas e as liberdades políticas». Outro é de 80 a 84, e aí aparecem poetas mais novos, nascidos em fins de 50 e princípios de 60.

Falta citar referências. São certamente importantes as iniciativas de grupo, aquém e além das antologias, e talvez mais do que os livros de cada um. Apenas algumas: *Rompente, Cravo Fondo, Além*. Alguns nomes: Dario Xohán Cabana, Margarita Ledo Andion, Xesus Rábade Paredes, Fiz Vergara Vilariño, por exemplo, que eram dos «novíssimos» de 73; e Xulio Valcárcel, Xavier Seoane, Xesua Valcárcel, Cláudio Rodriguez Fer, Paulino Vasquez Vasquez.

De cada um dos 44 antologiados, propõem-se quatro ou cinco poemas, o que faz da antologia um arquivo de mais de duas centenas de peças. Na maior parte dos casos, mesmo com ajuda das breves notas de apresentação crítica, não se ficará com uma ideia muito clara da produção do autor. Mas uma imagem global (da antologia, do período de produção que ela abarca) propõe-se logo a partir da introdução de Garcia, e é não somente de alguma nitidez, mas também francamente suscitadora de interesse por um conhecimento mais largo e aprofundado.

Assim tal fosse fácil, se não mesmo possível. Certamente, é sempre possível, mas as dificuldades são calculáveis. Até uma antologia assim talvez já seja demais para o que pode alcançar facilmente o leitor português eventualmente interessado. Nem sequer sabemos se tal antologia se encontra à venda em Portugal.

L.M.R.

Um é Outros

Jrupe Emigrilian
Exclusivo LerEscrever

Capítulo III

A estranha caixa deixada à porta

O ar fresco que me batia então na cara não era suficiente para dissipar toda aquela nuvem que parecia ter penetrado em mim para me entorpecer o corpo e estimular a actividade do sonho... Sacudi a cabeça e comecei a pensar em mil sítios para ir, sabendo que escolher seria, na melhor das hipóteses, conceder-me o privilégio de repetir um percurso menos recente... É incrível o confinamento que pode existir e ser vivido em qualquer cidade.

Eu sentia-me cansado e fui caminhando para o carro, mais lentamente do que pensava o que fazer, questão que sempre me divertiu pelo seu solene cariz político... não era apenas de Lisboa que eu estava cansado: era também e sobretudo desta gente tão provinciana como pretensiosa e que se quer em todo o lado sem conseguir estar em nenhum sítio... nenhumas afinidades, à falta de eleições a fazer... àquelas horas, essa razão parecia-me tão boa como qualquer outra para me deixar vacilar por momentos perante a vertigem de uma ou muitas viagens, sem destinos nem percursos, apenas com uma partida e uma cascata de chegadas, nunca ao mesmo sítio... Estamos condenados à paixão do movimento a partir do momento em que nos é retirada a possibilidade de nos movermos...

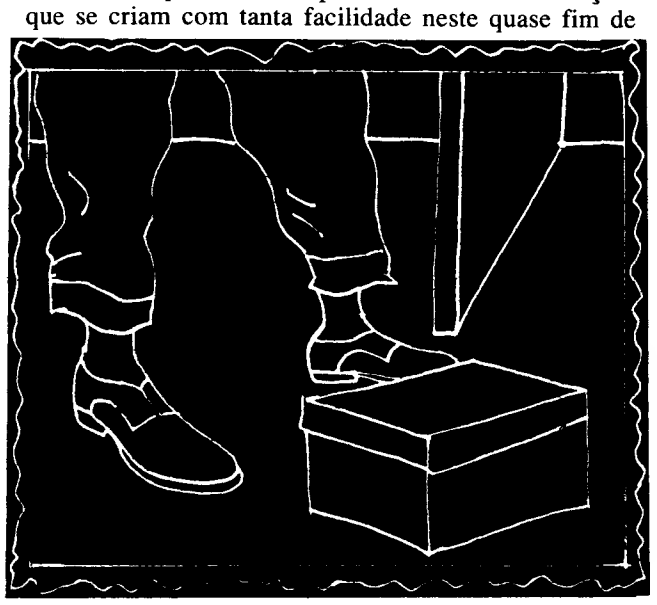
Sentei-me ao volante e liguei o rádio, mas só havia fala-baratos no ar. Estender a mão ao porta-luvas deixou-me a sós com Laurie Anderson, Big Science! Hallelujah!, e o som começou a despertar-me... Enquanto ouvia como é que se chega à cidade procurei o termo em que guardava café quente no carro e que era como que uma cicatriz em acto da minha anterior estada em S. Paulo. O vício do café vinha-me daí — junto com outros — e habituara-me a isso com o grupo de amigos com quem quase sempre saía para tudo quanto era sítio.... Bebi três grandes golos e respirei fundo, pensando vagamente na estranha frescura exterior daquele recipiente verde, capaz de albergar aquele precioso líquido à temperatura das minhas delícias... Laurie continuava a fazer-se ouvir sem que fosse o centro das atenções... Paciência, «can't win always»! O sabor do café tinha-se apoderado do meu hálito e da minha vontade, e condenei-me assim a passar a mais perfeita noite em claro que poderia ser imaginada... Eram agora AM4: 57 no meu relógio...

Se bem que eu não pensasse nisso, as minhas pernas lembravam-se ainda demasiado bem do que lhes tinha custado subir aquela rua horrível que liga o Cais do Sodré ao Príncipe Real, via Misericórdia... Este último largo está muito bem colocado, para quem faz o percurso ascendente... por essas alturas é o que apetece pedir, é misericórdia... Muito álcool, nenhum fumo e alguma obstinaçõ produzem por vezes estes quereres retorsos que são as recusas... recusei um táxi e condenei-me por isso mesmo a andar... É estranho como não é difícil que seja a nossa vontade a fazer de nós uns forçados... Mas era também a calma artificial de alguém que comete um crime frio no meio de uma bebedeira quente; o assassínio aparece então como susceptível de ser apagado por uma conduta **blasée e nonchalante,** desafectada e despreocupada, por um calculismo que consiste precisamente em afe ar a ausência de cálculo. Um pouco de sobre exposiç será melhor do que muitos **écrans,** e a polícia procura empre o que está manifestamente escondido, algumas vezes o que está fora do lugar (por mero acaso da investigação chega-se lá), mas nunca aquilo que está à vista, oculto pelo brilho da sua visibilidade absoluta. Muitos filmes e alguma má-vida tinham-me dado um conhecimento corporal destes assuntos...

Se estivesse nos USA, onde tudo se usa, teria partido para Oeste mas aqui tinha o Atlântico e era-me impossível deixar a minha casa, embora cada vez mais me irritasse chegar a ela no fim do que quer que fosse, mesmo tomar o pequeno-almoço... Era para aí que eu teria que recolher no fim de tudo, por mais que eu quisesse demorar-me, e cada vez mais esse pequeno gesto de retorno se assemelhava à alegria quotidiana e indispensável, necessária, de um enterro... Parti então em direcção a casa, com o motor do Rover a sacudir a cabina, ouvindo o barulho das rodas duras nos paralelos gastos da Rua da Escola Politécnica... Ao longo do caminho cruzava-me com alguns (poucos) noctâmbulos, prováveis frequentadores assíduos do Débil, um bar que começou por ser muito «in» e que, ao que parece, estará em vias de ser transformado num «fast food» macrobiótico com «24 hours delivery service»: em breve poderemos comer comida mais ou menos «yin» em nossa casa a qualquer hora. Lisboa é uma cidade pacata, e a reconversão do e pelo imaginário torna-se assim uma fantasia barata no meio de divertimentos que não chegam a ser caros. Já me disseram que era de recusa do século que se tratava... por vezes sucede-me admiti-lo. Neste sentido a fantasia é já uma violação da «civitas».

Até agora tinha guiado sem pensar no pouco antes, e sem me preocupar com o ainda não: deixava-me ir, como se as ruas da cidade e o carro soubessem sozinhos qual era o meu caminho... Limitavam-se apenas a participar o estritamente necessário para que o carro se mantivesse em movimento, e parecia-me que não fazia nada mais... Uma loura desmaiada que beijava as suas despedidas numas bochechas anónimas fez-me lembrar por momentos aquela diva cretina que eu tinha aliviado das agruras deste mundo. Fora uma das duas mortes que eu consigo achar belas; a morte contente que, de tão difícil, é quase tão impossível como o real — e a morte contida, que necessita um executor que deve dar a morte e impedir que o eleito dessa morte se manifeste contra ela. E se digo bela é porque é geralmente nessa morte que se vêem as mais belas e sinceras expressões de surpresa, num mundo como este em que as surpresas banais já não surpreendem ninguém... Por momentos pensei que nada iria funcionar e que em breve passearia de braço dado entre dois chuis... Depressa me tranquilizei, quando repensei tudo o que fizera antes de abandonar a casa de banho infecta em que deixara aquela prenda...

Um dos meus «hobbies» preferidos fora sempre a recolha de indícios, desde a minha adolescência, e sempre fora capaz de esperar horas a fio para conseguir um cartão em que alguém tivesse tocado, ou para fotografar esse alguém em algum sítio menos próprio... a chantagem não me atraía, o que não quer dizer que eu não achasse de suma utilidade o dotar-me de elementos que não deixassem dúvidas quanto às actividades duvidosas dos meus conhecidos. Mas não era só com os conhecidos que isso me acontecia, a minha febre dos indícios tinha-me levado a procurar a recolha de impressões digitais em cartões comerciais sempre que me ausentava para o estrangeiro; era uma diversão útil, esperar que um qualquer papalvo louro tocasse um cartão que eu habilmente deixara ao seu alcance para logo o recolher sub-repticiamente mal ele o deixava cair, desinteressado. Que história nos pode fazer imaginar um falso indício deixado num sítio inteligente... Nos últimos tempos tinha sido levado a provocar fisicamente os estrangeiros que encontrava em lugares apropriados para logo, no meio da zaragata, recolher alguns cabelos, por vezes uma mecha inteira, botões de roupas que apontam para muito longe, etc... O que interessava é que eu trazia sempre comigo um «kit» de falsos indícios, dez no máximo, e que deveriam poder servir nestas situações que se criam com tanta facilidade neste quase fim de século. O que interessava ainda mais é que eu conseguira deixar uma mecha alourada de cabelos alheios entre os dedos crispados daquela diva cretina que deixara para trás, e que deixara cair um pedaço de cartão para perto do cesto dos papéis, a meio caminho entre ele e o index da vítima. O cartão tornar-se-ia um indício muito incerto, dada a ambiguidade criada pela contiguidade de um cadáver ordinário e um cesto de papéis de casa de banho rasca... Saíra-me bem.



Ainda não acabara de discorrer e encontrava-me num pequeno nó rodoviário que deveria levar-me a casa ou afastar-me dela... Eu queria ir à praia muito cedo e tomar banho na água esverdeada quando ainda faz muito frio de manhã, e tentar sentir-me fresco como a pele assim lambida pelas ondas e pelo vento... mas tinha que ir a casa primeiro, buscar o meu cão e dar-lhe alguma comida, e arranjar um pequeno saco que me permitisse tomar o pequeno-almoço na praia, quando me apetecesse. Tinha também que fazer café para pôr no carro, e devia vestir algo mais prático, como um fato de treino ou algo assim... Virei para casa, que era perto...

Eram dez para as seis e após ter fechado a porta com muito cuidado para não fazer nenhum ruído tinha a sensação de que ninguém teria podido ver-me, ouvir-me ou pressentir-me. Tudo parecia estar perfeito e agradava-me a ideia de poder sair passado pouco com o meu cão Slimy ladrando nas escadas para me ajudar a marcar bem o meu espírito madrugador e saudável. Na nossa sociedade, um bom aspecto «bioprogressivo» permite esconder muitas intensidades sem as suprimir.

Em pouco menos de um quarto de hora tinha dado de comer ao animal e tinha preparado algo com que entreter a minha conjecturada fome de depois do banho. Estava a fumar qualquer coisa quente, oferta de gente conhecida, quando soou de novo o telefone com a insistência preguiçosa da sua campainha irritante. Seria «ele» de novo ? Preparei-me para ouvir aquela voz distante e afectada, estranha e no entanto já quase familiar... — Está? Quem fala? — disse eu sobre algo que ele disse mas que eu não percebi... Calei-me então porque era manifesto que ele não parecia decidido a fazê-lo...

...Não senhor, nada mal... Não é que não esperasse isso de si, mas assim tão depressa, é estranho... Você pensa que é muito esperto, não é? Então dê um pulinho à sua entrada e abra a sua porta... Veja... Eu volto a telefonar-lhe, não o deixo sozinho, prometo...

Ouvi o crepitar do auscultador a desligar-se e de novo uma sensação de inquietante estranheza se apoderou de mim... era como se algo em mim que devesse para sempre ficar escondido tivesse sido ou estivesse para ser revelado, para ser-me revelado. A publicidade da revelação nada tinha que ver com tudo isto: era eu que não queria ser forçado a contemplar-me, que não queria ter quem me chamasse a atenção para mim mesmo. Era este ensimesmamento alheio e vindo de algures que me assustava pela sua descontinuidade calculada... Já tinha chegado à porta, não sei se de um pulo... aquele telefonema soara-me como uma ordem, como uma injunção capaz de me fazer mover por um impulso cego. Abri a porta, e nenhum espectáculo terrível me aguardava. Tudo estava no seu lugar, apenas um pequeno pacote estava pousado sobre o tapete frente à minha porta... O que poderia ele conter? Recolhi-o rapidamente e fechei a porta com um cuidado excessivo.

Lembrava-me dos japoneses, que quando recebem um embrulho devem, de acordo com a tradição, colocá-lo de lado e esperar que a agitação passe... é por essas e por outras que eu não sou japonês... a cada minuto que passe a minha agitação será mais completa e irreversível em situações desse tipo. E deste tipo, então, nem é preciso dizê-lo. O pacote tinha algum peso, sem ser realmente pesado. Coloquei-o sobre a mesa de plástico que tinha a um canto da sala e apressei-me a abri-lo. O que esse

gesto me veio descobrir, foi qualquer coisa de tão cruel como de inesperado...

Dentro de uma caixa hermética de plástico estava a mão da imbecil que matara agora há pouco mais de três horas: tinha sido cortada com requintes de precisão, e o trabalho deixava entrever que quem o fizera não podia ser um leigo em matéria de amputações, legais ou não... Segurava ainda a mesma mecha de cabelos alourados que eu aí tão judiciosamente deixara e que agora ironicamente retornavam ao ponto de partida. **Purloide hair.** Cabelos cujo trajecto foi prolongado, não apenas uma — o que garantiria a segurança do dispositivo — mas várias vezes, o que fazia justamente com que o dispositivo não pudesse garantir coisa nenhuma... Ao lado, num envelope fechado, mas de uma transparência absoluta, estava o pedaço de cartão da livraria de Genéve «La Malle Folle», e que apenas eu poderia reconhecer imediatamente como tal, pois faltavam todas as indicações para que se soubesse a sua proveniência. Senti que me faltava o ar, que isto era de mais, e senti uma raiva imensa por aquele estranho que tão bem tinha conseguido imiscuir-se na minha vida, até ao ponto de se permitir estragar-me os crimes pequenos com que queria encobrir os grandes... Se eu pudesse ao menos saber quem ele era para poder intervir na minha vida privada no sentido de uma maior higiene, matá-lo, queimá-lo com ácido, cortá-lo em pedaços, qualquer coisa do género... mas nem sequer sabia quem ele era, e a única coisa que podia reconhecer dele era aquilo que é precisamente mais anónimo numa cidade. Uma voz tornada qualquer pela distância na rede dos telefones... Todas as moraliddes me pareciam agora um fardo mais inútil ainda de transportar. Era preciso pensar rápido e agir, o que anda muito longe do que era possível fazer nas minhas circunstâncias... Não tinha ainda havido tempo para pensar por causa de uma terrível derrapagem da minha acção, submetida à intervenção manipuladora de alguém que até agora apenas se manifestara como presença e como força, em suma, como poder anónimo de intervir na minha vida e nos meus actos, o que começava a ser alguém que me conhecia bem de mais sem todavia sair do barulho de fundo das identides submersas que é o dia-a-dia de Lisboa (enfim, também é), esse semianonimato enganador...

Sem dar por isso deixara um cigarro velho chegar quase ao filtro, e doeu-me o esquecimento... Entornei algum do café que segurava, e disse algumas. Estava deveras nervoso. O dia tinha já clareado havia muito, e a praia tinha sido definitivamente posta de parte. Estava pronto para comer uma sanduíche das que tinha preparado quando tocou de novo o telefone, e desta vez a campainha parecia ter um som imperioso; atendi atabalhuadamente o telefone, pois já sabia quem era... A voz não se fez esperar:

— Então, recebeu com certeza o meu presente! Não me diga o que achou dele porque sei que não é fácil contentá-lo. No entanto ser parvo é um atributo que ninguém lhe tira, a julgar pela instalação que teve o desplante de deixar naquela casa de banho! É tão imbecil que até se esqueceu lá de outra coisa, que eu retenho em meu poder e que tem uma impressão digital perfeita do seu médio esquerdo! Quanto aos cabelos, assegurei-me de que não ficou lá nenhum...

Eu estava estupefacto com o que acabara de ouvir. Ia começar a insultá-lo, ou aperguntar-lhe que é que ele tinha que ver com isso, mas ele tinha recomeçado a sua conversa:

—... Estou certo de que o futuro o encontrará um pouco mais sensato, de qualquer modo...sugiro-lhe que vá dormir... fui eu que o acordei, lembra-se? E já corremos muito nestas últimas vinte e quatro horas, não foi? Tome uns comprimidos para dormir e descanse... ponha a mão no frigorífico, asseguro-lhe que não deita cheiro.

Desligou o telefone quando eu lhe ia perguntar como é que ele sabia que eu tinha comprimidos para dormir... Pousei o auscultador e pensei seriamente em trancar portas a janelas, e em trazer o cão para dentro de casa durante a noite. Mas eram onze da manhã e eu não precisava de comprimidos para dormir. Trouxe o cão para o meu quarto depois de fechar tudo à chave e de ter posto aquela mão estúpida no frigorífico. Apetecia-me dormir, realmente, dormir até que o sono se tornasse numa pose insustentável, até esgotar tudo o que me fazia sentir esgotado...

(CONTINUA)

Na próxima semana: O narrador muda-se para uma residencial

A Chuva
(Diurnos)

A intermitência da chuva. Este, o fenómeno que hoje mais me surpreendeu. Referir-me-ei, assim, à sua íntima relação com a produção do texto e o vagar da escrita. Eis como se passam, de um modo geral, as coisas. Tal como as palavras, em certas tardes, as gotas de chuva caem por grupos ou uma a uma. Durante esses estados de quase precipitação, à beira do abismo, paira no ar uma tensão materializável mas indizível que, estamos certos, a mais pequena faísca — ou um súbito aumento da temperatura — instantaneamente perturba. Um «rio de letras» que se contêm numa tarde húmida — que se diz poder vir a ser «de chuva» —, eis o que, no limbo da sua impaciência, já é, afinal, o próprio discurso. Que surpresa, mais tarde, quando assistimos ao esbanjamento de uma emoção tão longamente retida — assim como à sua incontida (agora) violência física?! No semelhante lemos, por fim, a manifestação do diferente (o diferente, se bem o compreenderam, é a chuva...). Com efeito, na escrita — aliás, tal como nessa tarde cinzenta em que saímos para a rua, por precaução, com o guarda-chuva — todo o texto resulta de uma intermitência longamente procurada que, quando se precipita, o faz por soluços, deixando a nu, numa leitura mais atenta, a superfície indistinta de numerosas fracturas.

Tal como uma mulher que, ao dirigir-se para o espelho, leva já na mão o lenço a que secará as lágrimas, uma a uma, a escrita surpreende-nos sempre com a sua hesitação, dupla. Por excesso ou diferença, ela desilude-nos. Desagrada-nos, quando é inoportuna.

Trazemos, assim, na mão, sempre, o guarda-chuva. Desconfiamos a tal ponto da nossa própria natureza — ou dos seus poderes, absolutos. A ocorrência frequente de uma intermitência,

por isso, habita-nos. Por vezes, damos-lhe o nome de Destino. Outras, o de **chuva...**

E, finalmente, a coisa deu-se. Subitamente. Numa manhã, ou a meio da tarde, cai a chuva. O vento assobia, perturba-se — e no espaço uma longa estranha capa negra agita-se. Os transeuntes, distraídos, lançam-se rua fora em loucas correrias; correm atrás de táxis, inevitavelmente coloridos.

Foi uma surpresa. Durante horas choveu torrencialmente.

E assim, depois de durante muitos dias ter vivido da ausência de nenhuma chuva, hoje, olho para a rua e ponho-me mesmo a duvidar das minhas certezas mais íntimas e queridas. O rompimento súbito dessa fina membrana de Ser — que é o sentimento — acabou por trazer enfim, consigo, a chuva.

E a chuva perturba-me. Pergunto: «E se nada se passasse como se tinha previsto? Se a vinda da chuva só trouxesse ainda consigo mais chuva? A incomodidade das roupas, uma sensação de tédio, o frio do espírito...».

Sim, é isso o que sucede, realmente. Obrigando-nos a reviver de novo, volumes e volumes de teoria sobre o espírito. Cá estamos de novo, mais uma vez, ante o espelho. E o que somos? A iminência de um desregramento, um excesso de liquidez, a fluência do espírito...

Vivendo na ilusão da sua vinda, não era afinal o que aguardavamos — a chuva. Sei-o agora, a escrita é o trajecto labiríntico de uma incerteza, uma inconstância emotiva, a transitoriedade deste ofício. Agora que ela veio, levamos as mãos à cabeça e assustamo-nos com a chuva...

E dizemos, em segredo: «Arrebentarão os diques? Estragar-se-ão as culturas?....» (Preocupados que estamos com o destino dos nossos «jardins de estufa»).

As coisas tendem, contudo, a passar-se assim. Com esta teatralidade e este fingimento. A palavra cresce sempre numa terra lavrada pela mentira e pelo erro, pelo engodo de muitos mitos. A escrita só vive desta tensão abstracta, «antes de tempo»: o fundamental do processo não é o seu fim, ou a própria chuva, mas a incerteza do clima, as intermináveis saturações da atmosfera ou os súbitos arrefecimentos da temperatura. A explosão tem que se dar e dá-se sempre. (Por vezes, quando já ninguém a espera...) Começa então um outro fenómeno, processo: o da sobrevivência. Recolher os detritos e fazer frutificar as plantas que resistiram à chuva... Será com essas plantas que mais tarde nos alimentaremos, na estação quente. Será com a sua humidade que recuperaremos ainda a vinda da chuva....

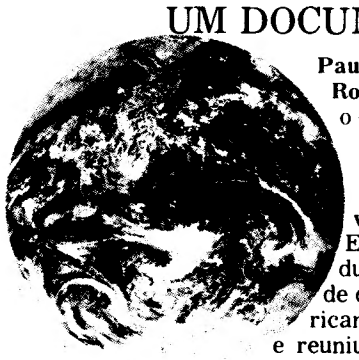
Théodore Fraenckel

UMA OBRA CIENTÍFICA E NÃO UM ROMANCE DE ANTECIPAÇÃO

O FRIO E A ESCURIDÃO

O MUNDO APÓS A GUERRA NUCLEAR

UM DOCUMENTO PARA ESTUDAR



Paul R. Ehrlich, Carl Sagan, Donald Kennedy e **Walter Orr Roberts** apresentam-nos um relatório impressionante sobre o que será o Mundo após uma guerra nuclear. Trata-se de uma obra elaborada com a mesma abertura de espírito, a mesma capacidade de análise que presidiu a outro igualmente importante livro: **A Vida Inteligente no Universo.**

Este é um documento resultante de uma conferência que, durante um ano e envolvendo mais de duzentos cientistas de diversos países, com especial destaque para norte-americanos e soviéticos, conduziu a novas e grandes descobertas e reuniu as diversas informações científicas sobre as consequências desse tipo de conflito.

Muito se tem falado sobre o Inverno Nuclear. Mas qual será, na realidade, o resultado de um conflito à escala total? E quais as consequências biológicas resultantes desse conflito?

HÁ UMA TERRA SOMENTE

Em O Frio e a Escuridão, cientistas famosos provam que não haverá locais que não sejam afectados. Um documento para estudar.

JÁ À VENDA NAS BOAS LIVRARIAS E PAPELARIAS

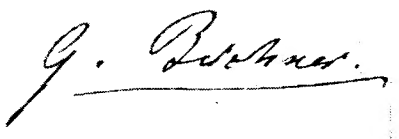
EUROPA-AMÉRICA ...a memória no futuro

Lenz

As Alucinações

Georg Buchner

O LerEscrever começou, na semana passada, a publicar o **Lenz** *de Georg Buchner que, apesar da sua importância, não estava ainda traduzido em português. Esta semana oferecemos aos nossos leitores a segunda parte do texto, que intitulamos «As alucinações».*



À medida que se ia aclimatando àquela vida, mais calmo se sentia. Ajudava Oberlin, desenhava, lia a Bíblia; ressurgiam nele antigas esperanças abandonadas... E um dia, ao romper da manhã, saiu. Oberlin contava-lhe da mão sempre presente que o guiava na montanha, e como nos altos cimos uma luz resplandecente o tinha fascinado, como ouvira a voz que conversara com ele no meio da noite, e como Deus se havia instalado nele duravelmente, tanto e tão bem que, para saber o que havia de fazer, procedia como as crianças: tirava à sorte, cheio de Deus, como se vivesse num céu eterno... Só então a Escritura se abriu a seus olhos. Ah, como a Natureza se aproxima dos homens, envolta em celestes mistérios! Mas não com a majestade dos poderes irresistíveis, não, antes com a simplicidade dos gestos familiares!

Saiu ao romper da manhã. Nevava durante a noite, mas agora o sol começava a iluminar o vale, apesar do nevoeiro que, ao longe, mal deixava transparecer a paisagem. Depressa abandonou a estrada, subindo uma colina em declive suave. Na floresta de abetos, não havia vestígios de passos. O sol recortava cristais nos altos ramos, a neve, em flocos, era leve; aqui e além, ténues vestígios da passagem de bichos bravos em fuga para a montanha. No ar, nenhum movimento, apenas o rumor quase inaudível de um pássaro a sacudir a neve da cauda. Ao longe, as asas brancas das árvores ondulavam no azul profundo. Tudo era serenidade, e pouco a pouco Lenz sentia-se livre, desafogado. As superfícies e as linhas monótonas, poderosas, que por vezes julgava ouvir falar-lhe com acentos velados, tinham-se ocultado. Invadia-o um cálido sentimento: pensava por momentos que a mãe lhe ia aparecer, grande, atrás de uma árvore, a dizer-lhe que tudo aquilo era um presente que preparara para lhe oferecer. Ao descer uma encosta, viu o arco-íris a enquadrar-lhe a sombra, como uma grinalda de raios de luz, e foi como se qualquer coisa o tivesse atingido na fronte: o Ser falava-lhe. Voltou à aldeia, correu alegremente ao encontro de Oberlin e disse-lhe que, ao menos uma vez, gostaria de pregar. «Estudou teologia? — Sim — Bem, no domingo pode subir ao púlpito».

Cheio de júbilo, Lenz tornou ao seu quarto, interrogando-se como seria o texto do sermão. Absorto nos pensamentos que lhe acudiam ao espírito, passou noites calmas. Veio a manhã de domingo, havia degelo, nuvens fugitivas, espaços azuis. A igreja, com o semitério em volta, erguia-se no flanco da montanha, sobre um contraforte. Lenz estava lá em cima, enquanto os sinos dobravam e os paroquianos acudiam de toda a parte pelas sendas e caminhos que subiam e desciam entre os rochedos. Mulheres e raparigas trajavam os seus severos vestidos negros, um lenço branco dobrado sobre o livro de salmos e um ramo de rosmaninho na mão. Por vezes, um raio de sol iluminava o vale, uma aragem cálida passava lentamente e, ao longe, ouviam-se outros sinos. Tudo parecia ter-se fundido na mesma onda harmoniosa...

A neve desaparecera do pequeno cemitério e debaixo das cruzes negras despontava o musgo escuro; uma roseira brava fincava-se no muro, flores tardias rompiam entre as campas, esparsas pela erva; o sol e as nuvens brincavam ás escondidas.

Começou o culto, juntando as vozes humanas num som claro e puro, e todos os olhares pareciam imersos na água transparente da mesma torrente. Terminaram os cânticos... Lenz falou. Ao princípio estava intimidado, mas depois, sob o efeito do suave canto, desapareceram os receios que o paralisavam; agora, despertava todo o sofrimento que trazia, para se acalmar no seu coração, e insinuava-se nele uma sensação de infinito bem-estar. Falou com simplicidade e todos o acompanharam na sua dor, todos lhe levaram a consolação de o deixar trazer o sono a olhos febris de vigília, a paz a corações atormentados, de poder desviar para o céu a pena surda de uma existência rendida às misérias materiais. O discurso devolvera-lhe coragem, e no fim ressoaram de novo as vozes: «Deixa que em mim as santas dores jorrem das suas fundas nascentes; que o sofrimento seja todo o meu benefício, o meu prémio, o meu ofício dívino».

Tudo o que nele acontecia o alucinava: a música, a dor, as palavras, como se o Universo estivesse crivado de feridas. Era um mal profundo, indizível. Sentia-se numa outra vida; lábios divinos, frementes, inclinados sobre si próprio, as pernas e os braços começaram a tremer-lhe; teve a sensação de que ia dissolver-se, de que a sua volúpia não teria fim. Mas fez-se nele um crepúsculo, uma profunda e inerme compaixão por si mesmo. Chorou, a cabeça inclinou-se-lhe para o peito, adormeceu.

Havia lua cheia no céu. O cabelo caía-lhe sobre o rosto e as têmporas; as lágrimas ficavam-lhe suspensas nas pestanas e secavam-lhe na face — estava ali deitado, em total solidão, e tudo era imóvel, mudo e frio. A lua brilhou por cima dos montes a noite inteira.

Na manhã do dia seguinte desceu e, calmamente, contou a Oberlin que a mãe lhe tinha aparecido. De vestido branco, saíra do muro do cemitério com duas rosas no corpete, uma branca e outra vermelha; depois sumira-se na terra, e as rosas despontaram lentamente no chão que a cobria. Estava morta, disso não havia a mínima dúvida. Oberlin contou-lhe então que estava sozinho nos campos quando lhe morreu o pai, e ouviu uma voz anunciar-lhe aquela morte. Falou-lhe também do povo da montanha, das raparigas que pressentem a presença da água e do metal debaixo da terra, de homens atacados por espíritos nas altas serranias, de ter caído uma vez numa espécie de sonambulismo ao fitar uma torrente profunda. Lenz explicou-lhe que o espírito das águas o tinha enfeitiçado, e que nesse instante devia ter experimentado alguma coisa da essência particular daquele espírito. E prosseguiu: a natureza mais simples e mais pura é a que está mais estreitamente ligada à natureza elementar; quanto mais o homem refina a sua vida e o seu sentido espiritual, mais nele se esbate o sentido do elementar. Lenz considerava-o pouco autónomo e não o tomava por um estado superior, mas pensava que ser tocado pela vida própria de todas as formas, ter uma alma para as pedras, os metais, a água, as plantas, acolher em si, como num sonho, todos os objectos da Natureza, do mesmo modo que as flores absorvem o ar com o crescer e o minguar da lua, devia ser um sentimento de uma infinita beatitude.

As ideias corriam nele como um rio: em todas as coisas havia uma harmonia inefável, um cântico, um estado de graça que, nas formas superiores, possuia mais órgãos para captar, pensar, compreender, mas que em compensação se deixava mais sensivelmente afectar. Nas formas inferiores, tudo era mais restrito e limitado, mas beneficiava duma paz interior maior. Oberlin interrompeu-o: estava a afastar-se muito da grande simplicidade que louvava.

De outra vez, Oberlin mostrou-lhe uma série de pequenas tábuas coloridas e explicou-lhe quais eram as relações que mantinham com os homens: cada cor representava um apóstolo. Lenz retomou essa ideia, desenvolveu-a, caiu em devaneios angustiantes, pôs-se a ler pasagens do Apocalipse e outros trechos bíblicos.

Por esse tempo, Kaufmann veio com a noiva ao Steintal. A princípio, o reencontro foi desagradável a Lenz; tinha arranjado um refúgio encantador, era-lhe tão preciosa a pouca tranquilidade que sentia... e agora chegava um homem cuja presença lhe lembrava demasiadas coisas, com quem seria preciso falar, um homem que conhecia as circunstâncias da sua vida. Oberlin nada sabia dele; acolhera-o, tratara-o, considerava-o como uma dádiva de Deus e amava-o com ternura. O facto de Lenz ali estar, era para todos uma necessidade; tinha o seu lugar entre aquela gente como se dali fosse; ninguém queria saber de onde ele vinha, nem para onde iria depois.

À mesa, Lenz recuperou o bom humor. De literatura se falou, estava no seu elemento. O período «idealista» dava os primeiros passos e tinha em Kaufmann um fervoroso adepto. Lenz combatia vigorosamente o novo ideário. Dizia: «Os poetas de quem se fala que reproduzem a realidade não fazem a menor ideia do real, embora não deixem de ser mais suportáveis do que os outros, os que pretendem transfigurá-lo». Dizia também: «Deus fez provavelmente o mundo tal como deve ser, é pouco natural que os nossos balbuceios consigam melhor resultado. Na medida das forças que tivermos, devemos esforçar-nos por imitar a criação de Deus. A vida é o principal, e é tudo que precisamos; pouco monta que seja bela ou feia. O sentimento de que alguma coisa se criou com vida está acima da beleza ou da fealdade; em matéria de arte, é o único critério. Aliás, só raramente deparamos com esse sentimento: em alguns trechos de Shakespeare; nas canções populares, onde transparece o seu puro acento; por vezes em Goethe. O resto pode lançar-se ao fogo. As pessoas nem casotas de cão são capazes de desenhar e pedem-se-lhe figurações ideais! Tudo o que tenho visto dessas figuras são sempre manipanços, bonecos de pau. O famoso idealismo é a mais vil contenção da humana natureza. Tente-se ao menos uma vez entrar na vida da mais ínfima criatura, reproduzi-la na sua febre, nas manifestações mais ténues, em toda a sua mímica, tão subtil que mal se lhe presta atenção». É, explicava, o que tinha tentado no *Perceptor* e nos *Soldados*. «Aparecem ali os homens mais prosaicos do mundo, mas a veia do sentimento é a mesma em quase todos, só é diferente, mais ou menos espesso, o envoltório que têm de furar. Para saber isto, basta ter olhos e ouvidos. Ontem, ao subir a encosta do vale, vi duas raparigas sentadas numa pedra; uma delas, ajudada pela companheira, enrolava as tranças da doirada cabeleira solta; impressionou-me a sua expressão grave, de recolhida palidez, e ainda tão jovem, o seu vestido negro, e os cuidados da outra, tão atentos! As obras-primas dos velhos mestres alemães, mesmo as mais comoventes, não dão ideia de uma cena como esta. Desejaria possuir uma cabeça de Medusa para transformar em pedra grupos como aquele e depois chamar as pessoas. As jovens levantaram-se, a bela cena desfez-se, mas ao descerem por entre os penhascos outra imagem se formou.

Depressa se desfazem os mais belos quadros, as harmonias mais sentidamente temperadas».

«Uma só coisa permanece: a beleza infinita que vai passando de objecto em objecto, sempre destruída, sempre transformada. É verdade que as mais das vezes não podemos fixá-la nem metê-la nos museus, não podemos gravá-la num painel e depois chemar novos e velhos para que se encantem com a sua descoberta. É preciso amar a humanidade para penetrar na essência única de cada ente; nenhum deverá parecer-nos demasiado pequeno, ou feio, e apenas sob essa condição poderemos compreendê-los a todos. Maior impressão causa uma cara insignificante do que a simples sensação da beleza, e pode-se à vontade fazer jorrar de nós as formas sem lhes metermos cópias do mundo exterior, onde não sentimos pulsar nenhuma veia, nenhum músculo, vida nenhuma!»

Kaufmann increpou-o, retorquindo que não se poderia encontrar na realidade o modelo de um Apolo de Belvedere ou de uma Madona de Rafael. «Que importa!», replicou Lenz. «Devo confessar que essas obras me deixam frio. Com algum esforço, talvez conseguisse ver nelas alguma coisa, mas nesse caso seria eu o produtor da melhor parte do sentimento estético. Entre todos, prefiro o poeta, o artista que me restitui a natureza da maneira mais real possível, de modo que eu sinta algo para além da imagem que cria; o resto incomoda-me. Gosto mais dos pintores holandeses que dos italianos; são, aliás, os únicos pintores compreensíveis. Só conheço dois quadros — ambos holandeses — que me causam a mesma impressão do Novo Testamento. Um, cujo autor ignoro quem seja, representa *Cristo e os Peregrinos d'Emaús*. Lemos a passagem da saída dos Peregrinos e em poucas palavras toda a natureza se nos impõe. Vemos a luz do entardecer, crepuscular, o clarão cor de fogo no horizonte, a noite que desce rápida sobre os caminhos, o desconhecido que ao seu encontro vem, lhes fala e reparte o paõ; o modo simples e humano como o reconhecem, a eloquência clara dos traços do recém-chegado marcados pelo divino sofrimento. O medo apodera-se dos Peregrinos: já a noite chegou e há algo de incompreensível no ar, mas não é o mesmo medo dos espíritos e fantasmas — é como se vissem avançar ao seu encontro, com a simplicidade de outrora, um ente querido que volta ao reino da morte. Assim é o quadro, uniformemente acastanhado, com a aura fiel de um crepúsculo de paz, encoberto de névoa —. Outro quadro representa uma mulher sentada no seu quarto, com o livro de salmos na mão. Asseio dominical, nitidez, intimidade, calor. A mulher não pôde ir à igreja e recolhe-se em casa, com a cabeça voltada para a janela aberta, como se através da vasta paisagem da planície lhe chegasse o jubiloso repique dos sinos da aldeia e o eco dos cânticos entoados no templo pelos fiéis; a mulher acompanha o texto pelo livro que tem nas mãos».

Lenz continuou a discorrer assim; os outros escutavam-no, tocados pelas suas palavras, por vezes oerteiras. O calor do discurso afogueava-lhe as faces, agitava-lhe a bela cabeleira loura, enquanto alternava as expressões graves com as sorridentes: esquecera-se completamente de si próprio.

Trad. Ernesto Sampaio

(No próximo número. **Medo e Solidão)**

«Escrevi muito por encomenda»

Madeleine Chapsal diz que Sartre falava até quando escutava

A Dom Quixote vai lançar, no próximo dia 14, «Os Escritores e a Literatura», de Madeleine Chapsal» — uma larga mão-cheia de entrevistas. Os extractos que aqui hoje publicamos pertencem à longa conversa que a autora manteve com Jean-Paul Sartre em Janeiro de 1959, e que acabou por intitular «Até quando escutava, Sartre falava».

NÃO se passava um dia sem que alguém, à minha volta, pronunciasse o nome de Sartre. Sartre tinha dito, Sartre tinha feito, Sartre pensava... Cada qual estava convencido de seríntimo de Sartre ou, pelo menos, dos seus pensamentos...

Não era gabarolice. Sartre rodeava-se do maior número possível de gente e falava imenso. A sua vida resumia-se a duas coisas: escrever e falar. Tinha também muitas ligações, que não ocultava, pois era a favor o «compromisso», o que não significava fidelidade mas vida às claras. Aliás, as felizes eleitas eram as primeiras a vagloriar-se disso.

Tudo leva a crer que a maior parte do tempo que estava com elas o passava também a falar... Falar, para Sartre, era viver. O que não o impedia de olhar e de ouvir, mas até a ouvir, falava...

Disseram que tomava anfetaminas, estimulantes intelectuais. Tinha realmente necessidade? O cérebro de Sartre devia produzir naturalmente uma quantidade espantosa de hormonas, caso para perguntar se também tinha algumas no resto do corpo...

Sartre era um fenómeno, um génio, uma máquina infalível de pensar tudo, de interrogar tudo, de responder a tudo... E de ler tudo. Também falava quando lia? Simone de Beauvoir poderia responder, mas a quantidade de volumes que Sartre percorreu, registou, assimilou, digeriu e vomitou, sobre todos os assuntos, é incomensurável... Sem contar a Imprensa, as revistas, os magazines... Sartre vivia na palavra, nas palavras, no escrito, no dito, no impresso...

Sartre não se parecia com ninguém e no entanto queria-se ao nível de cada um, próximo de todos. do mais rejeitado, do mais marginal, do mais desgraçado, do mais incompreendido dos homens... Mais do que próximo, identificava-se com eles! Sartre identificou-se com o ladrão, com o homossexual, com o judeu, com o negro, com o comunista, com o fascista, até com Freud... e com as mulheres. Sartre foi o maior combatente e o mais apaixonado dos feministas do seu tempo, incluindo as mulheres. Sabia tudo sobre as mulheres, compreendia tudo sobre o seu destino, a sua «alienação».

Sem ele ao lado para a empurrar, teria Simone de Beauvoir escrito *O Segundo Sexo*? Sartre sabia melhor que nós quem nós éramos... Sartre era esgotante.

Encontrei-o várias vezes. No restaurante, num serão em casa de Simone de Beauvoir, à saída da representação das suas peças, em casa de pessoas. Sartre absorvia-me. A mim como à maior parte daqueles que encontrava e não lhe desagradavam, abria de par em par as portas do seu grupo, e eu própria teria podido fazer parte daquilo a que se chamava «a família», os íntimos do casal Castor/Sartre. Aqueles que se encontravam incessantemente à sua volta, colaboravam nos *Temps Modernes*, recebiam de Sartre benefícios de toda a espécie. Por vezes em dinheiro, em palavras sempre, sobretudo em apoio.

Mas eu desenfiava-me. Sentia que haviaem mim, como em toos os seres-joven, um «mistério», quer dizer um «desconhecido» e o desejo de o esclarecer para me tornar eu própria e não qualquer outra pessoa. Tinha a intuição de que, se visse Sartre demasiado de perto e demasiadas vezes, ele se colocaria «no meu lugar» e, com palavras muito mais soltas, abundantes e penetrantes que as minhas, me explicaria num abrir e fechar de olhos quem eu era, para onde ia, o que poderia vir a ser, o que era preciso desenvolver ou eliminar dentro de mim...

Teria sido fascinante, magnífico, excitante, notável... e falso! Pelo menos, não teria sido eu. Talvez ganhasse em celebridade, em envergadura — ele empurrava as pessoas para voos altos e rápidos —, em prazer também — Sartre era encantador, sedutor e divertido —, mas teria perdido algo da minha melodia pessoal.

(...) No dia da nossa entrevista, não o conheceria se o acolhimento pudesse ser diferente... Sartre esperavam-me no apartamento da rua Bonaparte cujas janelas davam para a praça Saint-Germain-des-Prés. Vivera ali muito tempo com a mãe e conservava o seu escritório, livros, arquivos. A «passagem» de Sartre, fosse onde fosse, ficava assinalada por uma nebulosa de papel manuscrito ou impresso, que crescia sempre sem nunca diminuir...

Não me lembro do andar mas, durante muito tempo, quando passávamos na praça Saint-Germain-des-Prés, alguém indicava aos outros um ladrilho onde se via ainda um traço circular: era por ali que passava o tubo do fogão que aquecia a sala onde, durante a guerra, Sartre trabalhava... A palavra «fogão» lembrava-nos Descartes? Nunca nos cansávamos da anedota e, quando o ladrilho foi substituído, foi como se nos tivessem roubado um monumento histórico!

Subi portanto ao andar do «tubo». Foi a mãe de Jean-Paul Sartre que abriu a porta. Cabelos brancos, acolhimento amável mas nada mais. Tive a sensação de que ela defendia o seu «querido menino» da intrusão dos jornalistas e dos curiosos.

Sartre levantou-se de trás da secretária para me receber, estendeu-me a mão. Já estava a falar, falava sempre e continuou a falar antes que eu tivesse tempo de ligar o gravador... A entrevista passou como um sonho! Eu não a tinha preparado, para quê? Sabia que Sartre faria tudo, sozinho, como de costume, que seria excelente, ou melhor que isso, de primeira ordem, que *L'Express* ficaria encantado, impressionado — nesse tempo, o papa do existencialismo, em ruptura com a ordem estabelecida, recusava-se a dar entrevistas à grande Imprensa e eu tive de insistir várias vezes para conseguir esta.

Se eu tivesse a minha palavra a dizer, tê-lo-ia interrogado não sobre as suas obras e a sua visão política, mas sobre a mãe, o apartamento, os seus hábitos de vida, o campo — gostava do campo? —, os animais — sabia que existiam? —, as crianças — por que motivo Sartre não tinha querrrrrrido filhos?

De tudo isto, ele próprio, Sartre, falou mais tarde. Escreveu As Palavras. Contou da mãe, da infância, explicou-se sobre a guerra nos *Cadernos*. Adoptou uma filha... Sartre não tinha necessidade de ninguém para explorar... tudo!

O eterno professor

Foi dito muitas vezes que ele era um professor, o eterno professor. Penso que era também o eterno aluno. Sartre, astrologicamente, é Gémeos, o signo do duplo... De qualquer modo, Sartre vivia obcecado pelo seu duplo e fazia parelha com ele: um Sartre ensinava constantemente outro Sartre que constantemente o interrogava, obrigando-o, por vezes com perfídia, a pôr tudo em causa.

Gostava de salpicar a sua obra de pontos de interrogação: *Que é a literatura? Que é um colaboracionista?*

Mas não se tratava de responder em seu lugar: o sistema Sartre era inteiramente fechado sobre si próprio! Ninguém conseguia bater Sartre no jogo que era o dele, nem entrar em polémica com ele. Camus e Merleau-Ponty fizeram a experiência à sua própria custa. Por mim, contentava-me, prudentemente, com deixá-lo explicar-se ele próprio: pergunta, resposta, nova pergunta, nova resposta. Que magnífica autonomia!

Assim, como não tinha grande coisa a fazer, olhava-o. Falou-se muito do «físico» de Sartre, e ele também o fez, evidentemente. Muitas vezes foram descritos os seus óculos grossos, a sua pele de batráquio, aquele olho que se afasta de lado... É verdade que o físico de Sartre era especial! Procurávamos o seu olhar: qual dos dois olhos devíamos fixar? Perguntávamo-nos por que não cuidava um pouco mais aquela epiderme defeituosa. Olhávamos as suas pequenas mãos que viviam e se agitavam no espaço. O sorriso não mostrava dentes perfeitos... Sartre não era um Adónis. Sim, está bem, e depois? Que importava isso...

Sartre estava inteiramente na voz. Mas a sua voz não era precisamente uma voz musical! E era também por isso que a minha atenção errava, pormenorizava o seu aspecto e também os livros, atrás das suas costas, em prateleiras de madeira simples, Heidegger, Hegel, Husserl, Marx, Kant, Freud... Toda a gente ali estava! (...)

Escrevo por «encomenda»

— Gostaria de o interrogar sobre a literatura

Jean-Paul Sartre — Diverte-o, porque quase nunca me falam a esse respeito. A filosofia, pelo contrário...

— Está a escrever ao mesmo tempo um livro sobre Mallarmé, um livro sobre Tintoreto, um livro sobre Flaubert e uma autobiografia, dir-se-ia que sem desejar acabar nenhum. Ou sem conseguir. Tem alguma explicação?

J.-P. S. — Tenho. Mas lá se vai a literatura e voltamos à filosofia!

Há quinze anos que procuro qualquer coisa: trata-se, se quiser, de dar fundamento político à antropologia. Era algo que proliferava. Como um cancro generalizado. Surgiam-me ideias, ainda não sabia o que fazer delas, e então punha-as onde calhava: no livro que estava a escrever.

Presentemente, acabou-se, estão organizadas, estou a escrever uma obra que me libertará delas, a *Crítica da Razão Dialéctica*. O primeiro volume vai sair dentro de um mês, o segundo dentro de um ano. Já não sinto necessidade de fazer digressões nos meus livros como se andasse sempre a correr atrás da minha filosofia. Vai depor-se em pequenos caixões, ficarei completamente esvaziado e calmo como depois de *O Ser e o Nada*. *O vazio*. Par um escritor, é a sorte. Quando não se tem nada a dizer, pode-se *dizer tudo*.

Quando o livro sobre a antropologia ficar para trás de mim, poderei escrever. Sobre o que calhar. Quanto à filosofia, far-lhe-ei apenas, para mim próprio, pequenas referências mentais.

— Em si, as ideias filosóficas vêm em primeiro lugar?

J.-P. S. — O que vem em primeiro lugar é sempre o que ainda não escrevi, o que projecto escrever — não amanhã, mas depois de amanhã — e que talvez nunca venha a escrever.

Mas quando se escrevem obras não filosóficas e ao mesmo tempo se rumina filosofia — como tenho feito sobretudo nos últimos dez anos — a mínima página, a mínima prosa, sofre de hérnias.

Nestes últimos tempos, quando sentia hérnias debaixo do aparo, preferia interromper-me. Eis a razão de todos estes livros em suspenso.

Naturalmente, gostaria muito de os acabar. Mas gostaria igualmente de escrever uma coisa completamente diferente. Por exemplo, dizer a Verdade. É o sonho de todo o escritor que envelhece. Pensa que nunca a disse — e não fez outra coisa senão dizê-la, está nu. Digamos que insiste, em todo o caso, em fazer o seu *strip-tease*. Os livros parados são encomendas. Sempre fiz literatura de circunstância, produzi por encomenda. Naturalmente, o empregador já não pode ser o Estado, é toda a gente ou cada um: um meio político de que faço parte, numa circunstância especial. A vantagem dessas encomendas reside em obrigarem o escritor a nunca «se preferir». E, na mesma volta, o público fica definido.

Madeleine Chapsal e Jean-Paul Sartre num café da Porte Saint Denis, em 1959

Nota:

As entrevistas contidas neste livro foram originalmente publicadas no **L'Express.** Uma primeira selecção homónima foi publicada em 1967 igualmente pela Dom Quixote. A tradução é de Regina Louro. Eis a lista dos entrevistados: François Mauriac, Jacques Lacan, Simone de Beauvoir, Merleau-Ponty, Sartre, Roger Vailland, Françoise Sagan, Gaston Bachelard, Jean Giono, Michel Leiris, Louís-Ferdinand Céline. André Breton, George Bataille, Jorge Luis Borges, Jean Paulhan, Henry de Montherlant, Jacques Prévert, Tristan Tzara, Jean Rostand e André Malraux.

Vinte e dois anos de Hemingway em cuba

«*Hemingway em Cuba*», do jornalista cubano Norberto Fuentes, é um livro fascinante e soberbo de 711 páginas de texto e fotos relatando, até ao mais ínfimo e delicioso pormenor, o que foi, nos 22 anos em que esteve na ilha de Fidel, a vida desse monstro sagrado do jornalismo e da literatura.

Com um breve, mas belíssimo, prólogo de Gabriel Garcia Marquez, «*Hemingway em Cuba*» esgotou de imediato mal foi posto à venda, sendo muito difícil arranjar um exemplar. Quis a sorte, no entanto, que em Havana, em fins de Março último, tivesse conhecido Nara, uma jovem apaixonada pela literatura e pela dança, que me ofereceu o livro religiosamente guardado na sua casa térrea em «El Vedado», próximo do «Habana Libre» — certa como está que em breve aparecerá, inevitavelmente, uma nova edição desta obra que a imprensa local afirma não ter precedentes na literatura cubana de hoje.

Como Garcia Marquez lembra no prólogo, apesar de Hemingway ter vivido tanto tempo em Cuba, na quinta de La Vigia em S. Vicente de Paula, nos arredores da capital habanera, e de aí ter escrito grande parte dos seus livros mais famosos — «*Por quem os sinos dobram*», «*Na outra margem do rio, por entre as árvores*», «*Paris é uma Festa*», «*O velho e o mar*» — esses são os anos menos conhecidos da sua vida, «não só porque foram os mais íntimos, mas também porque os seus biógrafos coincidiram em passar por eles com uma fugacidade suspeita».

Ora, Norberto Fuentes — e continuo a citar Garcia Marquez — «empenhou-se na tarefa colossal de averiguar como era o Hemingway de Cuba que alguns biógrafos pareciam interessados não só em ocultar mas igualmente tergiversar».

E o trabalho de Fuentes é, na verdade, notável. Necessitou de muitos anos de «pesquisas meticulosas, de entrevistas árduas, de reconstituições que pareciam impossíveis», até conseguir resgatar Hemingway «da memória dos cubanos sem nome que na verdade compartilharam a sua ansiedade quotidiana: o seu médico pessoal, os tripulantes dos seus barcos de pesca, os seus companheiros das lutas de galos, os cozinheiros e criados, os bebedores de rum das noites de S. Francisco de Paula».

Aquele jornalista cubano permaneceu meses inteiros «esquadrinhando os segredos» de Hemingway na Finca Vigia, e concluiu que ele «tinha estado dentro da alma de Cuba muito mais do que supunham os cubanos do seu tempo» e que «muito poucos escritores

Hemingway corrige um manuscrito no jardim da sua casa de Havana

tinham deixado tantas marcas que reterenciassem a sua passagem pelos sítios mais incríveis da ilha».

O resultado final de tal trabalho «é esta reportagem encarniçada e clarificadora que nos devolve o Hemingway vivo e um pouco infantil que muitos acreditávamos vislumbrar apenas entre as linhas dos seus contos magistrais. O nosso Hemingway: um homem amargurado pela incerteza e a brevidade da vida, que nunca teve mais do que um convidado na sua mesa e que logrou decifrar como poucos na história humana os mistérios práticos do ofício mais solitário do mundo».

O livro de Fuentes começa pelo que ele chama de «Santuário» — isto é, a Finca Vigia, o local escolhido pela terceira mulher de Hemingway para aí viverem em Cuba.

Lenta, mas gostosamente, ficamos a saber tudo sobre a vida do escritor — como gastava o seu tempo no dia-a-dia (levantava-se cedo, escrevia quase sempre de pé, até ao meio dia, nadava depois um pouco na sua piscina, almoçava, fazia a sesta a seguir, lia até à hora de jantar, recebia amigos pela noite ou ia até à cidade), como se relaciona com a vizinhança (que ainda hoje guarda gratas recordações «del Viejo» ou «del Papa», como carinhosamente lhe chamavam); como era visitado por personalidades famosas (desde Marlene Dietrich, Katherine Hepburn Ava Gardner e Gary Cooper, passando pelos toureiros Ordoñez e Dominguin e pelos escritores William Faulkner e Jean Paul Sartre, acontecendo que este último «não era santo da sua devoção»...); como se dava com os seus empregados (deliciosa a história do cozinheiro chinês); como era amado pelos pescadores de Cojimar, a povoação vizinha onde embarcava no «Pilar» para ir pescar nas águas quentes e ricas do golfo (pescadores que, de um modo espontâneo, erigiram no centro da sua terra uma estátua em bronze de Hemingway quando souberam da sua morte nos EUA, em 1961); como armou o seu barco para afundar submarinos alemães durante a II Guerra Mundial; como transformou em certo momento a sua casa num centro dos serviços secretos; como viveu rodeado de cães e, sobretudo, de gatos; como viajou repetidamente até África; como tinha os seus poisos certos em Havana, com relevo para o bar-restaurante *Floridita*, onde ainda hoje há um busto seu num recanto de uma parede, e que se tornou ponto de visita obrigatório para turistas e literatos que passam pela bela capital cubana.

(Para além do *Feoridita*, onde bebia o seu *daiquiri* regularmente, obrigatória também para os admiradores de Hemingway é a passagem pela *Bodeguita del Médio*, onde ele bebia o seu *mujito*, para já não falar do restaurante *Terrazo*, em Cojimar, que tem direito a anúncio colorido na televisão cubana. Mas o ponto maior da romaria hemingwaina é mesmo a quinta de La Vigia, onde tudo está religiosamente mantido como quando o escritor ali vivia e por onde passam muitos milhares de visitantes anualmente. Por vontade expressa de Fidel de Castro, amigo pessoal de Hemingway, com quem participou em vários concursos de pesca, La Vigia transformou-se numa casa-museu).

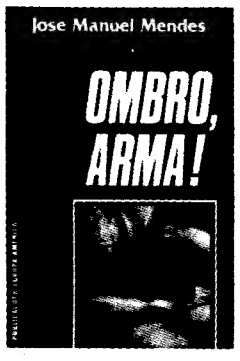
Mas voltando ao livro de Norberto Fuentes: aí se percebe com clareza as razões que levaram muitos biógrafos a passarem como gatos por brasas sobre o período 'cubano' de Hemingway. Contrariamente ao que muitos quiseram fazer crer, Ernest Hemingway sempre esteve com a revolução cubana. À sua maneira, evidentemente, mas a verdade é que ele se considerava um cubano e dizia não ser um «yankae». E vinte e cinco anos depois da sua trágica morte — um tiro no céu da boca quando, numa clínica norte-americana, se apercebeu da doença que o minava — o povo cubano continua a admirar «El Viejo».

Ao longo das bem escritas 711 páginas do livro, muitas são as histórias sobre Hemingway: as zangas com as mulheres, as suas superstições, os seus hábitos alimentares, as suas paixões pelo toureio, boxe, beisebol, luta de galos e gatos — em La Vigia chegaram a morar 57 gatos! — de tudo nos é dado conta.

No final, para além de um inventário do que existia na Quinta de La Vigia, descrita até ao pormenor, Fuentes oferece-nos uma lista dos livros e artigos escritos e publicados por Hemingway, bem como das obras sobre o escritor aparecidas nas mais diversas latitudes. E a terminar, uma pequena biografia de Ernest, «El Viejo».

Ribeiro Cardoso

ROMANCE DE UMA GERAÇÃO QUE TEVE DE IR À GUERRA



OMBRO, ARMA!

José Manuel Mendes

«Para mim, *Ombro, Arma!* significou a alegria do encontro com um verdadeiro escritor.»
Jorge Amado

Portugal, um quartel algures. Nele viveram e dele saíram jovens que foram fazer a guerra, em terras de África. Qual a sua existência? Que sentiram?

Este o novo romance de José Manuel Mendes, escritor e deputado, autor também de *O Despir da Névoa*. Uma obra em que os conflitos, os dramas e as personagens se entrecruzam, entrelaçam e entrechocam. No prefácio, disse Urbano Tavares Rodrigues: «A graça, a ternura, o sarcasmo, o carvão violento da caricatura, o nimbo dos êxtases eróticos vivificam esta narração que assenta numa prática social e transporta (com a liberdade do artista que conhece bem o valor e o prazer da escrita) as suas marcas indeléveis.
»*Ombro, Arma!* é um texto luxuriante e luminoso, um hino à amizade e ao amor, sempre vivificado pelo ímpeto da palavra, pela qualidade da escrita.»

A obra aí está, na Col. «Século XX»

À VENDA NAS MELHORES LIVRARIAS E PAPELARIAS

EUROPA-AMÉRICA ...a memoria no futuro

Acabados de chegar na próxima semana

O eu nos outros — O nosso peso obscuro

FINAL, também eu matei...»
«Lá estás tu com as tuas coisas...»
Ora estou...»

Foram-se afastando demoradamente dos carris, cruzaram a passagem de nível, pediram um café ao balcão. Do escasso estabelecimento, muito à beira da linha, via-se a mancha branca do lençol cobrindo o corpo trucidado. Havia gente ao redor, um pouco afastada, um chapéu na mão, uma pasta pousada no chão. Um polícia tomava notas num bloco — e o comboio, parado na curva, inclinado, parecia arrependido do seu peso.

«Um tipo novo...» — disse o empregado servindo os cafés.

«Conhecido por aqui...?»

«Que eu saiba não... Vi-o mesmo a atirar-se para debaixo do comboio... Eu estava ali à porta e...»

«Não diga mais...»

«Já não é o primeiro... Ainda no ano passado, ou há dois anos, não me lembro já, uma rapariga, era meio-dia...»

Os dois homens saíram, deixando o troco, acendendo um cigarro.

E o mais novo, com o lençol branco ainda nos olhos. perguntou ao outro quase num tom de acusação:

«Quanto pesas...?»

«Quanto peso...? Uns setenta, não sei... Porquê?»

«Oh, deixa lá...»

«Deixo lá...? Sinceramente, há cada pergunta que tu fazes...»

O outro encolheu os ombros, sorriu, fez sinal a um táxi e disse, um tanto envergonhado, mole:

«Vou para casa — e abriu a porta do táxi. Peso menos do que tu, mas acho que o meu peso no comboio também ajudou a matar aquele homem...»

«Oh, pá! Tu...»

Mas o táxi já arrancava, sumia-se na curva. E o homem assim abandonado, olhando o relógio e vendo o comboio ainda parado, começou à procura de um táxi para o escritório. E murmurava por entre o cigarro, os olhos no lençol branco a poucos metros:

«Setenta quilos eu... Ele menos de setenta... Quantos quilos todos nós...? Aquele Pedro, sinceramente... Aquelas manias de... Aquele pensar, aquele... bem, logo vou a casa dele.»

Pedro Alvim